



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

CHRISTIANE MONTALVÃO

**COMPOSIÇÃO SOCIAL E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS
HABITANTES DE VILA RICA NA DÉCADA DE 1810**

JUIZ DE FORA

2015

CHRISTIANE MONTALVÃO

**COMPOSIÇÃO SOCIAL E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS
HABITANTES DE VILA RICA NA DÉCADA DE 1810**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora para obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Angelo Alves Carrara

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF
Juiz de Fora, Abril de 2015.

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Montalvão, Christiane.

Composição Social e Distribuição Espacial dos Habitantes de Vila Rica na Década de 1810. / Christiane Montalvão. -- 2015. 128 f. : il.

Orientador: Angelo Alves Carrara

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2015.

1. Planta Topográfica de Vila Rica.. 2. Planta de Ouro Preto Vetorizada.. 3. Evolução do Centro de Histórico de Cantu na Itália.. 4. Número médio de imóveis segundo a Décima Predial de Minas Gerais, 1809-1826.. 5. Valor médio da Décima Predial de Minas Gerais, em réis 1809-1826.. I. Carrara, Angelo Alves, orient. II. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Angelo Alves Carrara Doutor - UFRJ/ UFJF
(Orientador)

Prof. Dr. Álvaro de Araújo Antunes Doutor - UNICAMP UFOP
(Membro externo)

Prof. Dr. Marcos Olender - UFJF
(Presidente)

Data de aprovação: ____/____/____

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém
ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”
(Arthur Schopenhauer)

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação. Primeiramente a Deus, e em especial meu orientador professor Angelo Alves Carrara. Meus sinceros agradecimentos pela orientação, pelo apoio e por acreditar e não deixar que eu desistisse nos momentos difíceis; obrigada também por confiar esta pesquisa a minha pessoa. Aos professores da pós-graduação deste curso e seus trabalhos durante as disciplinas. Aos Professores Dr^o Ricardo Zaidan e Dr^o. Marcos Olender, pelas críticas positivas, contribuições e esclarecimentos na qualificação, bem como aos Profs. Dr. Álvaro Antunes e Dr. Marcos Olender pela leitura atenta, críticas e sugestões durante a defesa.

Agradeço também a Universidade Federal de Juiz de Fora, pelos anos de acolhimento na graduação e no mestrado. Aos amigos que fiz no ICH e a bolsa concedida no segundo ano do programa, essencial para a participação de eventos e a compra de materiais. Devo igualmente agradecimentos à Kátia Nunes, em Ouro Preto, que generosamente discutiu pontos fundamentais deste trabalho.

Sou grata aos meus pais, Edson e Denize e toda a minha família também pela torcida, preocupação, carinho, e apoio incondicional no período que eu mais precisei. Vocês foram essenciais!

Aos meus amigos, incontestavelmente importantes nesta trajetória. Agradeço em especial a Pollyanna Precioso Neves, mesmo distante se fazendo presente todos os dias em minha vida. Obrigada pelos puxões de orelha, pelas revisões em meus textos, pelo companheirismo e pela amizade sincera. As amigas Paolla, Samila e Thalita pelos mais de 10 anos de amizade e diversão. As amigas Kelly e Marcelly, pelas aventuras e irmandade de sempre. Aos amigos Tiago Loures pelo incentivo, Fábio Cruz pela ajuda com alguns trabalhos e compreensão constante.

Ao meu namorado Pedro, que em pouco tempo se tornou importantíssimo em minha vida e acompanhou o fechamento deste trabalho me incentivando diariamente. Obrigada pelo enorme carinho e companheirismo.

À minha psicóloga Ana Paula de Castro, figura que se destaca por seu profissionalismo, ajuda e por toda a força que tem me dado durante o último ano, não tenho palavras para agradecer a sua importante ajuda nesta trajetória.

Essa vitória pertence a todos vocês, muitíssimo obrigado sempre.

Resumo:

O objeto desta dissertação é a distribuição demográfica do maior espaço urbano da capitania de Minas Gerais nos primeiros anos do século XIX – a capital da capitania de Minas Gerais, Vila Rica. As fontes sobre as quais se alicerçam esta pesquisa são principalmente o recenseamento da capitania de Minas Gerais de 1804 e o livro de tombos elaborado a partir de 1809. Quanto à metodologia, trata-se de um projeto que envolve o uso de ferramentas ligado aos Sistemas de Informação Geográfica (SIG), com o objetivo de contribuir para uma biografia do espaço.

Palavras chave: Vila Rica, Ouro Preto, Sistemas de Informação Geográfica, mapas, ruas, população.

Abstract:

The object of this work is the demographics of the largest urban space in the captaincy of Minas Gerais in the early years of the nineteenth century - the capital of the captaincy of Minas Gerais, Villa Rica. The sources upon which underpin this research are mainly the census of the captaincy of Minas Gerais 1804 and tumbles book drawn from 1809. As regards the methodology, it is a project that involves the use of tools linked to Systems Geographic Information System (GIS), in order to contribute to a biography of space.

Keywords: Black Gold, Villa Rica, Geographic Information Systems, maps, streets, population.

Sumário

1 – Introdução	10
1.1 – As fontes	10
1.1.1 – As listas nominativas dos habitantes de Vila Rica de 1804.....	11
1.1.2 – O livro de tombos de Ouro Preto de 1809	13
1.1.3 – A décima predial, 1809-1835	14
1.1.4 – A planta de Vila Rica de fins do século XVIII	16
1.2 – Metodologia	20
1.3 – Espaços urbanos, espaço geográfico	37
2 – Capítulo 1 – A ocupação do espaço urbano de Vila Rica: Apontamentos historiográficos	40
2.1 – Os espaços urbanos colônias de Minas Gerais	44
2.2 – A constituição do núcleo urbano de Vila Rica	56
3 – Capítulo 2 – A distribuição do espaço em Vila Rica no princípio do século XIX	60
4 – Capítulo 3 – Vila Rica no princípio do XIX: os distritos de Padre Faria, Agoa Limpa, Taquaral e Antônio Dias	76
4.1 – A distribuição dos proprietários/locatários nos bairros de Antônio Dias, Agoa Limpa, Padre Faria e Taquaral	78
4.2 – Duzentos anos depois	81
5 – Conclusão	88
6 – Fontes	89
7 – Bibliografia	90
8 – Anexos	96

Abreviaturas:

APM - Arquivo Público Mineiro

AHEX - Arquivo Histórico do Exército

CAD - Computer Aided Design – Projeto Auxiliado por Computador

CCCOP - Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto

GIS – Geographic Information Systems

IBPEX - Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão

INBSU – Inventário Nacional de Sítios Urbanos Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

RAMP - Revista do Arquivo Público Mineiro

SIAN - Sistema de Informações do Arquivo Nacional

SIG - Sistemas de Informações Geográficas

VR - Virtual Reality - Realidade Virtual

VRML - Virtual Reality Modeling Language

3D - três dimensões ou tridimensional

UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

1 - Introdução

Esta dissertação tem por objeto a distribuição demográfica no maior espaço urbano da capitania de Minas Gerais nos primeiros anos do século XIX – sua capital, Vila Rica. Seu objetivo fundamental é analisar a relação entre a condição social dos habitantes da vila e a localização de suas residências. Para tanto, será estudada a composição social dos residentes em dois distritos de Vila Rica na década de 1800: Antônio Dias e Padre Faria/Água Limpa/Taquaral.

Entre os fins do século XVIII e o início do XIX Minas Gerais deixara de ser uma capitania para tornar-se uma província do Império do Brasil. Mais do que uma simples mudança de nome, suas estruturas econômicas começaram a mudar profundamente:

Entre 1808 e 1813, a produção total de ouro tornou-se equivalente à produção agrícola e pecuária da Capitania, e não cessou mais de perder importância para estas últimas. Desde então, outras mudanças ocorreram rapidamente ...: 1807 foi o último ano em que o ouro em pó ... a ocupação da Zona da Mata e do Leste mineiro e o estabelecimento de uma política em relação aos índios a partir de 1813, a inclusão do Triângulo Mineiro em 1816, a rápida ocupação do vale do Paraíba mineiro e sua inclusão no complexo agroexportador cafeeiro a partir de 1818, marcaram o fim do 'Século do Ouro' na mentalidade do século XIX.¹

Neste sentido, pesquisa está alicerçada fundamentalmente sobre duas fontes: o recenseamento da capitania de Minas Gerais de 1804, e o livro de tombos de Ouro Preto de 1809. De modo adicional, recorreu-se também à decima predial e a um mapa de fins do século XVIII.

1.1. As fontes

As fontes a serem trabalhadas serão as listas nominativas dos habitantes de Vila Rica em 1804, o livro de tombos de Ouro Preto em 1809, a decima predial de 1809-1835 e uma planta cartográfica de Vila Rica nos fins do século XVII. A seguir falaremos um pouco mais de cada uma dessas fontes.

¹ CARRARA, Angelo Alves. *Minas e currais*; produção rural e mercado interno de Minas Gerais, 1674-1807. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2007, p. .

1.1.1. As listas nominativas dos habitantes de Vila Rica de 1804

Em 1804 o governo da capitania levou a efeito um amplo recenseamento da sua população em razão da

necessidade urgente de recolher fundos – proporcionados à situação individual de cada morador – destinados a aliviar as pesadas despesas de Portugal durante os primeiros anos do século XIX, às voltas com a inquieta situação gerada pelos conflitos militares com a Espanha e às constantes e insuportáveis pressões napoleônicas.²

O resultado deste esforço foi um conjunto de relações nominais de habitantes – as assim chamadas listas nominativas – que traziam informações sobre cada residência de um determinado local. Em geral, as listas registram a idade de cada morador, estado civil, ocupação e condição social (livre ou escrava). O trabalho do recenseamento da população ficou a cargo dos capitães de cada distrito, subordinados ao capitão-mor da vila. A fonte aqui considerada corresponde ao conjunto de listas reunidas em 1968 por Herculano Mathias e publicadas pelo Arquivo Nacional do Rio de Janeiro em 1969. Este autor considerou os distritos que corresponderiam ao que considerou “a parte urbana da cidade de Ouro Preto”, formada pelos distritos de Antônio Dias, Ouro Preto, Alto da Cruz, Padre Faria (inclusive Taquaral e Água Limpa), Cabeças e, sob a denominação de Morro, as áreas correspondentes ao Morro dos Ramos, Morro de São Sebastião, Jacutinga, Ouro Podre, Ouro Fino, queimada, Lajes, Caminho Novo, Morro da Piedade, Morro de Santana, Córrego Seco e Morro de São João. Não houve interesse em distribuir a população pelas ruas. No entanto, alguns apesar de referências esparsas em algumas listas a logradouros como as pontes do Rosário e Seca, a rua do Sacramento; Ponte Seca, a ladeira que sobe pela ria de São José até a Piedade, a rua do largo do Chafariz até a esquina da Rua Direita, a ladeira do Ouro Preto, a rua de Santa Quitéria, o largo do Palácio Velho, a rua dos Paulistas e a dos Perdões.

² MATIAS, Herculano Gomes. *Um recenseamento na Capitania de Minas Gerais; Vila Rica – 1804*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1969, p. vii. Os documentos originais fazem parte da Coleção Casa dos Contos de Ouro Preto: ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO/COLEÇÃO CASA DOS CONTOS DE OURO PRETO/Lista nominativa de Ouro Preto; 1804 [distritos: Morro, Antônio Dias, Alto da Cruz, Cachoeira do Campo, Padre Faria, Água Limpa, Taquaral, Cabeças]; rolo 620/fotogramas 0119.

Herculano Mathias avaliava o resultado final como “minucioso” e “completo”: as listas mostraram uma população urbana de 8.990 pessoas.³ Se consideramos as 1.651 residências inventariadas na décima predial de 1809 e os 1.008 imóveis registrados nos tombos a partir de 1809 temos um número médio de moradores por fogo variando entre 5,4 e 8,9. O problema está em que enquanto não se tiver uma exata correspondência entre a mancha urbana recenseada pela décima e a registrada nos tombos, não será possível estabelecer uma cifra minimamente aceitável. Esta incongruência reflete-se também com os dados relativos às profissões encontradas na vila nesse período. O número de militares, por exemplo, é de 99 no recenseamento, e nos tombos chegam a totalizar 180.

O estudo detalhado destas listas por Donald Ramos revelou algumas diferenças em relação aos números originalmente apresentados por Herculano Mathias. Em lugar dos 8.990 indivíduos computados por este último, Ramos dá um total de 8.785 pessoas, 68,8% dos quais eram livres (2.740 escravos).⁴ Um dos aspectos que chamou a atenção deste autor é a queda da população da vila quando comparada a seu número durante o apogeu da produção do ouro na década de 1740—cerca de 20.000 habitantes. Donald Ramos não menciona a fonte da qual extraiu este número, mas não resta dúvida quanto a uma queda da população urbana. Em 1815 o termo de Vila Rica, correspondente a todo o território do município, isto é, tanto as áreas urbanas quanto rurais, contava 5.937 escravos. Em 1749 este número era de 18.293 escravos. O problema está em avaliar os níveis diferentes de queda da população rural e da população urbana. É possível que a queda demográfica nas áreas rurais tenha sido mais intensa do que nas áreas urbanas, pela própria natureza das atividades desempenhadas pela população em um e outro espaço. Mesmo que se possa questionar o número de 20.000 indivíduos para a área urbana nos meados do século XVIII por conta da ausência de um valor válido para toda a população da vila nos meados do século XVIII fundado em fontes confiáveis, os dados disponíveis em 1766 para toda a comarca de Vila Rica, constituída então pelos termos de Vila Rica e Mariana dão um total de 98.896 indivíduos, 38.647 (39,07%) dos quais escravos.

³ MATHIAS, Herculano Gomes, *Um recenseamento na Capitania de Minas Gerais: Vila Rica – 1804*. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, 1969, p. iv.

⁴ RAMOS, Donald. *Vila Rica: profile of a colonial Brazilian urban center*. *The Americas*, v. 35, n. 4 (apr., 1979), p. 495-526.

1.1.2. O livro de tombos de Ouro Preto de 1809

Este documento contém o registro das propriedades da Câmara de Vila Rica doadas pela carta de sesmaria de 17 de janeiro de 1736, e segundo a provisão de 11 de dezembro de 1734.⁵ O termo de abertura foi assinado em 30 de setembro de 1806 pelo desembargador Lucas Antônio Monteiro de Barros. Mais adiante (fols. 3 e 3v.), o documento refere o tombamento da vila pela ordem régia de 4 de janeiro de 1735, iniciando-se o tombamento em 1º de junho de 1737. A iniciativa para a confecção deste livro foi explicada pelo capitão Luís José Maciel, então procurador da Câmara desta Vila Rica, em ofício posterior a junho de 1809 no qual requeria ao Desembargo do Paço a nomeação do “dia para se dar princípio à ... demarcação do Tombo”, bem como do escrivão, “arruador do Concelho para se fazer alguma medição onde houver suspeita”, e “procurador que requeira o benefício do Conselho”:

como quase todos os edifícios eram de madeira desde a superfície da terra, a corrupção do tempo tem consumido muita parte deles, não havendo a providência de se fazer declaração do que se demoliam e passagem que se fizeram: de possuídos a [...] possuidores e alguns intrusos se fizeram; outros, sem as solenidades da lei, de sorte que se acha o tombo da vila em tal confusão, que é impossível vir se no conhecimento do seu total rendimento, para dele se poder verificar a décima, na conformidade do alvará de 3 de junho de 1809, que se refere ao outro alvará, de 1.º de junho de 1808.

Como resultado, em 9 de outubro de 1809 foi emitida a provisão régia pela qual se ordenou proceder à “medição e demarcação das terras de sesmaria concedida à Câmara” de Vila Rica.

A partir de então começaram a ser registrados os imóveis propriamente ditos, sistematizados por rua, conforme o exemplo abaixo:

Rua do Passa Dez até o Alta do Passa Dez:

1. O tenente Domingos Fernandes Rebelo, a sua chácara sita por cima do córrego da Olaria, que parte pelo poente com a estrada que segue desta Vila ao Tripuí e do nascente com a chácara de Domingos de Crasto (Castro) Novais. Frente: trezentas e doze braças. (Livro V, fls. 78).

⁵ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO/Tombos Foreiros, 1806-1812 – livro 12, volume 152. Os dados deste documento foram pela primeira vez sistematizados por Salomão de Vasconcelos: VASCONCELOS, Salomão de. *Como nasceu Ouro Preto*; sua formação cadastral desde 1712. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, v. 12, 1955, p. 171-232.

Em boa parte os registros trazem o valor do arrendamento. Na mesma rua:

17. O padre Manoel da Silveira Gato, em um terreno sem edifício, frente à rua que desce para o Passa Dez, que parte do poente com casas do alferes João Gonçalves Dias e do nascente com um beco público que sai da rua para o campo e fonte da Olaria . Frente: 12 braças (em nome de Ana Maria de Jesus; Livro V, fls. 137)

18. O mesmo padre Manoel da Silveira Gato nos fundos do aforamento supra. Frente: 13 braças . (Livro V, fls. 168). 75 réis por braça.

19. O padre Manoel da Silveira Gato, as casas de sua residência na rua do Alto das Cabeças, que partem do nascente com estrada que segue para a Cachoeira e do nascente com casas do alferes João Gonçalves Dias. Frente: 20 braças. (Livro IV, folhas 126, 212, 298 e 299, em nome do Capitão José Fernandes).

20. O mesmo padre Manoel da Silveira Gato, nos fundos do aforamento supra, frente à mesma estrada que segue para a Cachoeira. Frente: 8 braças . (Livro IV, fls. 298 em nome do mesmo capitão José Fernandes). 150 réis por braça.

Os dados relativos à rua, nome do foreiro, condição do foreiro, tipo do imóvel, número de braças e valor em réis por braça de cada imóvel foram recolhidos e lançados numa planilha Excel.

1.1.3. A décima predial, 1809-1835

De acordo com o alvará que o instituiu, o imposto da décima nos prédios deveria atingir a todos os moradores em arraiais, vilas e cidades do império português, com exceção dos da Ásia, "pela decadência em que se acham", e dos que pertencessem às Santas Casas das Misericórdias, "pela piedade do seu instituto". Para a Coroa, ele teria a vantagem de ser o mais geral e repartido com mais igualdade, pois que pagavam-no os inquilinos e os proprietários: por meio dos impostos nos bens de raiz, considerados permanentes e seguros, vir-se-ia a taxar o proveito e o trabalho muito mais geralmente (leia-se "abrangeiramente"). Os proprietários de todos os prédios urbanos habitáveis da Corte e de todas as cidades, vilas e lugares notáveis situados à beira-mar no Estado do Brasil deveriam pagar anualmente 10% do seu rendimento líquido. Eram considerados prédios urbanos todos aqueles compreendidos nas demarcações pelas

Câmaras respectivas. Os mesmos 10% também deveriam ser pagos pelos senhores diretos pelos foros que percebessem e instituídos nos referidos prédios urbanos. Nos prédios habitados por seus donos era observada a mesma formalidade, com a diferença de que a Junta do Lançamento arbitrava o valor do aluguel, não como rendimento do valor do prédio, mas por arbítrio razoado de quanto poderiam render, se andassem alugados.⁶

Feita a descrição no caderno, que deveria ficar no cartório de cada Escrivão, era ela copiada para um livro encadernado, com seu termo de abertura e encerramento, rubricado por cada um dos Superintendentes, e dele se fazia outro traslado autêntico em igual livro, de modo que fossem dois os livros do lançamento. Do mesmo modo, haveria dois de igual forma para a receita, também rubricados e encerrados, mas com menor número de folhas. Neles eram escritas as somas, referindo-se ao livro dos lançamentos respectivos e dos quais se apontavam as folhas. Um exemplar do livro de lançamento e outro da receita eram remetidos para o Real Erário na Corte quando originária capitania do Rio de Janeiro. Nas outras capitanias, para as correspondentes Juntas da Real Fazenda. Os outros exemplares se guardavam nos cofres municipais. Terminada a escrituração, eram arquivados, nada mais podendo ser-lhes acrescentado. Os superintendentes receberiam 2% pelo trabalho dos lançamentos e despesa dos livros e pela cobrança, e 3% de tudo que entregassem líquido nos cofres reais.⁷

Os 469 livros que compõe a série documental da décima predial cobrem muito irregularmente o conjunto das vilas e arraiais de Minas Gerais. Faltam, por exemplo, alguns arraiais que ainda no período da cobrança deste tributo tornaram-se vilas. São os casos de Montes Claros, Januária, Rio Pardo de Minas e Rio Pomba, que se emanciparam entre 1831 e 1834. Também ausentes estão os arraiais do Triângulo Mineiro. Em geral, o estado de conservação de todos é muito bom. Um dos problemas que a série apresenta é a exiguidade de dados contínuos para alguns lugares, como Aiuruoca, Alagoa, Cabo Verde, Catas Altas, Formiga, Inficionado, Ouro Fino, Passagem de Mariana, Piranga, São Vicente, Serranos e Turvo.

⁶ Sobre a série documental da décima predial em Minas Gerais, cf. CARRARA, Angelo Alves. Espaços urbanos de uma sociedade rural: Minas Gerais, 1808-1835. *Varia História*, Belo Horizonte, n.25, p. 144-164, 2001; CARRARA, Angelo Alves. *A Real Fazenda de Minas Gerais: guia de pesquisa da Coleção Casa dos Contos de Ouro Preto* (Instrumentos de Pesquisa, vol. 1). 1. ed. Ouro Preto: Editora da UFOP, 2003.

⁷ Para o inventário detalhado dos livros desta série cf. CARRARA, Angelo Alves. *A Real Fazenda de Minas Gerais: guia de pesquisa da Coleção Casa dos Contos de Ouro Preto*. Ouro Preto: Editora da UFOP, 2003, p. 34-37/69-86 (Instrumentos de Pesquisa, vol. 1).

Os livros registram informações referentes ao proprietário ou ao morador do imóvel, ao valor cobrado e à localização do prédio (às vezes por rua e por lado). Não é demais salientar aqui a importância dessa série da Coleção Casa dos Contos de Ouro Preto para os estudos relacionados ao desenvolvimento urbano em Minas na primeira metade do século XIX. É ela que permite se conheçam os ritmos de crescimento e decrescimento dos núcleos urbanos mineiros, nos anos que se seguiram imediatamente à substituição da mineração pela agropecuária como a atividade econômica que maior riqueza produzia na Capitania.

A série relativa à Ouro Preto é das mais completas: entre 1809 e 1836 só faltam os livros dos anos de 1810, 1817 e 1830.⁸

1.1.4. A planta de Vila Rica de fins do século XVIII

A planta de Ouro Preto é assinada por P. D. Almeida, não tem data, mas é seguramente posterior a 1781, porque nela já aparece o prédio do atual Museu da Inconfidência, inaugurado naquele ano. Aparece também a "ponte do contrato", ao lado do que é hoje o prédio da Casa dos Contos, que a partir de 1784 também era chamada de Casa dos Contratos (anexo 1). O curioso é que não há para esta qualquer destaque, como é feito para outros imóveis. É disto que decorre a suspeita de que na época de elaboração da planta, esta construção não estivesse ainda inteiramente concluída.⁹

⁸ A referência do primeiro livro é a seguinte: ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO/COLEÇÃO CASA DOS CONTOS DE OURO PRETO/Décima predial de Ouro Preto; 1809; volume 3540; rolo 215/fotograma 1130;

⁹ ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO/MAPOTECA/Planta de Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar. Autor: P. D. Almeida, colorido, nanquim, tinta colorida, aquarela, com legenda, com seta norte, escala em braças, papel canson telado, bom estado, medindo 83cm x 29cm; localização: 5.051.113. Do mesmo período há planta de Diamantina, que traz de fato a data: 1784. É assinada por Antônio Pinto de Miranda, que teria nascido ao redor de 1730, tendo vivido no arraial do Tijuco entre 1740 e 1840. Foi casado com Francisca Rosa dos Santos Soares (AHEx - ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO/MAPOTECA/Planta do arraial do Tijuco; autor: Antônio Pinto de Miranda; colorido, nanquim, tinta colorida, aquarela, com legenda, com seta norte, escala em braças, papel canson telado, bom estado, medindo 55cm x 41,5cm; localização: 06.01.1131. Quanto aos dados relativos ao autor, a fonte aqui é o inventário de Caetano Luís de Miranda (IPHAN/Biblioteca Antônio Torres (Diamantina), Segundo Ofício, 1837, maço 175). Antônio Pinto deve ter sido europeu, talvez espanhol. E deve ter tido conhecimento de artes e principalmente de tintas para pintura). Mariana também dispõe de outros dois mapas (ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO/MAPOTECA/Planta da cidade de Mariana; colorido, nanquim, tinta colorida, aquarela, com nota explicativa, com rosa dos ventos, escala em braças, papel canson, com moldura, bom estado, medindo 32 cm x 31 cm; localização: 06.01.2893; e Planta da cidade de Mariana; colorido, nanquim, tinta colorida, aquarela, com rosa dos ventos, escala em braças, papel canson telado, bom estado, medindo 70cm x 63,5cm; localização 15.03.2073).

Esta planta foi de fato o ponto de partida da presente pesquisa, e por si só exigiria um estudo à parte, em razão do momento, propósitos e técnicas empregadas em sua elaboração. Segundo Júnia Furtado,

O estudo da cartografia engendra uma série de outros elementos, tais como o entendimento das técnicas de medição do espaço, das noções de forma e de área que expressam, dos espaços que o mapa cobre e dos que deixa em branco ou preenche com um desenho ou uma iluminura. Tudo isso compõe a forma como o homem entende e representa o mundo e exige do estudioso um esforço interdisciplinar. Todo mapa é um conjunto de signos ou símbolos historicamente construídos. Podemos compreender os mapas produzidos no passado, como da mesma forma fazemos com os documentos outrora escritos, a partir do conhecimento dos elementos que compunham a cultura na qual eles foram formulados, ainda que não tenhamos vivido na mesma época. É aí que reside o trabalho do historiador e é aí que a Cartografia e a História se tornam indissociavelmente ligadas.¹⁰

Por ser contemporânea de outros mapas produzidos na capitania, como os de José Joaquim da Rocha, é possível que todos façam parte de um esforço comum de conferir maior rigor ao conhecimento do território da capitania. Enquanto esteve no Brasil, o engenheiro português José Joaquim da Rocha produziu cinco mapas da capitania de Minas Gerais:

... o mais importante é que nos cinco mapas as imagens cartográficas buscam apresentar uma perfeita correspondência com a região representada. Todas as cidades, as vilas, as estradas, os registros, os rios e os limites da capitania estão razoavelmente dispostos em suas posições no território e as escalas apresentam uma adequada proporção com o espaço real. Uma escala em léguas disposta em um dos cantos das cartas enfatiza ainda mais a perfeita relação entre o território real e a sua representação espacial. Além disso, uma rosa dos ventos indica a posição da capitania e suas subdivisões em relação aos pontos cardeais e, nas bordas, estão marcadas as graduações dos meridianos e das latitudes entre os quais a região se localiza, estabelecidas a partir do meridiano da ilha de Ferros.¹¹

Ainda segundo Júnia Furtado,

¹⁰FURTADO, Junia. Ferreira. Mapas das Minas. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 46, n. 2, jul.-dez. 2010, p. 24-25, p. 25,

¹¹Idem 19.

Rocha foi muito provavelmente preparado para o exercício da função de engenheiro nas classes da Aula Régia de Arquitetura Militar, recebendo formação segundo os novos métodos nas áreas de construção de fortificações, de artilharia militar e da cartografia.¹²

Talvez por buscar retratar um território menor – o espaço urbano de Vila Rica, P. D. Almeida não tenha sentido necessidade de representar no seu mapa elementos como as graduações dos meridianos e das latitudes. Em lugar disto, contudo, não deixa de registrar nem o norte geográfico por meio de uma seta no canto superior central, nem a escala (no original, petipé) de 160 braças.

Jorge Pimentel Cintra, faz uma leitura do Mapa das Cortes analisando o autor, a escala, projeção, meridiano de origem, cores, convenções entre outros além de aplicar critérios da cartografia, em particular da cartografia matemática; análise morfológica qualitativa e exame qualitativo.¹³ Não podemos proceder de tal forma, pois nossos dados são bastante incompletos a respeito do mapa de Almeida. Não há símbolos, ou quaisquer outros detalhes, poucos escritos, não há identificação de ruas, há uma coloração sépia, devido ao tempo; a hidrografia se faz presente, assim como as pontes e algumas edificações já importantes da época, como a Casa de Câmara e Cadeia e o Palácio dos Governadores. Mas se compararmos a planta cartográfica de Ouro Preto (2006) em vermelho e a ilustração da Planta de Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar do autor: P. D. Almeida, vetorizada (século XVIII, na cor branca) no programa AutoCAD, podemos verificar que a planta produzida por P. D. Almeida é uma ilustração não fiel do espaço, dadas as condições da época (figura 1).

¹²FURTADO, Junia. Ferreira. Um cartógrafo nas Minas. Revista do Arquivo Público Mineiro, v. 46, p. 152 a 161, 2010.

¹³ A respeito de análises cartográficas consultar o texto de Jorge Pimentel Cintra sobre perspectivas cartográficas no link http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142009000200005&script=sci_arttext



FIGURA 1 – Planta topográfica de Vila Rica (AHEX - Arquivo Histórico do Exército – RJ)

Fonte: ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO/MAPOTECA/Planta de Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar. Autor: P. D. Almeida, colorido, nanquim, tinta colorida, aquarela, com legenda, com seta norte, escala em braças, papel canson telado, bom estado, medindo 83cm x 29cm; localização: 5.051.113.

1.2. - Metodologias

O uso do substantivo acima no plural deve-se a que de fato os procedimentos da pesquisa seguiram em duas frentes distintas, cada qual adequada ao tipo de fonte utilizada. No caso do recenseamento de 1804 e do livro de tombos de Ouro Preto de 1809, o tratamento das informações consistiu nos procedimentos usuais empregados pela história quantitativa: coleta e sistematização de dados numa planilha (no caso, do programa Excel). Estes procedimentos não ofereceram nenhum contratempo. Na realidade, este procedimento é parte de um capítulo importante na história do movimento dos Annales, e que a partir de sua segunda fase, com Enerst Labrousse, se tornou um modelo não apenas para a História Econômica, mas também para outras modalidades como a História Demográfica, por exemplo:

A possibilidade de se estabelecer uma História Serial está relacionada a um novo conceito: o de "série". Trata-se de considerar os documentos ou as fontes históricas não mais em sua perspectiva singular, como documento único, a ser analisado nos seus próprios limites, mas sim como partes constituintes de uma grande cadeia de fontes de mesmo tipo. A série é necessariamente formada por fontes homogêneas, comparáveis, capazes de serem apreendidas no interior de uma continuidade (seja uma continuidade temporalizada ou espacializada), e que permitam uma 'abordagem de conjunto' através de aportes metodológicos como a quantificação, a análise tópica, a identificação de recorrências ou mudanças de padrão no decorrer da série. O objetivo da análise de séries, neste sentido, é perceber tanto as permanências como as oscilações e variações (por exemplo, em uma determinada sequência de tempo). Não é todo o tipo de documento que se presta à quantificação ou à serialização, mas podem ser mencionadas entre as diversas fontes que se abrem a estas abordagens as listas de preços, os documentos contábeis, os documentos do fisco, os balanços financeiros, a documentação de compra e venda, os registros de alfândega, os arquivos notariais e paroquiais, os documentos do censo, a documentação judicial, as fontes cartoriais como os testamentos, certidões de nascimento e casamento, os registros de imóvel, o estabelecimento de firmas.¹⁴

Ocorre que não nos foi possível correlacionar de modo satisfatório as informações da lista de habitantes de 1804 com as do livro dos tombos de 1809. Se se toma por exemplo uma única rua do distrito do Padre Faria, Água Limpa e

¹⁴ BARROS, José D'assunção. A história serial e história quantitativa no movimento dos Annales. *História Revista: Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia*, v. 17, n. 1, p. 203-222, 2012.

Taquaral – a “ladeira que principia no Alto da Cruz e segue por Água Limpa até o Taquaral”, correspondente hoje ao trecho da rua Quintiliano Maciel, pelo asfalto, em direção a Mariana, passando pelo chafariz da “Água Limpa” ou Águas Férreas (número 28 no anexo 2) – dos imóveis registrados nos tombos, só a terça parte são de imediato correlacionados aos fogos do recenseamento (tabela 1).

Nome do foreiro	Elemento de correlação no recenseamento
<i>Duarte José da Cunha</i>	
Ana Francisca <i>Francisco Gonçalves e outros</i>	seu nome aparece com esposa de Bonifácio, pardo
<i>Bernarda Gonçalves</i>	
Antônia Alves Braga <i>Ana de Souza</i>	*Antônio Alves Braga
José Francisco Duarte Inácio de Carvalho	Adriana ver Gonçalo
<i>Eusébio Silva Ribeiro</i>	
João da Silva Freitas Manuel Ramos	
Ana Mendes Ana Varela	seria na realidade Maria Varela com 5 filhos?
Teresa Francisca Mendes Gonçalo Alves	costureira 35 Gonçalo crioulo, 60 anos, mineiro, agregado de Inácio Carvalho, crioulo 40anos
herdeiros de Ana Gonçalves <i>Hilário Vaz</i>	crioula forra, com três filhos; vivem de roça Hilário crioulo pobre e sua mulher Antônia
Páscoa Lopes <i>Antônia Nunes da Silva</i>	há uma Páscoa Neta Correia, crioula forra
<i>Antônia Varela, herdeiros de</i>	
Florência Martins <i>Maria de Carvalho</i>	cc. João de Souza Moura, branco pedreiro 2 filhos
<i>Francisco Rodrigues</i>	sapateiro, cc Joana dos Santos
<i>João Pires</i>	sem negócio
<i>Manuel Gonçalves Chaves</i> <i>Manuel Gonçalves Chaves e seu irmão Damião</i> <i>Gonçalves Chaves</i>	cobranças, cc. Lourença Francisca 1 filho 1 escravo entre o anterior e este há o registro de Teresa Gonçalves Chaves, Mina, roça, com 2 escravos
<i>Antônio Vieira da Cruz</i> <i>Leandro Gonçalves Moreira</i> <i>Lima</i>	
Antônio da Silva Torres	filho de Francisca da Silva Torres 7 escravos 2 agregados
Rosa Maria Antunes	há uma Rosa Antunes de Oliveira, que vive de costuras, com uma filha de nome Rosa e outros dois: Angélica e João, com 7 escravos
<i>Francisco Pereira Vilanova</i>	

Tabela 1: correlação entre os nomes cadastrados no livro dos tombos e os registrados na lista de habitantes de 1804 no distrito de Padre Faria, Água Limpa e Taquaral

Observação: em itálico os nomes que coincidem em ambas as fontes

Abreviaturas: A: nome do foreiro nos tombos.

Fontes: MATHIAS. Herculano Gomes, *Um recenseamento na Capitania de Minas Gerais: Vila Rica – 1804*. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, 1969; ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO/Tombos Foreiros, 1806-1812 – livro 12, volume 152

Por este motivo, esta pesquisa apresenta resultados variados, conforme o tipo de fonte utilizado.

O mesmo não ocorreu com o tratamento das informações contidas tanto no livro da décima de 1809 quanto no mapa de Vila Rica. No caso da décima, o estado do microfilme na Casa dos Contos não permitiu a coleta dos dados, razão pela qual seu tratamento limitou-se aos dados agregados mais gerais.

Já com relação ao mapa do final do século XVIII, uma série de avanços e retrocessos caracterizaram os primeiros meses da pesquisa, exatamente por não dispormos de uma referência adequada para este tipo de trabalho. Este talvez seja o maior custo quando se lida com uma pesquisa que avança sobre um campo ainda inexplorado como o do geoprocessamento aplicado à história, isto é a associação de sistemas de informação geográfica (SIGs) aos conhecimentos históricos. Por SIG (ou GIS – “geographic information system”, em inglês) consiste num conjunto de ferramentas que permitem trabalhar com informações espaciais e geográficas, integrando e sobrepondo diversos tipos de dados. Esta associação permitiria não apenas representar os espaços urbanos ou rurais, mas principalmente possibilitaria a criação de novas fontes, isto é, de “metafontes”. Segundo Grava,

Através do mapeamento foram reconstruídos espaços históricos, utilizando técnicas de informação geográfica; tais metodologias permitiram correlacionar à paisagem real com a do passado, além do estado de transição digital do (arquivo de documentos) material de origem para o intangível (digital) – os novos dados (metafonte).¹⁵

¹⁵ GRAVA, Massimiliano. *Fonti cartografiche di Toscana e Catalogna di età Moderna e Contemporanea*. Ricostruire con il GIS, comunicare con WebGIS. Universitat de Girona, Dottorato di Ricerca In Storia e Informática 2011, p.59 (“Attraverso la cartografia si sono ricostruiti spazi storici utilizzando tecniche informativo geografiche; tali metodologie hanno consentito di mettere in relazione il paesaggio attuale con quello del passato. Oltre alla transizione digitale della fonte dallo stato materiale (documento dell’archivio) a quello immateriale (digitale), il nuovo dato (metafonte)”).

Por conta desta abordagem, o historiador é levado a não apenas processar dados quantitativos, mas igualmente utilizar novos softwares como, por exemplo, o AutoCAD e o ArcGIS. O AutoCAD (“desenho auxiliado por computador”) é um programa de computador utilizado principalmente para a elaboração de peças de desenho técnico em duas dimensões (2D) e para criação de modelos tridimensionais (3D). É amplamente utilizado em arquitetura, design de interiores, engenharia civil, engenharia mecânica, engenharia elétrica, utilizados por geógrafos, e em vários outros ramos da indústria e pesquisa técnica. Já o ArcGIS é um programa de computador fornecido pela Environmental Systems Research Institute, empresa americana especializada na produção de soluções para a área de informações geográficas. No site da ESRI, o ArcGIS é apresentado como "um sistema incremental de software para criação, gestão, integração, análise e disseminação de dados geo-espaciais, ao nível individual ou global de uma rede distribuída de pessoas" (o próprio fabricante o define como software ou seja, programa). Tais programas de computador permitem produzir uma imagem do espaço tanto em duas dimensões (2D) como em três dimensões (3D), com coordenadas geográficas a partir de pontos existentes desde o período colonial, que é o caso de algumas edificações de Ouro Preto.

As fontes e as metodologias disponíveis permitem que, ao escolher o dito espaço/tempo, possamos formular perguntas às fontes que nos concedam respostas capazes de reconstruir a dinâmica social e do espaço de Vila Rica ao final do século XVIII e início do XIX.

Num primeiro momento, produzimos um mapa digital de base no programa AutoCad, especializado em auxiliar na elaboração de desenhos nas áreas de engenharia, arquitetura, design, geologia ou qualquer outro tipo de desenho técnico. Este procedimento inicial correspondeu ao seguinte conjunto de passos:

1. produção de uma imagem fotográfica do mapa original;
2. inserção da imagem fotográfica no arquivo a ser gerado ao final;
3. definição das camadas ("layers", em inglês), um recurso oferecido pelo AutoCad que permite manipular as camadas do desenho, funcionando como um layout. Para cada elemento do desenho apresentado – propriedades, rios, montanhas, etc. – foi definido um "layer" caracterizado por uma determinada cor e espessura. Essa definição é importante para se conseguir obter uma melhor apresentação do trabalho na forma plotada. A cor e a espessura é que darão “vida e realidade” ao trabalho finalizado;

4. desenho de cada elemento a partir de linhas ou poli-linhas que já têm seu "layer" estabelecido. A construção do desenho a partir de vários "layers" produz melhores resultados, pois os "layers" podem ser modificados a qualquer hora a fim de atender os objetivos propostos.

5. a partir de então, o mapa de Ouro Preto foi sendo construído a partir das informações da imagem inserida no AutoCAD.

Figura 2-A: Planta de Ouro Preto vetorizada em AutoCAD.

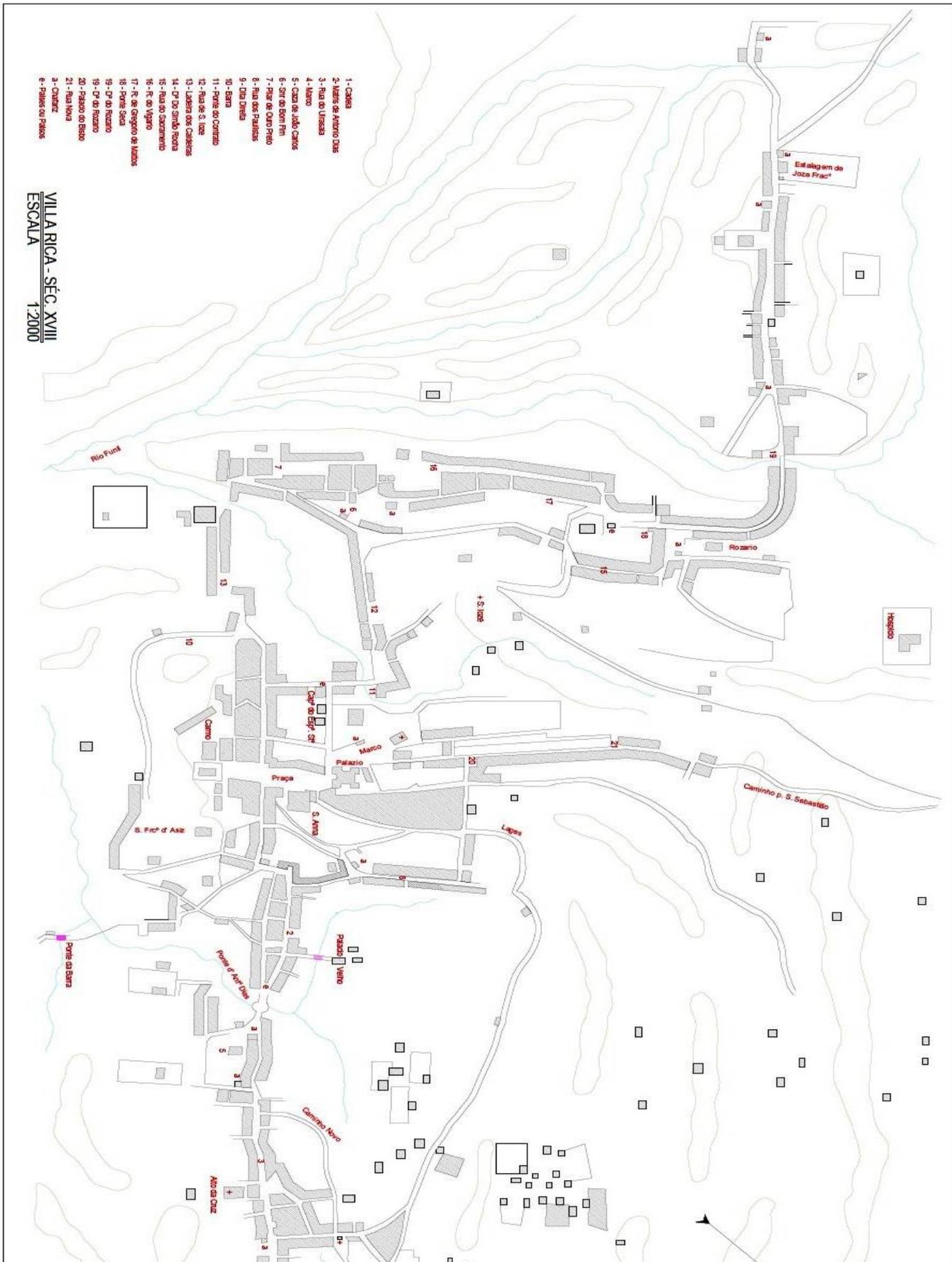
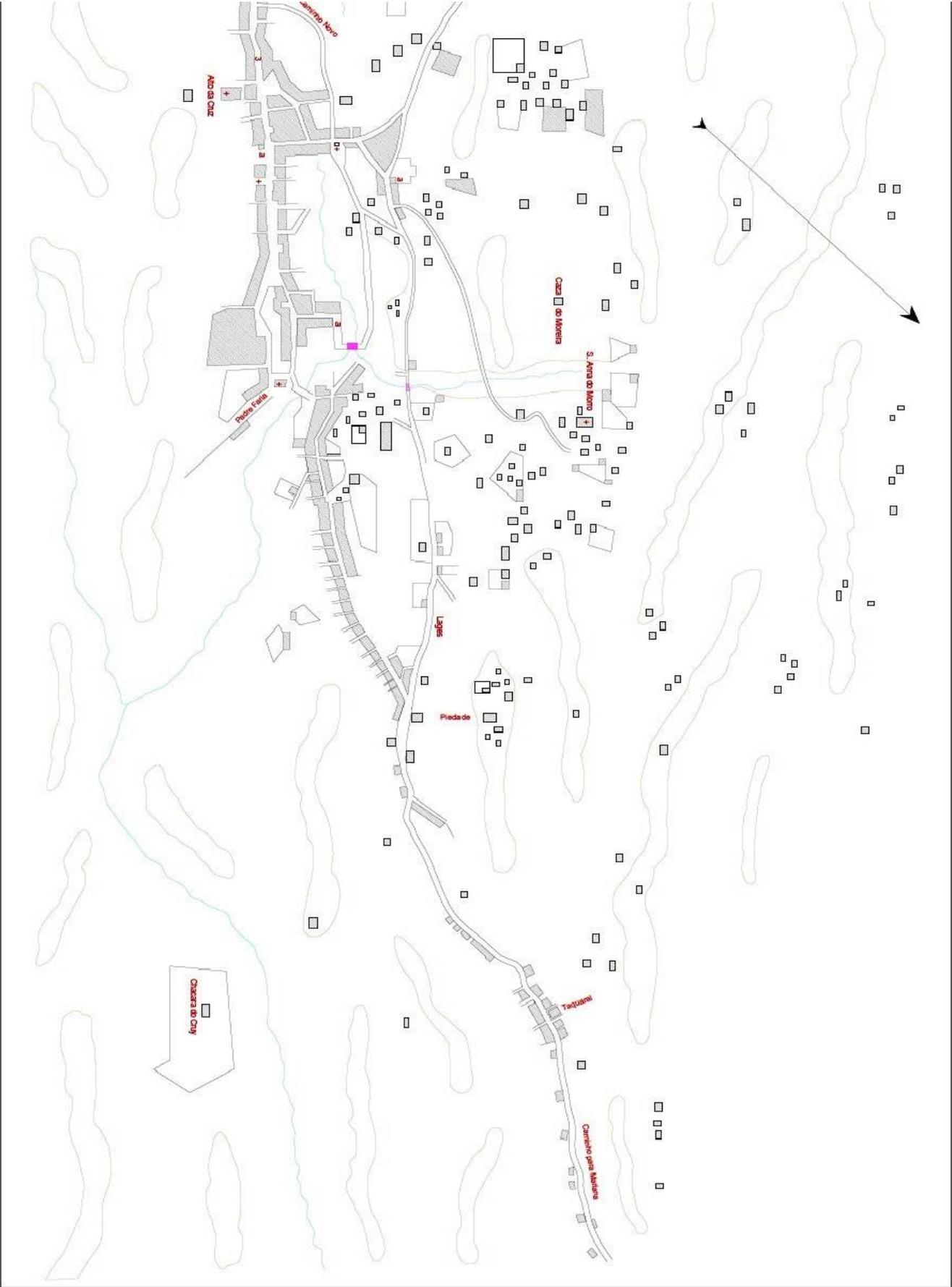


Figura 2-B: Planta de Ouro Preto vetorizada em AutoCAD.



O mapa foi desenhado em segunda dimensão (2D), mas o programa oferece ferramentas para que sua construção seja desenvolvida em 3D (terceira dimensão).

Nesta primeira fase, entretanto, optamos por desenvolvimento mais simples.

Pelas razões apresentadas acima (a ausência de referência deste tipo de metodologia), foi a etapa mais demorada, mas ao final foram vencidas todas as dificuldades de acertar os primeiros passos e encontrar uma maneira de ilustrar o mapa com vegetações (hachuras e blocos específicos de vegetações – outro recurso oferecido pelo AutoCAD). Este procedimento seguiu muito de perto o método de elaboração do plano de Lyon vetorizado a partir da planta cadastral dessa cidade do século XIX, e cujo objetivo foi produzir um documento utilizável para pesquisas futuras. A diferença estava em que o ponto de partida na iniciativa francesa foi desenhá-lo em um formato eletrônico por meio da decomposição em camadas vetorizadas (figura 3). No final, pretendia-se que a superposição dos planos (o vetorizado e o manuscrito) permitisse interpretar precisamente as diferenças. A correção geométrica é operada segundo um posicionamento num sistema de referência único dos pontos dos quais sabe-se que não mudaram, por representarem uma mesma realidade física em duas datas diferentes.¹⁶

Pensávamos que seria fácil num segundo momento comparar o mapa desenhado a partir da imagem original do século XVIII com a planta mais recente de Ouro Preto de que dispúnhamos (de 2006). Este procedimento, contudo, mostrou-se absolutamente ineficaz, pois a planta manuscrita não contém indicação de qualquer sistema geodésico de referência (característica, aliás, comum à planta de Lyon). Por não ser georreferenciado, o resultado não nos assegurava o rigor necessário. De qualquer maneira, esta primeira confrontação já nos permitiu observar a ocupação de terrenos vazios, o desaparecimento de ruas e o surgimento de novas construções incorporadas às construções do século XVIII. Isto nos animou a publicar no *Boletim do Grupo de Pesquisa em História Econômica e Georreferenciada* e também no blog da Asociación Mexicana de Historia Económica uma pequena nota sobre este trabalho. O objetivo foi apresentar alguns exemplos dos projetos desenvolvidos.

Paralelamente, foi dado prosseguimento aos estudos voltados ao aprimoramento da utilização do software, e nesse momento foi fundamental a participação do professor Ricardo Zaidan, igualmente membro do Grupo de

¹⁶ GAUTHIEZ, Bernard Gauthiez. Lyon en 1824-32: unplan de l'ancien cadastre en forme de vecteur d'après le cadastre ancien. *Géocarrefour*, v. 83, p. 57-68, 2008.

Pesquisa em História Econômica. De especial interesse foram as instruções relativas às maneiras de tratar melhor estes mapas e apresentá-los no formato 3D, além de criar subprodutos a partir deles.

Foi nesse momento que alteramos por completo a metodologia até então adotada. Constatada a ineficácia do uso da planta de Ouro Preto de 2006, e tendo em vista a possibilidade de geração de outro, realmente georreferenciado, buscamos uma imagem com a cobertura aerofotográfica executada para fins de mapeamento com altíssima definição conseguiremos executar medições precisas utilizando tais fotografias métricas, o que nos permite a partir de um ponto fixo (alguma propriedade/construção) não alterado ao longo dos séculos, mapear as modificações sofridas nesses dois espaços urbanos históricos em questão.

No entanto, nossa tarefa foi facilitada por termos tido acesso ao mapa de Ouro Preto já georreferenciado, gentilmente cedido pela Prefeitura de Ouro Preto. Isto abreviou enormemente o cronograma originalmente previsto. A partir de então, adotamos a metodologia que atualmente consideramos a mais consistente para se chegar aos resultados propostos. Os passos foram os seguintes:

1. impressão em formato A0 da fotografia da planta de Ouro Preto de 1784;
2. seleção, na planta atual georreferenciada de Ouro Preto, do quadrante abrangido pela planta de Ouro Preto de 1784;
3. impressão em formato A0 do quadrante selecionado;
4. confrontação entre os elementos registrados na planta de 1784 (imóveis, ruas, rios e córregos) e os da planta georreferenciada;
5. exclusão, na planta georreferenciada, de todos os elementos inexistentes na planta de 1784;
6. impressão, em formato A0, da planta de 1784, agora georreferenciada.

O próximo passo foi discutir as distorções entre a planta de 1784 e a georreferenciada, pois fizemos uma sobreposição de ambas para verificar as distorções e mudanças ocorridas.

Em síntese, objetivamos com este trabalho contribuir para a identificação e caracterização dos espaços urbanos de Ouro Preto, mapeando essas manchas populacionais urbanas no período compreendido entre os fins do século XVIII e primeiros anos do século XIX. Estabelecer como esses aglomerados humanos evoluíram, ou não, durante a ocupação e colonização dialogando com a concepção de Sérgio Buarque de Holanda que enxerga o espaço urbano colonial como

completo desarranjo em que se ergueram as vilas, onde a rotina se opunha à racionalidade, aspecto que conseqüentemente marcou a constituição dos povos portugueses, que foram caracterizados por sua espontaneidade, próprio do trabalho de um semeador, que por ali joga suas sementes, sem muita ordem e espera os resultados.¹⁷

E também demonstrar que a articulação entre a História e as tecnologias associadas aos Sistemas de Informação Geográfica, como o geoprocessamento, é fundamental para fazer avançar nossos conhecimentos nas áreas da História Econômica, de modo mais abrangente, e da História Urbana, de modo particular. Com esse propósito de utilizar recursos de sistemas de informação, procura-se tornar conceitos abstratos visíveis através da representação visual do espaço urbano. O manuseio das informações colidas nas fontes (tombos de Ouro Preto de 1809; décima predial de Ouro Preto de 1809; lista nominativa de Ouro Preto de 1804, planta de Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar 1784) auxiliada pelos recursos SIG tem como propósito revelar como esse processo de mudança e continuidade é visualmente revelado pela cidade. Através do uso do SIG, visa-se mapear essas mudanças urbanas ligadas à situação econômica e social que esta localidade (Ouro Preto) sofreu ou não com os retrocessos e avanços devido ao fim da exploração massiva de seus recursos naturais.

Esta metodologia aproxima-se muito da que Heliana Rocha empregou em sua pesquisa sobre o Bairro do Comércio de Salvador. Nesse trabalho, a autora destaca o processo dinâmico de mudança e continuidade da imagem e da estrutura a que a cidade está sujeita, seja por meio de reformas, reconstruções, demolições e renovações urbanas. Daí a importância dos recursos visuais capazes de registrar a mudança na imagem da cidade ao longo dos anos: fotografias, mapas históricos, planos de cidades, desenhos, postais, pinturas, etc. A autora chama atenção para o fato de que, quando se dedicava ao levantamento do estado da arte sobre representações digitais de cidades históricas, constatou também uma escassez de trabalhos deste tipo no Brasil, em contraste com diversos trabalhos realizados no exterior, nos quais se utilizavam algumas aplicações tecnológicas para áreas urbanas de caráter histórico. A grande maioria envolvia técnicas de visualização, utilizando desde programas para Realidade Virtual, em busca de maior grau de

¹⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 (em especial o capítulo “o semeador e o ladrilhador”).

realismo e simulações de percurso, até modelagens urbanas utilizando tecnologia de laser scanning (tecnologia de levantamento cadastral de alta definição que mapeia objetos através da coleta de nuvens de pontos com coordenadas x,y,z). Já aplicações que envolviam questões de precisão cartográfica, relações topográficas ou mesmo cruzamento de dados espaciais não-espaciais utilizavam tecnologias de Geoprocessamento. As aplicações que utilizam SIG demonstram, segundo a mesma autora, ter maior número de funcionalidades, por englobarem, em um só sistema, as funções de documentação, análise representação, visualização e monitoramento, que podem auxiliar o estudo da evolução da forma urbana e suas respectivas interferências na paisagem.¹⁸ Por tudo isto, tal metodologia pode ser aplicada no estudo do processo de urbanização em Ouro Preto, com base nas fontes manuscritas, e recriar um mapa que demonstre o traçado descrito no livro de tombos de 1809.

Esta representação digital do espaço urbano é aqui assumida como uma necessidade do homem de reproduzir referências de lugares descobertos, conquistados. Seria uma forma de extensão da memória, que através da imagem (desenho/ e ou pintura) também representa fatos, objetos, ideias e pessoas. Mas isto também mete a uma advertência: na busca por uma leitura mais ampla do espaço urbano, Andrade destaca que “o discurso sobre a cidade inventa outra cidade, que só existe no texto, embora se espalhe na cidade real”. Com isso ele tenta demonstrar a importância da leitura do espaço da cidade por quem nela vive, sendo estas “marcadas essencialmente pelo devaneio que acolhe a experiência empírica e projeta fantasias e preocupações teóricas”, mas que não necessariamente refletem a plena realidade. Desta forma a representação da cidade pode ser sintetizada, de acordo com o conhecimento e a linguagem utilizada pelo seu mediador ou intérprete, através de desenhos, maquetes e de técnicas de computação gráfica. Deste modo, não há como reproduzir uma cidade, nem mesmo em meio digital, exatamente como ela é”:¹⁹

¹⁸ ROCHA, Heliana Faria Mettig. *Visualização Urbana Digital: Sistemas de Informações Geográficas e Históricas para o Bairro do Comércio – Salvador*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Realidade virtual é a técnica avançada de interface que permite ao usuário realizar imersão, navegação e interação em um ambiente sintético 3D gerado por computador, utilizando canais multi-sensoriais (AZEVEDO, Eduardo; CONCI, Aura. *Computação Gráfica – Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003).

¹⁹ ANDRADE, Antônio Luiz Morais de. *Fragmentos de uma leitura de cidade*. 1993 (Dissertação de Mestrado em Desenho Urbano) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Cf. também ROCHA, Heliana Faria Mettig. *Visualização Urbana Digital: Sistemas de*

“As representações gráficas sempre sofrem interferências de seu mediador ou de quem as solicita, principalmente ao tratar-se do uso de tecnologias digitais. Por isso, muitas vezes, estas sofrem críticas quanto à sua autenticidade. Porém, em nenhum momento descarta sua validade como fonte de pesquisa”.

E mais:

“... nem mesmo as fotografias e os postais podem ser considerados fontes totalmente garantidas, pois também sofrem influências reais de quem as encomendou”.²⁰

Levando em conta estas advertências, o uso de um mapa (que mais assemelharia a uma iconografia), como fonte de pesquisa, constitui um recurso que exige corroboração com o maior número possível de documentos. No entanto, este mapa de fins do século XVIII, com baixa precisão cartográfica e cadastral em comparação com a cartografia atual, baseada em levantamentos aerofotogramétricos, pode passar por um processo de retificação ou alinhamento, no sentido de aumentar sua correção geométrica.²¹

O fato de uma das fontes ser cartográfica, exige que:

“un tel document doit être ré-élaboré et critiqué pour pouvoir être pleinement valorisé. Le passage d’une forme manuscrite, un dessin sur papier, à une forme dématérialisée ‘vecteur’ soulève un certain nombre de questions sur la nature du document source et la méthode de vectorisation, en particulier du point de vue de la géométrie”.²²

Outro problema corresponde ao próprio uso dos chamados Sistemas de Informações Geográficas na pesquisa histórica, "ainda bastante incipiente, tanto em relação ao que se dá em várias outras áreas do conhecimento, como em contraposição

Informações Geográficas e Históricas para o Bairro do Comércio – Salvador. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007, p. 21.

²⁰ROCHA, Heliana Faria Mettig. *Visualização urbana digital: sistema de informações geográficas e históricas para o bairro do Comércio – Salvador*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007 (dissertação de mestrado), p. 29.

²¹ROCHA, Heliana Faria Mettig. *Visualização urbana digital: sistema de informações geográficas e históricas para o bairro do Comércio – Salvador*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007 (dissertação de mestrado), p. 30

²²GAUTHIEZ, Bernard Gauthiez. Lyon en 1824-32: un plan de la ville sous forme de vecteur d’après le cadastre ancien. *Géocarrefour*, v. 83, p. 57-68, 2008. Tradução livre: “Um documento como tal deve ser reelaborado e criticado para que seja plenamente valorizado. A passagem de uma forma manuscrita, um desenho no papel, a uma forma desmaterializada ‘vetor’ suscita um número de questões sobre a natureza da fonte do documento e o método de vetorização, em particular do ponto de vista da geometria”

com a sistemática pertinência de questões ligadas ao espaço nos estudos do passado".²³

O que podemos observar é que este tipo de estudo com representações digitais de cidades histórias ainda é muito escasso no Brasil, entretanto diversos trabalhos realizados no exterior aplicam tecnologia para áreas urbanas de caráter histórico, constata-se que a grande maioria envolve técnicas de visualização utilizando programas para a Realidade Virtual (VR).²⁴

O uso do computador em análises espaciais acelerou-se a partir dos anos 1990, e pode ser associado, no que tange à demanda pelo SIG a uma necessidade crescente de organização do aumento sem precedentes do fluxo de informações, com aplicação nas áreas de gestão de políticas públicas, administração de redes comerciais, estudos de geografia econômica, gerenciamento ambiental, análises geomorfológicas e roteamento do tráfego urbano, por exemplo. Apesar disso, na pesquisa histórica seu uso é ainda muito incipiente. Na avaliação de Luis Fila, a explicação parece ligar-se à "pequena tradição do uso das tecnologias da informação entre estudiosos das ciências humanas, em geral, e entre os historiadores, em particular, em contraposição ao que acontece em outras áreas, como nas ciências ditas naturais ou exatas". A bibliografia a respeito, contudo, tem aumentado de maneira considerável nos últimos anos.²⁵

²³ FERLA, Luis. Implementação de GIS Histórico no Campus de Humanidades da UNIFESP e projeto-piloto sobre a urbanização de São Paulo (1870-1940). Comunicação apresentada no *Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos* (San Francisco/Califórnia, 23- 26 de maio de 2012).

²⁴ Realidade Virtual (VR) é a técnica avançada de interface que permite ao usuário realizar imersão, navegação e interação em um ambiente sintético 3D gerado por computador, utilizando canais multi-sensoriais (AZEVEDO: CONCI, 2003)

²⁵ Para mencionar apenas alguns títulos de interesse mais direto para esta pesquisa: BODENHAMER, David J; CORRIGAN, John; HARRIS, Trevor M. (Ed.). *The spatial humanities: GIS and the future of humanites scholarship*. Bloomington: Indiana University Press, 2010; FRANK, Zephyr; JOHNSON, Lyman. "Cities and Wealth in the South Atlantic: Buenos Aires and Rio de Janeiro before 1860, *Comparative Studies in Society and History*, v. 48. n. 3, 2006; GREGORY, Ian; ELL, Paul. *Historical GIS: technologies, methodologies and scholarship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007; HARVEY, C.; PRESS, J.. *Databases in historical research: theory, methods and applications*. London: Palgrave Macmillan, 1996; KNOWLES, Anne (ed.). *Placing history: how maps, spatial data, and GIS are changing historical scholarship*. Redlands: Esri Press, 2008; LANGRAN, G. *Time in Geographical Information Systems*. London: Taylor & Francis, 1992; OTT, Thomas; SWIACZNY, Frank. *Time-integrative geographic information systems: management and analysis of spatio-temporal data*. Berlin: Springer-Verlag, 2001; REBELATTO, Martha; FREITAS, Frederico. "Desafios e possibilidades ao uso de Sistemas de Informação Geográfica na História". In: *5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, de 11 a 13 de maio de 2012, UFRGS, Porto Alegre; SIEBERT, Loren. "Using GIS to document, visualize, and interpret Tokyo's Spatial History". *Social Science History*, v. 24, n. 3, 2000, pp. 537-574.; TOWNSEND Sean; CHAPPELL, Cressida; STRUIJVÉ, Oscar. *Digitising History: a Guide to Creating Digital Resources from Historical Documents*. Oxford: Oxford Books, 1999.

Isto, contudo, ocorre bem menos com os historiadores econômicos, há muito habituados com o recurso aos métodos de história quantitativa e serial, que sempre demandaram o uso da informática no tratamento das informações massivas com as quais lidam em suas pesquisas. Esta é a razão pela qual a presente pesquisa foi desenvolvida no Grupo de Pesquisa em História Econômica - História Quantitativa e Georreferenciada, que desde o início considerou que:

"a incorporação privilegiada da dimensão espacial na agenda de pesquisas possibilitaria não apenas o enriquecimento das possibilidades temáticas e da capacidade de integração de distintas tipologias documentais, como também poderia fornecer novas perspectivas analíticas e interpretativas para temas já relativamente bem explorados, mas que poderiam sofrer ressignificações ou relativizações com o auxílio da tecnologia aqui proposta".²⁶

Compartilhamos a aposta feita por Anne Kelly Knowles, Amy Hillier e Roberta Balstad, de que "não há dúvida de que o saber acadêmico baseado em SIG histórico irá render novas descobertas". Ou ainda por Ian Gregory e Paul Ell, segundo os quais "o SIG se tornará uma parte essencial da pesquisa histórica no futuro".²⁷

No entanto, nesta pesquisa tivemos de enfrentar as dificuldades inerentes a um contexto, de um lado, favorável no que respeita à pertinência da tecnologia e, de outro a incipiência de trabalhos nessa área no país. Esta a nossa maior dificuldade. Um dos poucos estudos que se aproxima dos propósitos e da metodologia aqui adotada é o de Allan Thomas Tadashi Kato. O autor propõe um novo olhar sobre o tema com o desenvolvimento de uma metodologia voltada para reconstruir a distribuição espacial dos moradores nas vilas e cidades coloniais brasileiras a partir do cruzamento de múltiplas fontes. Para tal estudo, Allan Kato utiliza os livros de cobrança da décima urbana e as listas nominativas. O objetivo é também constatar que as vilas coloniais brasileiras produziam sua própria lógica de organização espacial no início do século XIX. Em seu estudo, foram analisadas as localidades de Paranaguá, Antonina e Curitiba e buscou-se entender quais eram as relações entre o local de habitação urbana e a condição dos moradores, tomando como parâmetro

²⁶ FERLA, Luis. Implementação de GIS Histórico no Campus de Humanidades da UNIFESP e projeto-piloto sobre a urbanização de São Paulo (1870-1940). Comunicação apresentada no *Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos* (San Francisco/Califórnia, 23- 26 de maio de 2012).

²⁷ KNOWLES, Anne (ed.). *Placing history: how maps, spatial data, and GIS are changing historical scholarship*. Redlands: Esri Press, 2008, p. 272; GREGORY, Ian; ELL, Paul. *Historical GIS: technologies, methodologies and scholarship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 204.

variáveis socioeconômicas que os caracterizavam (cor, profissão, escravista, cargos na câmara, patentes milicianas, etc.). Em especial no capítulo 2, Kato descreve a metodologia adotada em sua pesquisa:

1. escolha de uma planta da época que melhor represente o loteamento urbano e que se aproxime das atuais plantas cadastrais;
2. confrontação das plantas;
3. recurso a gravuras para elucidar o espaço estudado;
4. cruzamento dessas representações cartográficas com as fontes descritivas,
5. elaboração de plantas hipotéticas representando as vilas estudadas com base nos dados da cobrança da décima;

Em seguida, buscou-se identificar os antigos topônimos arrolados das décimas no atual arruamento das cidades examinadas. Por fim, tentou-se determinar a direção e os lados (esquerda e direita) dos logradouros em que foram contabilizados as casas nos livros de registro da décima urbana. Diferentemente dos dias atuais, as ruas e travessas criadas nas cidades e vilas coloniais não possuíam nomes oficiais e eram geralmente batizadas pela população. Mudanças de topônimos eram comuns, sendo que a maioria, às vezes, não eram registradas em atas da Câmara.

Para a vila de Antonina, o autor concluir que parecia haver dois setores distintos espacial e socialmente. As ruas da Matriz e Direita – na região da Praia – eram ocupadas, principalmente, por uma elite branca de comerciantes e agricultores, enquanto em outros logradouros da zona do Campo eram habitados principalmente por chefes de baixa condição social, brancos em sua maior parte. O preço das casas era mais elevado nas ruas da Matriz e Direita, onde também se concentravam quase todos os comerciantes e agricultores mais abastados da vila, e esses mesmos moradores tinham altas patentes milicianas. No campo, nenhum chefe de domicílio tinha patente mais alta. Quanto aos cargos ocupados na Câmara, 78% moravam na ruas da Matriz e Direita.

“Demonstrou-se então, certa ordem explicada pela preferência. Não a ordem que tem como sinônimo o traçado retilíneo, mas uma ordem construída pelos moradores. Constroem vizinhanças, a partir de suas escolhas, é o que fazia aqueles grupos se aglomerarem”.²⁸

²⁸ KATO, Allan Thomas Tadashi. *Retrato urbano: estudo da organização sócio-espacial de Paranaguá, Antonina e Curitiba no início do século XIX*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011.

Atualmente as informações retiradas das fontes assim como as suas análises vem sendo realizadas cada vez mais em ambientes digitais, essas informações espacializadas em papel ganham novas dimensões de trabalho a partir da representação digital. De acordo com o texto de Mário Augusto e Luciene Stamato²⁹, o produto destes tipos de trabalhos tem sido interpretado como um método computacional que incorpora a coleta de dados, organização dos mesmos seguidos de uma modelagem e representação. A visualização de informações vem sendo estudada e construída ao longo do tempo pela Cartografia e pela informática.

“A visualização científica pesquisa técnicas de visualização e aplicação de textura a imagens computacionais de modo a criar imagens bidimensionais e tridimensionais. [...] Por meio de modelos desenvolvidos pela cartografia para realizar essa sistematização, é possível se ter uma visão geral do processo de comunicação por mapas e propor requisitos para integração dessas ciências”.³⁰

A visualização dentro dos estudos históricos seria uma área emergente que estuda formas de apresentar os dados visualmente de tal modo que as relações entre os mesmos sejam compreendidas ou novas informações possam ser descobertas³¹. Pode-se inclusive simular as edificações de cidades inteiras, ou alguma parte específica que não exista mais por diversos fatores, como por exemplo, acidentes naturais, destruição humana, ou modificadas ao longo dos anos. Trata-se de

desenvolver um aplicativo hipermídia, analítico, que possibilita ao usuário a leitura do significado das estruturas simbólicas, em termos do seu valor cultural, especialmente edifícios e espaços públicos, que definem a evolução das cidades, sua forma e a imagem urbana.³²

²⁹SCHMIDT, Marcio Augusto. DELAZARI, L. S. INTEGRAÇÃO DE CARTOGRAFIA, VISC E SIG ATRAVÉS DE CONCEITOS COMUNS: PERSPECTIVAS FUTURAS.. RBC. Revista Brasileira de Cartografia (Online), v. 61, p. 129-135, 2009.

³⁰ Idem 2.

³¹ FERREIRA, Cristiane B. R.; NASCIMENTO, Hugo A.D. do. *Visualização de Informações – Uma Abordagem Prática*. XXV Congresso da Sociedade Brasileira de Computação. UNISINOS – São Leopoldo – Rio Grande do Sul. 2005.

³² ROCHA, Heliana Faria Mettig. *Visualização urbana digital: sistema de informações geográficas e históricas para o bairro do Comércio – Salvador*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, p.35, 2007 (dissertação de mestrado).

Um bom exemplo deste recurso é o resultante do estudo da evolução do centro histórico de Cantù, na Itália, e que expressa as transformações desta cidade ao longo do tempo. O trabalho foi desenvolvido em várias etapas onde a estruturação dos dados censitários vieram em primeira mão, para posteriormente serem modelados em base digital. Esses poucos exemplos nos permitem visualizar imagens de qualidade e de fácil entendimento, nos fazendo acreditar ainda mais nas possibilidades do uso dos SIGs e suas técnicas na potencialização dos estudos históricos e áreas afins (figura 2).

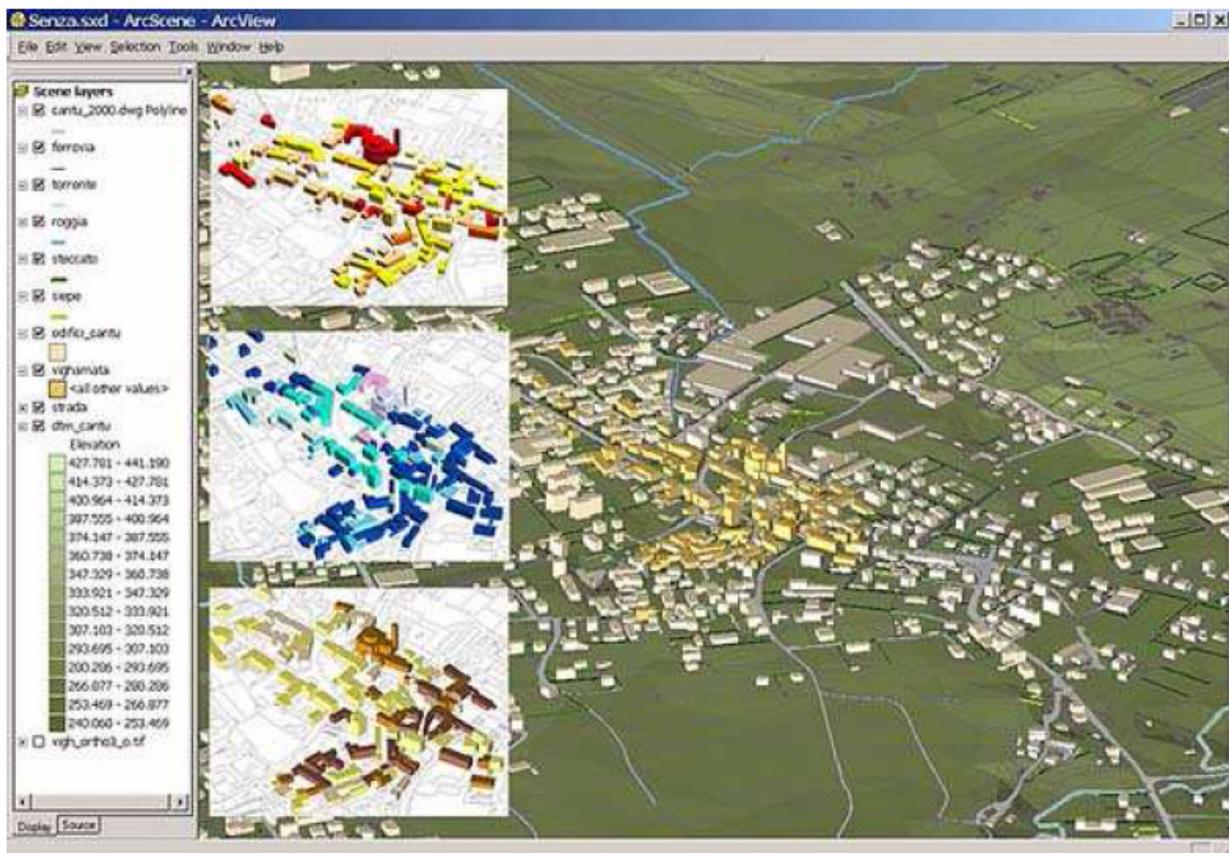


Figura 3: evolução do centro histórico de Cantù, Itália

As vantagens de se incluir num trabalho os métodos de visualização implicam numa maior quantidade de dados que podem ser condensados, pois facilitam o entendimento de informações. O processo de visualização está relacionado com a transformação de algo abstrato em imagens (mentais ou reais) que possam ser visualizadas pelos seres humanos. O objetivo desse recurso seria auxiliar no entendimento de determinados assuntos que muitas vezes se tornam mais acessíveis quando uma visualização está sendo empregada.

Exatamente por tudo isto, a produção do mapa para a representação do espaço central de Vila Rica quer-se antes de tudo como uma aproximação da realidade, que pode ser alcançada devido à variedade de técnicas de representação digital disponível atualmente, de tecnologias que lidam com esse tipo de representação também incorporam a dimensão do tempo, tais como Realidade Virtual (RV) e os Sistemas de Suporte ao Planejamento, que podem ou não integrar tecnologias de SIG.

Neste trabalho a tecnologia será aplicada como instrumento de análise e crítica do espaço urbano construído e modificado. Os Sistemas de Informações Geográficas “englobam em um só sistema as funções de documentação, análise, representação, visualização e monitoramento, que podem auxiliar o estudo da evolução da forma urbana e suas respectivas interfaces na paisagem”.³³ Assim é possível fazer o cruzamento dos dados das fontes já citadas, ou a partir de iconografias antigas de pouca precisão, no caso, o mapa de 1784. Esta amostragem será um dos produtos desta pesquisa. Com esses resultados é possível nutrir estudos futuros voltados à interpretação deste espaço urbano.

1.3 - Espaços urbanos, espaço geográfico

O espaço geográfico é um espaço composto e organizado geralmente pelas sociedades humanas. Ele é polígono, e para o seu entendimento é necessário um estudo de suas transformações, de todo o seu processo de formação histórico. Para geógrafos críticos como Milton Santos, Ruy Moreira, David Harvey, entre outros, o objeto de estudo da geografia é o espaço, concebido de forma humanizada e politizada como uma instância social. Segundo essa concepção em voga na atualidade, as sociedades se expressam no espaço geográfico, em um feixe de relações sociais, políticas e econômicas que estabelecem entre si e o espaço que ocupam. São relações construídas na família, no trabalho, escola, universidade, no lazer, na igreja e em muitos outros núcleos. E como em toda relação, há mudanças, especialmente nos últimos anos, onde o mundo tecnológico tem alterado e

³³ Definição sobre os Sistemas de informação que se enquadram na proposta desta pesquisa: ROCHA, Heliana Faria Mettig. *Visualização Urbana Digital: Sistemas de Informações Geográficas e Históricas para o Bairro do Comércio – Salvador*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

provocado com bastante rapidez modificações na vida das pessoas e dos espaços onde vivem.

As paisagens geográficas mudam, mas porque elas mudam? As paisagens mudam porque precisam incorporar novos objetos que a ciência descobriu e novos elementos que a técnica cria por meio do trabalho do ser humano. É partindo da ciência e da tecnologia que objetos são fabricados pelos homens. Alguns desses objetos são incorporados á nossa rotina sem maiores implicações, como o telefone celular, por exemplo. Outros objetos exigem implantação de novos arranjos espaciais que facilitem o seu uso pelas pessoas, no dia a dia: derruba isso constrói aquilo... E assim a paisagem muda. Isso sem considerar os fenômenos naturais: os terremotos, as inundações, os deslizamentos de terra e outros.³⁴

E são esses fenômenos, sociais ou não, cada qual em seu tempo, provocaram transformações não só em Vila Rica, mas em todo o mundo.

Por fim, mesmo não tendo o propósito de fazer uma biografia do espaço urbano de Vila Rica, esta dissertação pretende contribuir para isto. Após a produção do mapa em meio digital constatou-se através de uma sobreposição as mudanças ocorridas, e esta primeira confrontação já nos permitiu observar a ocupação de terrenos vazios, o desaparecimento de ruas e o surgimento de novas construções incorporadas às construções do século XVIII. Com o auxílio da base de dados fornecidos pela décima predial e pelo recenseamento somados ao mapa de Ouro Preto poderemos em um segundo momento verificar com mais exatidão quando e por que essas transformações ocorreram com o fim do século do ouro e com a transferência da capitania do Estado e o “começo” de uma província. Também é objetivo demonstrar que a articulação entre a História e as tecnologias associadas aos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) é fundamental para fazer avançar nossos conhecimentos nas áreas da História Econômica, de modo mais abrangente, e da História Urbana, de modo particular, apresentando um produto final que seja acessível não só a pesquisadores das áreas de pós-graduação, mas também um material que possa ser didático ao ensino de base.

É nesse contexto que se insere a presente investigação, que tem por objetivo mais amplo contribuir para a caracterização dos espaços urbanos na capitania, depois província de Minas Gerais, através de um Sistemas de Informação Geográfica com

³⁴ DINIZ FILHO, Luis Lopes. *Fundamentos epistemológicos da geografia*. Curitiba: IBPEX, 2009.

dados históricos para a geração de novas informações. Trata-se de uma empreitada que envolveu a solução de um grande número de problemas decorrentes tanto da variedade de fontes - cada uma exigindo uma metodologia específica - quanto dos próprios procedimentos em si.

O primeiro capítulo passa em revista a historiografia sobre o processo de ocupação e formação do espaço urbano de Vila Rica, com especial atenção às transformações ocorridas ao longo do século XVIII. Buscar-se-á, fundamentalmente, contextualizar o objeto desta dissertação.

O segundo capítulo apresenta uma síntese os dados sistematizados das duas fontes fundamentais deste estudo – o livro de tombos e o recenseamento da década de 1800. Por fim, no terceiro capítulo é apresentada a espacialização dos dados sistematizados em ambas as fontes.

2 - Capítulo 1 - A ocupação do espaço urbano de Vila Rica: apontamentos historiográficos

Neste capítulo será discutida a historiografia relativa aos espaços urbanos coloniais, de modo geral, e o de Vila Rica, em particular, com especial atenção às transformações ocorrida são longo do século XVIII. De início, não se pode afirmar que seja extensa a bibliografia sobre o processo de formação do espaço urbano do Brasil colonial.

Em geral, os trabalhos que a este tema se dedicam, sobretudo assinados por arquitetos e urbanistas, têm como um dos eixos fundamentais de discussão a regularidade ou irregularidade do traçado urbano das vilas e arraiais ou aos conceitos de ordem e desordem a ele associados.³⁵ A irregularidade não apenas do traçado, mas das próprias construções chamou a atenção de muitos – lembre-se aqui das “casas edificadas sem simetria, em outeiros desiguais”, de que fala Milliet de Saint Adolphe.³⁶

Esta apreciação dos espaços urbanos coloniais, e de Vila Rica em particular, pode ser remontada aos princípios do século XIX, quando os viajantes estrangeiros por lá passaram, e registraram o que consideraram digno de menção.

Para Rugendas, por exemplo, o elemento de interesse foi a traça urbana – acompanhando a serra do Ouro Preto, e o estado das ruas e praças:

a rua principal corre paralela à montanha, durante cerca de uma légua, para terminar numa praça, situada numa saliência do morro, onde se erguem a residência do presidente da Província, algumas habitações particulares dignas de menção, a prisão e a igreja de São Francisco. As ruas e praças são calçadas e guarnecidas de chafarizes. As casas, na sua maioria de dois andares, têm em geral o aspecto arquitetural das cidades portuguesas, à exceção dos telhados, construídos em ponta como no norte da Europa, o que se

³⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 (em especial o capítulo “o semeador e o ladrilhador”); VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura, arte e cidade: textos reunidos*. BH: Ed. BDMG Cultural, 2004; VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento – residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977; SANTOS, Paulo Ferreira. *Formação de cidades no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001; DELSON, Roberta Marx. *Novas vilas para o Brasil-colônia: planejamento espacial e social no século XVIII*. Brasília: ALVA-CIORD, 1997.

³⁶ BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*: Rio de Janeiro :Tecnoprint, 1967, p. 37.

compreende melhor em Vila Rica, em razão do clima e da altitude, do que nos portos do Brasil onde são no entanto, tão comuns.³⁷

Em seguida, este autor passa em seu relato a discutir a estética dos edifícios.

Já o que chamou a atenção de Langsdorff foi mais o ambiente circundante de Vila Rica, do que propriamente seu aspecto urbano:

quase todas as casas têm pequenos quintais, a maioria deles voltada para as montanhas, como se fossem terraços. Em toda a cidade há água potável e um grande número de fontes. ... Os arredores da cidade apresentam um quadro assustador de devastação do solo. Os campos áridos, desprovidos de todo tipo de árvores e arbustos, cobertos de montes de cascalhos, dão ao conjunto um aspecto triste, amenizado aqui e ali por uma pequena cabana, capela ou casinha branco.³⁸

Freireyss, por sua vez, é lacônico, e limita-se a expressar seu desagrado com a “irregularidade” do lugar:

A Vila Rica, que hoje não merece mais esse nome, não impressiona bem. Por causa de ser um lugar muito montanhoso, onde cada um edificava onde queria, é este lugar o mais irregular possível. As edificações são mal feitas, exceto o palácio e algumas igrejas, que se distinguem agradavelmente.³⁹

De todos, porém, o mais generoso é o relato de Spix. Depois de destacar a posição da vila sobre as duas colinas no sopé da serra do Ouro Preto, o naturalista descreve

as ruas que vão da parte da cidade situada no vale do Ouro Preto à parte sobre as colinas são calçadas; abastecem-nas quatorze chafarizes, e são ligadas por quatro pontes de pedra, destacando-se entre estas a nova ponte construída no vale pelo Sr. von Eschwege; a rua principal corre meia hora ao longo da ladeira do morro. As casas são construídas de pedra, de dois pavimentos, cobertas de telhas, na maioria caiadas de branco, e, se não de bom aspecto exterior, todavia cômodas e adequadas à situação alta da cidade.⁴⁰

Além destes aspectos, Spix também julgou digno de nota as

dez capelas, duas vistosas igrejas paróquias, a Tesouraria, o Teatro com atores ambulantes, a Escola de Latim, a Câmara Municipal com

³⁷RUGENDAS, João Maurício de. *Viagem pitoresca através do Brasil*. 8. ed., Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1979, p. 71.

³⁸LANGSDORFF, .v. 1, p. 124-125.

³⁹FREIREYSS, Georg Wilhelm. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte, ... 1982, p. 44.

⁴⁰Spix, v. 1, p. 205.

a Cadeia ... e sobretudo o castelo, residência do governador, armado com alguns canhões, e que está situado no mais alto ponto da colina, dominando uma parte da cidade e o mercado, e descortinando o mais belo panorama sobre toda a região.⁴¹

É curioso mesmo sua visão benevolente para com a paisagem circundante da vila: as “montanhas e campos áridos de pedra” teriam “beleza comparáveis a jardins artísticos”.

Esta perspectiva da regularidade/irregularidade do traçado dos espaços urbanos coloniais no Brasil parece estar intrinsecamente associada, quer a uma visão jurídica do processo de ocupação do espaço urbano, quer à associação entre regularidade e geometria. A perspectiva jurídica preocupa-se com o maior ou menor rigor no cumprimento na legislação portuguesa a este respeito, em especial no que dispunham as Ordenações sobre o que se podia ou não fazer nas construções particulares:

Em Vila Rica, a topografia, a desobediência dos súditos, o relativo afastamento da Metrópole, o desenvolvimento rápido e a improvisação levariam ao menosprezo das normas assim tão rígidas. A mesma figura uniforme por exemplo, só aparece em raros trechos da povoação.⁴²

E mais:

A topografia de Vila Rica é, por assim dizer, bastante imprópria ao estabelecimento de uma povoação. Terrenos planos naturais são praticamente inexistentes e a sua obtenção, por aterros ou desaterros, é dificultada ao extremo pela dureza geral do solo. As ruas, ao longo das encostas, deixam, de um lado, lotes de fortes aclives e, de outro, de consideráveis declives. (...) Desistindo de corrigir os terrenos, alçam-se as casas sobre eles, por intermédio de esteios ou pilares e, para facilitar estas elevações, preferem-se as estruturas autônomas, de madeira ou, pelo menos, mistas, em virtude de as construções de estruturas (paredes) maciças, que distribuem uniformemente a cargas ao chão, em fundações mais ou menos contíguas, exigirem, de preferência, terrenos planos.⁴³

⁴¹Spix, v. 1, p. 205.

⁴²VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento – residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 91.

⁴³VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento – residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 66-68.

Por isto, “após dois séculos de luta insana contra uma tão difícil topografia, compreende-se, afinal, a impossibilidade de adaptá-la suficientemente para atender às imposições de uma grande cidade”.⁴⁴ Segundo Vasconcellos, era natural que as edificações fossem de madeira e barro: os terrenos inclinados, conduzindo à obtenção de planos em altura, vão, de certo modo, determinar também a duplicidade dos pavimentos, pela utilização dos vazios deixados entre o solo e o piso alto. Para Vasconcelos, “a arquitetura civil se integra no meio onde se concretiza.”⁴⁵

De fato, em 1698, com a descoberta de ouro no riacho de Tripuí, na região de Ouro Preto, surgiram os arraiais que mais tarde formariam Vila Rica, em local de topografia acidentada. Sem ocupação humana anterior, podemos considerar a Serra de Ouro Preto como a coluna vertebral do processo de ocupação. Nela,

“a intensa mineração nos aluviões, galerias e lavras a céu aberto, desempenhada por grandes contingentes de escravos, produziu profundas alterações na morfologia das áreas mineradas dos morros circundantes”.⁴⁶

Contudo, a produção recente tem buscado não apenas relativizar estes conceitos, como fazer avançar o estudo do efetivo processo de ocupação do solo urbano.⁴⁷ Como se depreende dos objetivos anteriormente estabelecidos, este estudo passa ao largo dessa discussão. Aqui não se trata de analisar a regularidade ou a irregularidade do traçado urbano, ou sua eventual relação com a ordem ou a desordem urbana, mas essencialmente apresentar as características do processo de efetiva ocupação e uso do espaço urbano em Ouro Preto entre os fins do século XVIII e os princípios do século XIX. Certamente, os resultados alcançados com a presente pesquisa podem de alguma maneira contribuir para um debate mais amplo.

De qualquer modo, em lugar da aplicação de conceitos como regularidade/irregularidade, nos remete ao processo de ocupação e uso do solo em Vila Rica ao longo do século XVIII aproxima-se do “caráter espontâneo,

⁴⁴ VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento – residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 69

⁴⁵ VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento – residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 11.

⁴⁶ CAMPOS, Kátia Maria Nunes. Vestígios da mineração de ouro na Serra do Veloso: uma contribuição à geo-história de Ouro Preto-MG. *Revista Espinhaço*, 2014, 3 (2): 15-27.

⁴⁷ Um exemplo nesse sentido é o estudo de VELOSO, Tércio Voltani. *A Dimensão dos Lugares: fluidez, dinâmica social e ocupação do espaço urbano em Mariana nos Livros do Tombo de 1752*. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013 (dissertação de mestrado).

despreocupado, e infinitamente variável da construção e do urbanismo” que caracterizou as cidades que se formaram na Europa nos princípios da Idade Média, de que nos fala Leonardo Benevolo. Como na Europa medieval, em Vila Rica ruas e casas se adaptaram “com segurança ao ambiente natural... e não respeitou nenhuma regra preconcebida, seguindo com indiferença as formas irregulares do terreno”. Como resultado, teriam apagado “toda a diferença entre natureza e geometria”. Tanto as cidades europeias da Idade Média como Vila Rica teriam simplificado “as formas imprecisas da paisagem, marcando as linhas gerais dos dorsos montanhosos, das enseadas, dos cursos d’água”.⁴⁸

2.1. Os espaços urbanos coloniais de Minas Gerais

Entre 1711 e 1730 foram criadas as vilas do Ribeirão do Carmo (elevada em 1745 à condição de cidade com o nome de Mariana), Vila Rica, Sabará, Caeté, Serro, São João del Rei, Pitangui, São José del Rei e Minas Novas). Entre 1789 e 1814 foram criadas as vilas de Paracatu, Barbacena, Queluz (atual Conselheiro Lafaiete), Campanha, Aiuruoca e Baependi. Sem dúvida, a distribuição dos espaços urbanos está diretamente relacionada à atividade mineradora, o que explica tanto a cronologia de criação das vilas (nove delas criadas entre 1711 e 1730, isto é, no período de arranque da produção mineral), bem como sua distribuição geográfica – ao longo da Serra do Espinhaço. No período de entre 1789 e 1814 quase todos os arraiais elevados à categoria de vilas situem-se na comarca do Rio das Mortes. A única exceção é Paracatu, na porção noroeste da capitania.

Numa análise abrangente da historiografia sobre a cidade colonial mineira feita em artigo recente, Claudia Damasceno busca situar a evolução das abordagens a cerca da cidade colonial mineira e privilegia os trabalhos que em vez de se aterem somente aos aspectos ligados à estética urbana, procuram relacioná-los às questões fundiárias e à constituição das redes e hierarquias urbanas.⁴⁹ Para a autora, apesar de o assunto estar presente na historiografia, raramente as cidades foram abordadas como um objeto específico de pesquisa pelos especialistas da história colonial mineira. Na maioria dos casos, elas serviam somente como

⁴⁸BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. 4. ed., São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 255.

⁴⁹FONSECA, Claudia Damasceno. Urbs e civitas: a formação dos espaços e territórios urbanos nas Minas setecentistas. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. Nova série, v. 20, n. 1, p. 77-108, jan.-jun. 2012.

delimitação espacial, pano de fundo para estudos de história política, social e econômica, e muitos estudos também privilegiam só crescimento e apogeu da produção aurífera e diamantina. Já os historiadores da arte ter-se-iam dedicado inicialmente sobretudo aos estudos da arquitetura e a arte sacra. Segundo a autora, a partir das décadas de 1950 e 1960 renovaram-se as abordagens sobre as fundações urbanas coloniais e alguns estudiosos dedicaram uma atenção às questões urbanas coloniais, em especial, Paulo Ferreira Santos, que teria identificado “as especialidades das implantações lusas, sem no entanto depreciá-las em relação às cidades hispano-americanas, como haviam feito muitos de seus predecessores”. Para este autor, a diferença principal entre os dois métodos de urbanização seria “a ausência de leis rígidas e específicas nas fundações realizadas na América pelos portugueses, pois estes últimos eram seres bem mais pragmáticos que seus vizinhos de Castela”.⁵⁰

Cláudia Damasceno passa em revista às visões mais positivas da cidade mineira derivadas não apenas dos estudos no período, mas também “do processo de valorização e de “patrimonialização” das paisagens urbanas coloniais brasileiras inaugurado nas décadas de 1920-1930. Esta visão relacionava-se também com a perspectiva “organicista” da cidade, da qual os importantes trabalhos de Sylvio de Vasconcellos foram precursores. Como assinala Damasceno,

“Vasconcellos foi o primeiro a se interessar verdadeiramente pela arquitetura vernacular de Minas, bem como pelo estudo da gênese e morfologia urbana das povoações mineiras, descritas por vezes como “organismos vivos”. Como [Paulo] Santos, o autor identificou as qualidades estéticas dos traçados não retilíneos, salientando que, na zona mineradora, tais qualidades eram acentuadas pela topografia acidentada. Segundo o arquiteto mineiro, a implantação das igrejas matrizes e das múltiplas igrejas e capelas das irmandades em largos ou em outeiros a cavaleiro das vias públicas produz belos efeitos cênicos e harmoniza-se com a paisagem natural.”⁵¹

⁵⁰ SANTOS, Paulo. *Subsídios para o estudo da arquitetura religiosa em Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1951.; SANTOS, Paulo. Formação de cidades no Brasil colonial. In: Separata de Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 5. Actas do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1968; SANTOS, Paulo. *Formação de cidades no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001;

⁵¹ FONSECA, Cláudia Damasceno. Urbs e civitas: a formação dos espaços e territórios urbanos nas Minas setecentistas. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. Nova série, v. 20, n. 1, p. 77-108, jan.-jun. 2012.

Nas duas últimas décadas, novas abordagens sobre a cidade colonial brasileira trouxeram importantes contribuições ao estudo da formação e da atuação dos engenheiros militares. Na avaliação de Cláudia Damasceno, tanto esses estudos, como o dela própria sobre a urbanização de Minas Gerais no século XVIII, distinguir-se-iam-sepor

não se restringirem à morfologia e à estética urbanas, demonstrando que a criação de vilas, de povoações e de fortificações se inseria num processo mais amplo, de apreensão e de construção do território colonial, e de definição das fronteiras internas e externas da América portuguesa⁵².

Cláudia Damasceno chama ainda a atenção para o fato de que,

“além do “caráter urbano”, outra característica do processo de povoamento de Minas Gerais destacada pelos historiadores é a sua “espontaneidade”, isto é, a perspectiva de que a ocupação da região das minas ter-se-ia dado mais em razão da iniciativa de aventureiros, bandeirantes, tropeiros e roceiros, em lugar de uma política bem definida de colonização e de urbanização levada a efeito pela metrópole”.⁵³

Mirando para a perspectiva de estudos futuros, Cláudia Damasceno sublinha uma abordagem que considera essencial para o desenvolvimento da história da cidade colonial, a saber, o estudo das “relações existentes no interior das redes urbanas – e não apenas no nível regional ou mesmo continental, mas também na escala transoceânica do Império português”. Nesse sentido, destaca o trabalho de Maria Fernanda Bicalho sobre o Rio de Janeiro, que além da análise dos mecanismos de controle da forma e do uso do espaço urbano, voltou-se principalmente para as múltiplas relações – socioeconômicas, políticas e geopolíticas – que se teceram entre esta cidade e outras partes do mundo português.⁵⁴

Por fim, Cláudia Damasceno chama igualmente a atenção para outro fato fundamental: ao final do período colonial: a “rede urbana mineira compunha-se de várias centenas de arraiais – dos quais 89 constituíam sedes de freguesias, de

⁵²FONSECA, Claudia Damasceno. Urbs e civitas: a formação dos espaços e territórios urbanos nas minas setecentistas. *Anais do Museu Paulista*. 2012, v. 20, n.1, p. 80.

⁵³FONSECA, Claudia Damasceno. Urbs e civitas: a formação dos espaços e territórios urbanos nas minas setecentistas. *Anais do Museu Paulista*. 2012, v. 20, n.1, p. 80.

⁵⁴FONSECA, Claudia Damasceno. Urbs e civitas: a formação dos espaços e territórios urbanos nas Minas setecentistas. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. Nova série, v. 20, n. 1, p. 77-108, jan.-jun. 2012.

quinze vilas e de uma só cidade: Mariana”. Esta desproporção entre o número de vilas (dezesseis até 1814) e o número de arraiais – na avaliação da autora, mais de trezentos, parece ser um dos elementos que de certa forma distorcem a visão da efetiva urbanização de Minas Gerais⁵⁵.

É indispensável mencionar também aqui o estudo que Rodrigo Bastos levou a efeito sobre as povoações mineiras da primeira metade do século XVIII, como Vila Rica e Mariana, no qual discute uma visão alternativa para a história do urbanismo colonial luso-brasileiro. Apesar de o objeto desta dissertação ser o traçado urbano e ainda menos os aspectos arquitetônicos das edificações, seria muito interessante avançar num diálogo entre as conclusões apresentadas pelo autor e os aspectos demográficos e sociais que são apresentados nesta dissertação.⁵⁶

Com outra perspectiva, um estudo de Angelo Carrara buscou identificar e caracterizar os espaços urbanos de Minas Gerais, no período compreendido entre 1808 e 1835, com base nos dados contidos nos livros da série décima predial pertencentes à Coleção Casa dos Contos de Ouro. Para o autor, a sistematização das informações registradas nesta documentação permitiria conhecer-se

“os ritmos de crescimento e decréscimo dos núcleos urbanos mineiros, nos anos que se seguiram imediatamente à substituição da mineração pela agropecuária como a atividade econômica que maior riqueza produzia na Capitania.”⁵⁷

Se comparamos os dados da décima urbana de 1809 a 1830 disponíveis para as maiores vilas da capitania, o tamanho de Vila Rica mostra-se com toda a clareza. Os dados da tabela 2 e do gráfico 1 evidenciam que Vila Rica é a cidade com mais do dobro de edificações que as outros cinco maiores espaços urbanos de Minas Gerais: Mariana, Paracatu, Sabará, São João del Rei e o arraial do Tijuco. No entanto, quando analisado do ponto de vista do valor médio dos imóveis, o quadro mostra-se mais complexo (tabela 2, gráfico 2 e mapa 2). A vila com os imóveis mais bem avaliados foi a de São João del Rei. Mesmo tendo menos da metade dos imóveis de Vila Rica, as edificações de São João del Rei pagaram de décima mais

⁵⁵ Cláudia Damasceno Fonseca (2003a); FONSECA, Claudia Damasceno. Urbs e civitas: a formação dos espaços e territórios urbanos nas minas setecentistas. *Anais do Museu Paulista*. 2012, v. 20, n.1, p. 83.

⁵⁶ BASTOS, Rodrigo. *A arte do urbanismo conveniente: o decoro na implantação de novas povoações em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII*. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

⁵⁷ CARRARA, Angelo Alves. Espaços urbanos de uma sociedade rural: Minas Gerais, 1808-1835. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 25, p. 144-164, 2001.

de 16% do valor arrecadado em Vila Rica. Esta análise, contudo, deve verificar também o valor médio de cada edificação. O resultado é de fato surpreendente. Os núcleos urbanos com os imóveis mais caros – e pagavam mais de 500 réis de décima – são, nesta ordem, São João del Rei, Tijuco, Sabará, Campanha e Serro. As edificações em Ouro Preto e Mariana pagavam praticamente o mesmo valor – entre 459 e 469 réis, respectivamente (tabela 2 e gráfico 3).

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
I	328	362	742	276	1.657	743	382	766	221	786	608	788
II	104	211	348	89	761	272	134	500	88	889	349	535
III	317	583	469	322	459	366	351	653	398	1131	574	679

Tabela 2: número de imóveis e valor da décima predial em Minas Gerais, 1809-1826

Abreviaturas:

I: número médio de imóveis; II: valor médio da décima arrecadada em cada vila/arraial, em mil réis; III: valor médio da décima pago por cada edificação

A: Caeté; B: Campanha; C: Mariana; D: Minas Novas; E: Vila Rica; F: Paracatu; G: Pitangui; H: Sabará; I: Santa Luzia; J: São João del Rei; K: Serro; L: Tijuco.

Fonte: COLEÇÃO CASA DOS CONTOS DE OURO PRETO/Série Décima Predial, 1809-1829 (para a relação detalhada de todos os livros, cf. CARRARA, Angelo Alves. *A Real Fazenda de Minas Gerais: guia de pesquisa da Coleção Casa dos Contos de Ouro Preto* (Instrumentos de Pesquisa, vol. 1). 1. ed. Ouro Preto: Editora da UFOP, 2003.

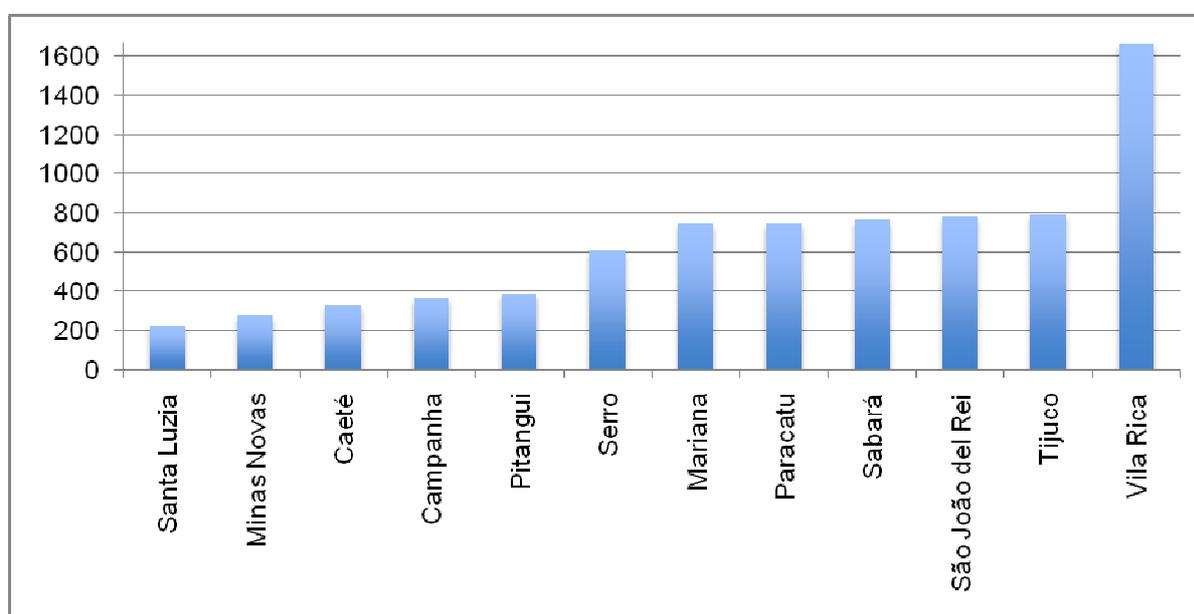


Gráfico 1: número médio de imóveis cadastrados para pagamento da décima predial em Minas Gerais, 1809-1826

Fonte: COLEÇÃO CASA DOS CONTOS DE OURO PRETO/Série Décima Predial, 1809-1829 (para a relação detalhada de todos os livros, cf. CARRARA, Angelo Alves. *A Real Fazenda de Minas Gerais: guia de pesquisa da Coleção Casa dos Contos de Ouro Preto* (Instrumentos de Pesquisa, vol. 1). 1. ed. Ouro Preto: Editora da UFOP, 2003.

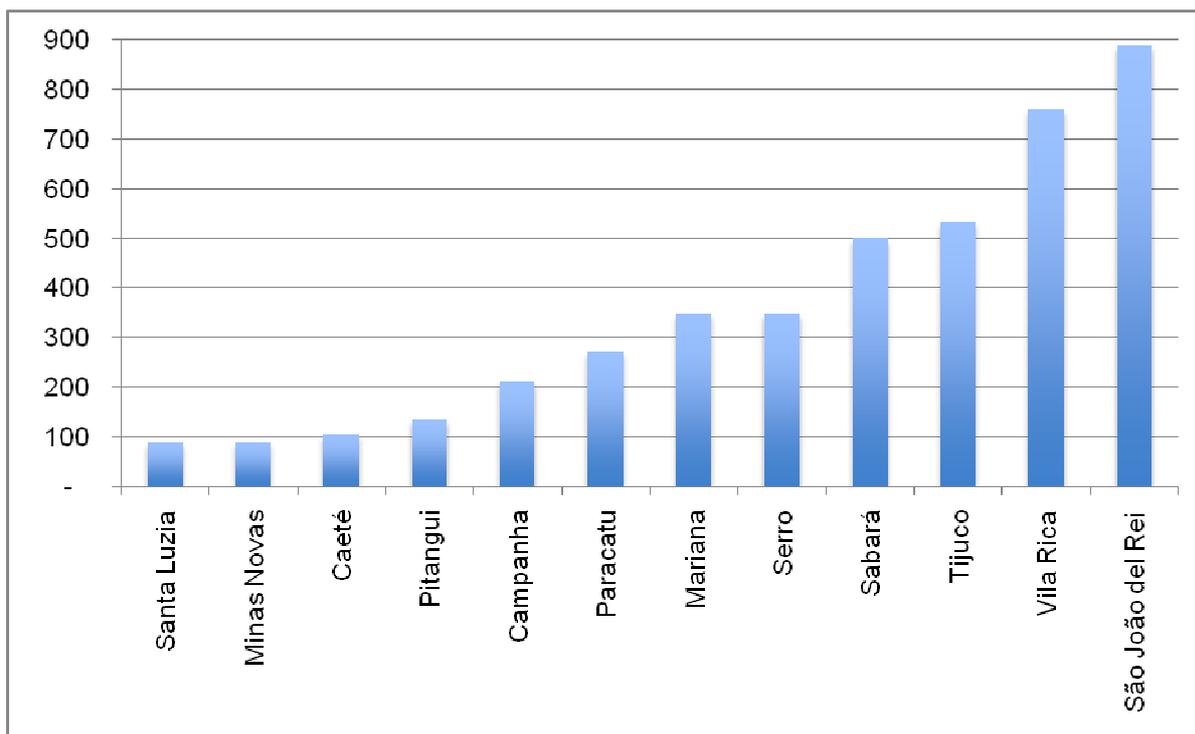


Gráfico 2: valor da décima predial em Minas Gerais, 1809-1826

Fonte: COLEÇÃO CASA DOS CONTOS DE OURO PRETO/Série Décima Predial, 1809-1829 (para a relação detalhada de todos os livros, cf. CARRARA, Angelo Alves. *A Real Fazenda de Minas Gerais: guia de pesquisa da Coleção Casa dos Contos de Ouro Preto* (Instrumentos de Pesquisa, vol. 1). 1. ed. Ouro Preto: Editora da UFOP, 2003.

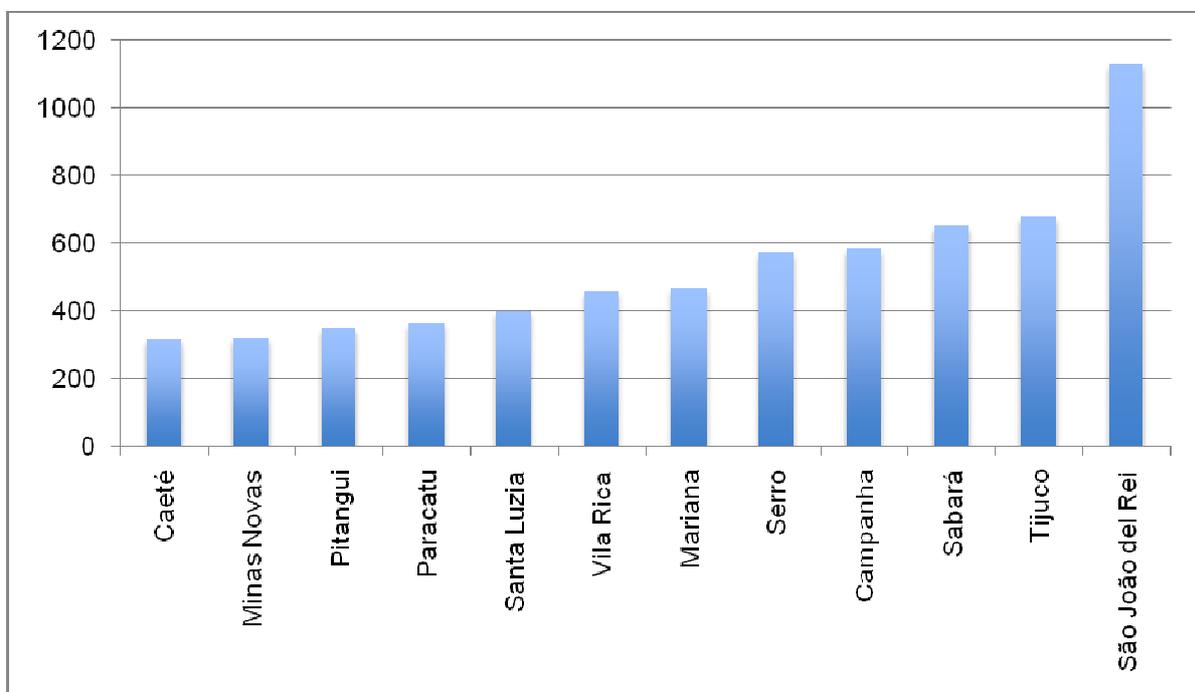
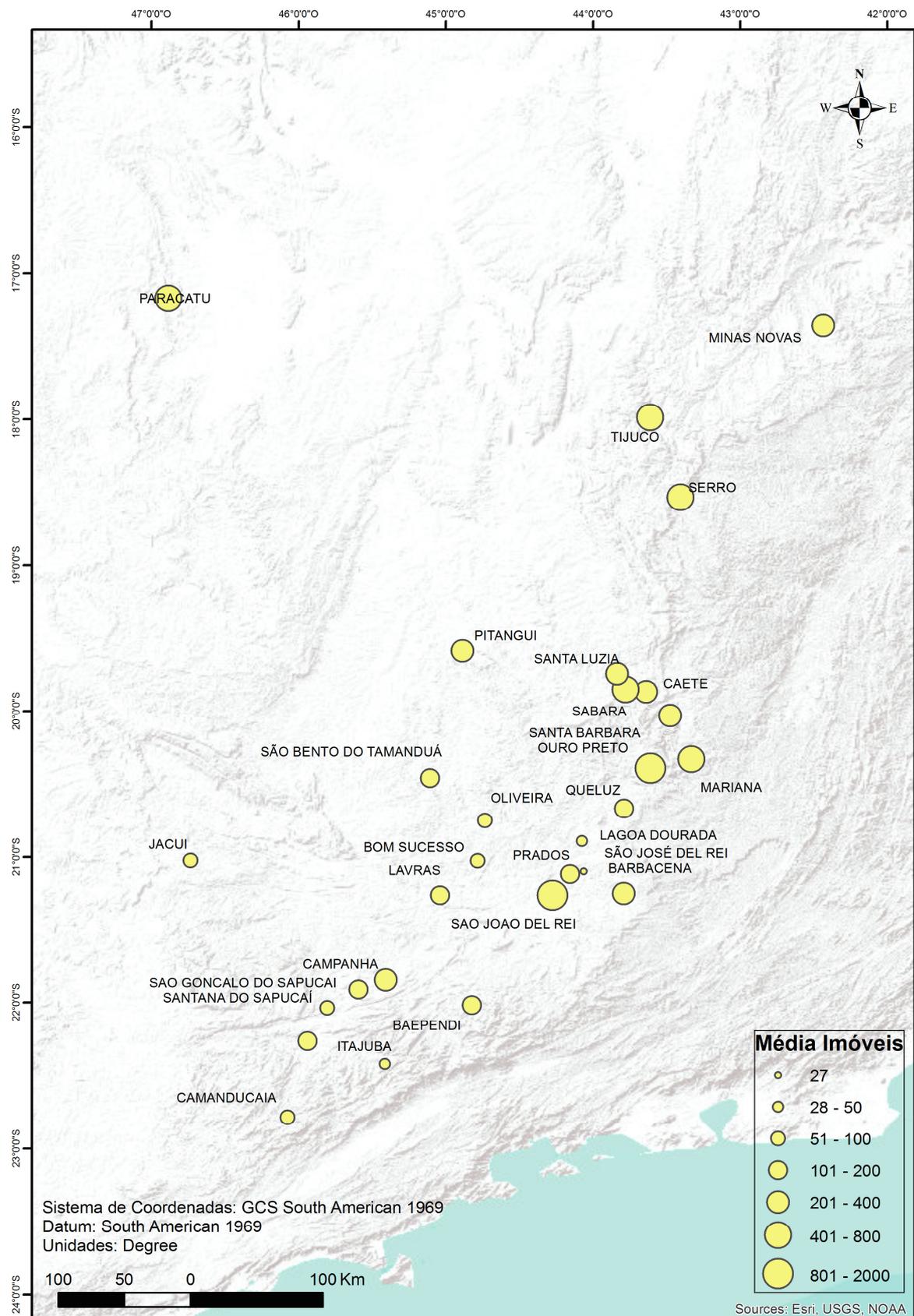
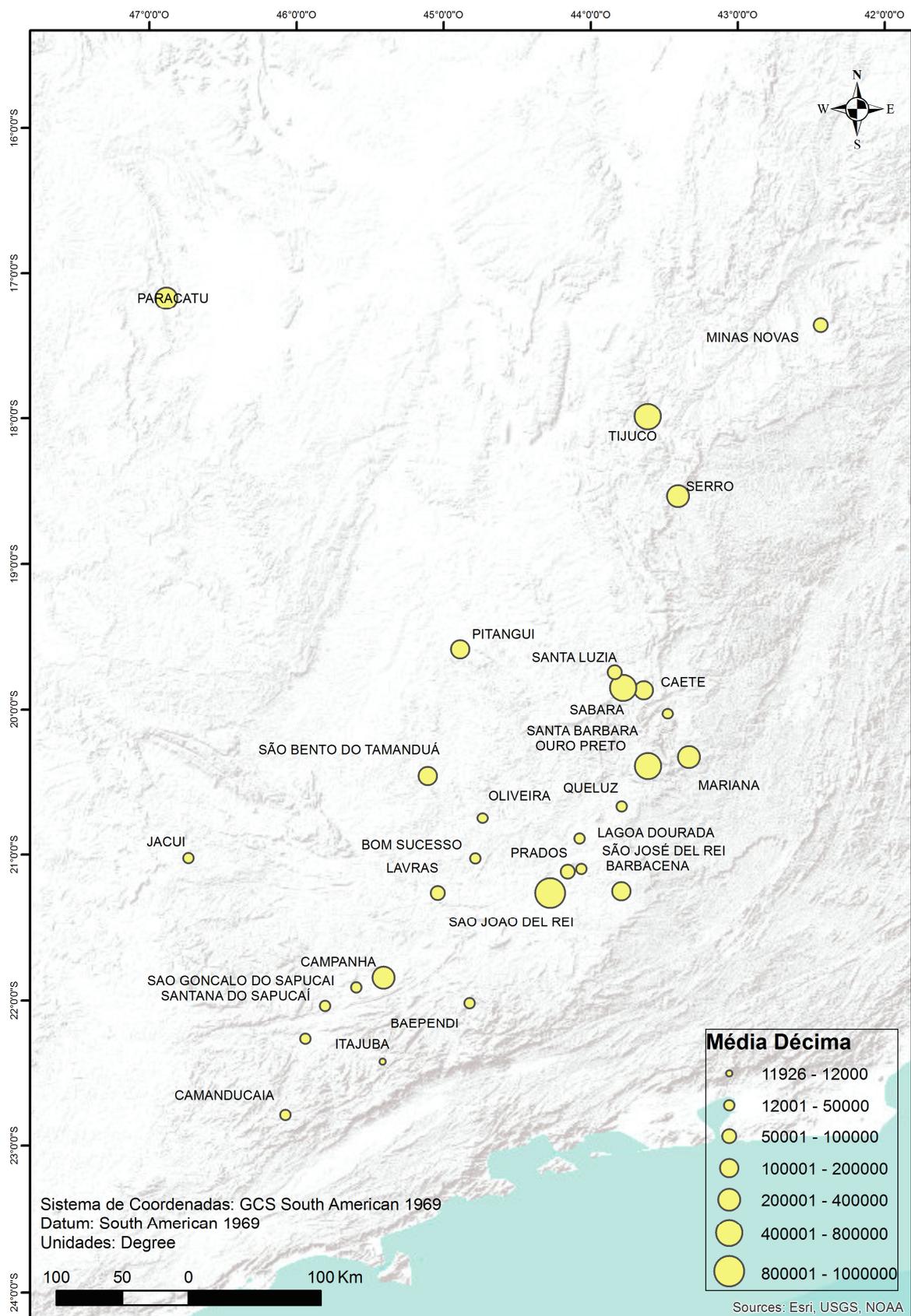


Gráfico 3: valor médio por imóvel pago de décima predial em Minas Gerais, 1809-1826

Fonte: COLEÇÃO CASA DOS CONTOS DE OURO PRETO/Série Décima Predial, 1809-1829 (para a relação detalhada de todos os livros, cf. CARRARA, Angelo Alves. *A Real Fazenda de Minas Gerais: guia de pesquisa da Coleção Casa dos Contos de Ouro Preto* (Instrumentos de Pesquisa, vol. 1). 1. ed. Ouro Preto: Editora da UFOP, 2003.



Mapa 1: número médio de imóveis segundo a décima predial de Minas Gerais, 1809-1826
 Fonte: Fonte: COLEÇÃO CASA DOS CONTOS DE OURO PRETO/Série Décima Predial, 1809-1826.



Mapa 2: valor médio da décima predial de Minas Gerais, em réis 1809-1826

Fonte: Fonte: COLEÇÃO CASA DOS CONTOS DE OURO PRETO/Série Décima Predial, 1809-1826.

Estaria esta diferença dos valores médios das edificações em Vila Rica e em São João del Rei relacionadas ao maior dinamismo econômico da comarca do Rio das Mortes (nos casos de São João del Rei e Campanha) e na região dos diamantes (nos casos do Serro e do Tijucu) em comparação com o declínio das atividades mineradoras na comarca de Vila Rica? E, portanto, este declínio refletir-se-ia na decadência dos imóveis desta vila? Segundo Alexandre Cunha, por volta de 1820 as obras várias igrejas de Vila Rica não haviam sido concluídas, como nas de Nossa Senhora das Mercês e da Misericórdia, de São José e de São Francisco de Paula. Além disto, o autor menciona o “precário estado de conservação dos casarios naquele começo do século XIX”.⁵⁸

Seja, como for, esta disparidade nos valores da décima entre as diversas vilas de Minas Gerais não parece estar ligada às atividades agrícolas, pois, como mostrou Angelo Carrara, se assim fosse, “a freguesia com a mais elevada participação na produção rural, Pitangui, lideraria a lista”.⁵⁹ A resposta para estas questões sem dúvida exigem estudos mais amplos, e apesar de não ser o propósito desta pesquisa explorar estes aspectos, julgamos importante mencioná-los pois ajudam a corroborar este período como de profundas mudanças sobre o centro urbano de Vila Rica.

Do lado da história demográfica, por seu turno, apesar de restritos à freguesia de Antônio Dias, os dados sistematizados por Iraci del Nero da Costa referentes ao número médio anual de casamentos, óbitos e batismo ao longo do século XVIII podem ser tomados como um termômetro das variações demográficas no período. Do lado dos óbitos, observa-se um rápido aumento no seu número entre 1719-1728 e 1744-1753: de uma média anual equivalente a 61 de funções em 1719-1728 passou-se a 238 mortes por ano entre 1744 e 1753. Os valores médios anuais mantiveram-se altos até o decênio 1759-1768 (232 óbitos), a partir de quando observa-se uma queda persistente até 1818. Os batismos acompanham muito de perto o movimento dos óbitos: de 160 nascimentos entre 1764 e 1773 passa-se a uma média de 147 até 1808, quando a cifra cai para 126.⁶⁰

⁵⁸ CUNHA, Alexandre Mendes. Espaço, paisagem e população: dinâmicas espaciais e movimentos da população na leitura das vilas do ouro em Minas Gerais ao começo do século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p125. 2007.

⁵⁹ CARRARA, Angelo Alves. Espaços urbanos de uma sociedade rural: Minas Gerais, 1808-1835. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 25, p. 144-164, 2001, p. 148.

⁶⁰ COSTA, Iraci del Nero da. *Vila Rica: população (1719-1826)*. São Paulo, IPE-USP, 1979, 268 p. (Ensaio Econômico, 1). Cf. também COSTA, Iraci del Nero da. *Populações mineiras: sobre a*

Já a análise de Donald Ramos mostrou um quadro bem diferente daquele verificado nos meados do século XVIII. Por exemplo, enquanto em 1776 a população masculina (entre livres e escravos) era de 49.789 indivíduos (63,33% da população total) contra 28.829 mulheres, em 1804 o censo registrou 100 mulheres para 81,7 homens. Mais do que isto, 47,4% dos lares eram chefiados por mulheres, 82,7% das quais, solteiras. Ou seja, a perda de população ocorreu mais fortemente entre os homens.⁶¹ Estes dados mostram que no início do século XIX Vila Rica tinha uma estrutura demográfica diferente da das décadas anteriores. Foi a partir deste quadro que nos propusemos a seguinte questão: como se distribuía a população de Vila Rica nos anos finais do período colonial? Será que os espaços urbanos da vila eram ocupados em razão das distinções sociais? Herculano Mathias avaliava o resultado final como “minucioso” e “completo”: as listas mostraram uma população urbana de 8.990 pessoas.⁶² Se consideramos as 1.651 residências inventariadas na décima predial de 1809 e os 1.008 imóveis registrados nos tombos a partir de 1809 temos um número médio de moradores por fogo variando entre 5,4 e 8,9. O problema está em que enquanto não se tiver uma exata correspondência entre a mancha urbana recenseada pela décima e a registrada nos tombos, não será possível estabelecer uma cifra minimamente aceitável. Esta incongruência reflete-se também com os dados relativos às profissões encontradas na vila nesse período. O número de militares, por exemplo, é de 99 no recenseamento, e nos tombos chegam a totalizar 180.

O estudo detalhado destas listas por Donald Ramos revelou algumas diferenças em relação aos números originalmente apresentados por Herculano Mathias. Em lugar dos 8.990 indivíduos computados por este último, Ramos dá um

estrutura populacional de alguns núcleos mineiros no alvorecer do século XIX. São Paulo, IPE-USP, 1981, 335 p. (Ensaio Econômico, 7); COSTA, Iraci del Nero da. *Minas Gerais: estruturas populacionais típicas*. São Paulo, EDEC, 1982; COSTA, Iraci del Nero da; LUNA, Francisco Vidal. *Minas Colonial: economia e sociedade*. São Paulo, Pioneira, 1982. (Estudos Econômicos FIPE-PIONEIRA).

⁶¹ Os dados de 1766 foram extraídos do “Mapa geral de fogos, filhos, filhas, escravos e escravas, pardos forros e pretos forros, agregados, clérigos, almas, freguesias, vigários, com declaração do que pertence a cada termo e total e geral de toda a capitania de Minas Gerais, tirado no ano de 1767” (ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, BRASIL/MINAS GERAIS, cx. 93, doc. 58, “mapas estatísticos sobre demografia, sesmarias, dízimos, direitos das entradas, rendimento das minas, resumos gerais da cavalaria ligeira, dragões auxiliares e infantaria, roças, lavras e fazendas, escravos e finalmente balanço da Provedoria de Minas”). Os dados para 1776 foram tomados de *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 2, 1897, p.511

⁶² MATHIAS. Herculano Gomes, *Um recenseamento na Capitania de Minas Gerais: Vila Rica – 1804*. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, 1969, p. iv.

total de 8.785 pessoas, 68,8% dos quais eram livres (2.740 escravos).⁶³ Um dos aspectos que chamou a atenção deste autor é a queda da população da vila quando comparada a seu número durante o apogeu da produção do ouro na década de 1740—cerca de 20.000 habitantes. Donald Ramos não menciona a fonte da qual extraiu este número, mas não resta dúvida quanto a uma queda da população urbana. Em 1815 o termo de Vila Rica, correspondente a todo o território do município, isto é, tanto as áreas urbanas quanto rurais, contava 5.937 escravos. Em 1749 este número era de 18.293 escravos. O problema está em avaliar os níveis diferentes de queda da população rural e da população urbana. É possível que a queda demográfica nas áreas rurais tenha sido mais intensa do que nas áreas urbanas, pela própria natureza das atividades desempenhadas pela população em um e outro espaço. Mesmo que se possa questionar o número de 20.000 indivíduos para a área urbana nos meados do século XVIII por conta da ausência de um valor válido para toda a população da vila nos meados do século XVIII fundado em fontes confiáveis, os dados disponíveis em 1766 para toda a comarca de Vila Rica, constituída então pelos termos de Vila Rica e Mariana dão um total de 98.896 indivíduos, 38.647 (39,07%) dos quais escravos. Sem dúvida, o processo de urbanização pode ser também flagrado por fontes alternativas, dentre as quais os registros eclesiásticos e os relatos dos viajantes. Contudo o recurso aos testemunhos dos viajantes do início do século XIX exige cuidados especiais, dada a forte subjetividade de cada impressão dada sobre esta ou aquela cidade.⁶⁴

Outra frente de estudos volta-se para o emprego da iconografia, que também exigiria um tratamento especial, que obviamente escapa aos objetivos da presente pesquisa. Um dos exemplos mais conhecidos é a pintura de Arnaud Pallière, de 1820. Do mesmo modo que os viajantes, o pintor escolheu os aspectos mais dignos de registro em sua “descrição pictórica” de Vila Rica: O que se destaca de modo muito evidente são as igrejas (Carmo e São Francisco), a Casa de Câmara e Cadeia

⁶³ RAMOS, Donald. *Vila Rica: profile of a colonial Brazilian urban center*. The Americas, v. 35, n. 4 (apr., 1979), p. 495-526.

⁶⁴ OLIVEIRA, Patrícia Porto de. Vila Rica: Dados urbanos através dos assentos de Batismo de escravos adultos século XVIII. In: Seminário de História Quantitativa e Serial, II, 2001, Belo Horizonte. *Revista de História Quantitativa e Serial*. Belo Horizonte: PUC/MG, 2001. v. 2. p. 22-25. CAMPOS, Kátia Maria Nunes. “Sem dados não há demografia”: uma proposta para a criação de um banco de dados demográficos e sua aplicação em uma paróquia mineira: 1760-1804. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG, 2012.. Sobre os problemas envolvendo os relatos dos viajantes em relação aos espaços urbanos cf. CUNHA, Alexandre Mendes. Espaço, paisagem e população: dinâmicas espaciais e movimentos da população na leitura das vilas do ouro em Minas Gerais ao começo do século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 126. 2007.

e, dominando a paisagem, o antigo palácio dos governadores. Em segundo lugar, o casario, com destaque para os edifícios de mais de um andar (figura 3). E ao fundo, as montanhas. Mas há igualmente outros elementos que merecem atenção, como os quintais e jardins de algumas residências, com especial destaque para o do palácio dos governadores⁶⁵ O uso da iconografia é sem dúvida extremamente útil que se tem por objetivo refinar a análise de certos elementos particulares da vila. No caso do processo de urbanização de Ouro Preto ao longo dos séculos XIX e XX, por exemplo, a fotografia tem de necessariamente desempenhar um papel central.



Figura 4: Vista de Vila Rica (Antônio Dias), c.1820 – Arnaud Pallière (Museu da Inconfidência, Ouro Preto).

⁶⁵ PALLIÈRE, Arnaud. *Vista de Vila Rica (Antônio Dias)*, c.1820 – óleo sobre tela 36,5 x 96,8 cm – Museu da Inconfidência, Ouro Preto. Como exemplo do uso desta imagem numa interpretação das “transformações no espaço urbano das vilas do ouro mineiras na passagem do século XVIII para o XIX, pensando particularmente as transformações na paisagem e na demografia”: CUNHA, Alexandre Mendes. Espaço, paisagem e população: dinâmicas espaciais e movimentos da população na leitura das vilas do ouro em Minas Geais ao começo do século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, 2007.

2.2. A constituição do núcleo urbano de Vila Rica

A primeira descrição mais detalhada sobre o processo de constituição do núcleo urbano de Vila Rica coube a Sylvio de Vasconcellos.⁶⁶ Bem antes, porém, Diogo de Vasconcelos havia chamado a atenção para o fato de que Vila Rica foi composta de vários arraiais, de acordo com as determinações do Regimento das Minas de 1702, que determinava que eles deveriam guardar uma distância mínima entre si; esta seria a origem dos bairros que formaram Vila Rica. Paulo Santos parece corroborar esta ideia, ao assinalar, baseado nos aforamentos da época, que já em 1711, quase todos os arraiais, futuros bairros de Ouro Preto, estavam formados, com as designações que até hoje perduram.⁶⁷

Sylvio de Vasconcelos, por sua vez, destacou uma distinção importante entre os arraiais de maior comércio em detrimento dos mais auríferos. A fonte que lhe serve de sustentação é a resolução da junta geral de 11 de julho de 1711, em que se determinou que no arraial de Nossa Senhora do Pilar “junto ao de Antônio Dias, se fundasse a vila [...], pois era sítio de maiores conveniências que os povos tinham achado para o comércio”. A sesmaria da vila teria como limites “a passagem do ribeirão até o terreno da dita vila, e da serra do Itacolomi até a de Antônio Pereira, correndo até entestar com o capitão Manuel Matos”. Mais difícil é a identificação de algumas edificações que podem ser tomadas como pontos de referência no trabalho da presente pesquisa, como é o caso do Palácio Velho, uma casa construída especialmente para o governador D. Pedro de Almeida, que Sylvio de Vasconcelos diz corresponder provavelmente a uma das ruínas situadas entre Lajes e uma ponte chamada de Palácio Velho”.⁶⁸

Normalizadas as explorações, o traçado urbano de Ouro Preto desenvolveu-se em torno de “capelas provisórias, cujos adros e caminhos, caseados, vão cordear os incipientes logradouros públicos” (figura 4).

⁶⁶ VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento, residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

⁶⁷ VASCONCELOS, Diogo. *História antiga de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Nacional, 1948, v. 2, p. 146. Cf. também SANTOS, Paulo F.. *A arquitetura religiosa em Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1951, p. 32.

⁶⁸ VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento, residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 24-26; “Auto de ereção de Vila Rica”, *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 2, 1897, p. 84.

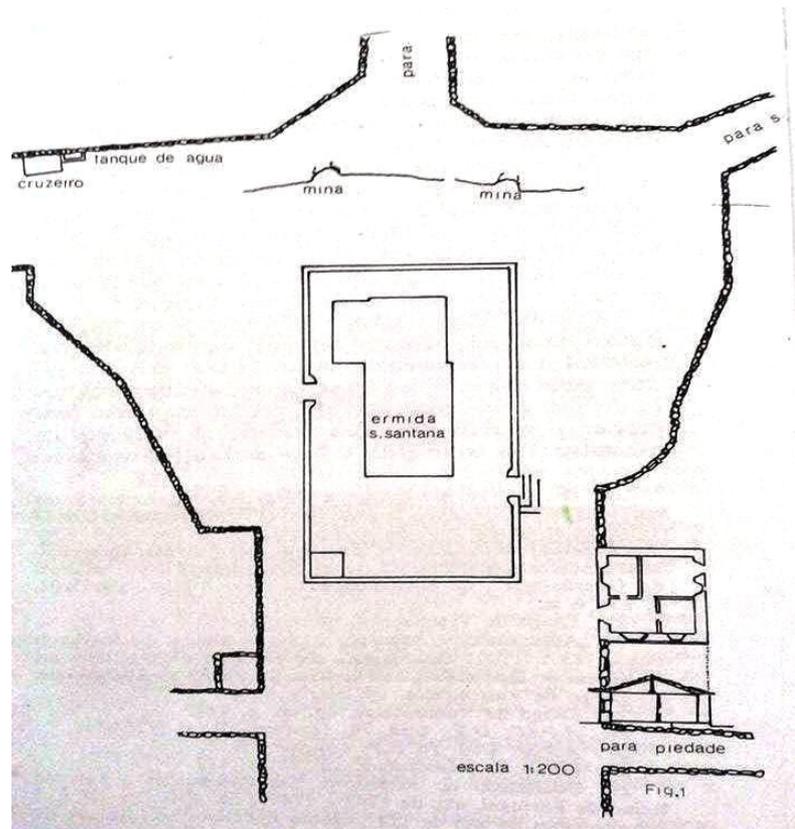


FIGURA 5: arruamento em torno da ermida de Santana

Fonte: VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento, residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p.18.

O arruamento da vila ter-se-ia fixado entre as duas matrizes de Nossa Senhora do Pilar e da Conceição, “em torno dos atalhos e bifurcações de um trecho de estrada que, do litoral, passando pelos *campos* (Cachoeira, Itabira, Congonhas, etc.), atinge Mato Dentro (Santa Bárbara, Catas Altas, Conceição, etc.), em busca do interior.” No entanto, dentre os vários caminhos, um seria o mais importante e mais transitado: a estrada tronco que ia da entrada da vila diretamente até a matriz de Antônio Dias, saindo por Santa Ifigênia. Esta seria a razão pela qual, na entrada, designa-se Cabeças (princípio) entre as matrizes, Rua Direita e na saída Vira e Sai (figura 4). Estas teriam sido as variáveis que constituíram o traçado urbano de Ouro Preto, que ao final reuniria sete zonas:

- 1^a) da ponte do Passa Dez ao alto das Cabeças;
- 2^a) das Cabeças à ponte do Caquende ou do Rosário;
- 3^a) da ponte do Rosário à ponte de São José;
- 4^a) da ponte de São José até a Praça;
- 5^a) da Praça até a ponte dos Suspiros, de Marília ou de Dirceu;
- 6^a) da ponte dos Suspiros até o Alto da Cruz (ou Santa Efigênia);

7^a) do Alto da Cruz até a ponte do Padre Faria.

Segundo ainda Sylvio de Vasconcelos, as áreas limítrofes à praça foram reservadas para as residências das classes de maiores recursos, enquanto que nas zonas mais afastadas residiriam os pobres servidos por pequenos núcleos de comércio próprio.⁶⁹

Pelo Tombamento de 1734, por exemplo, consta que em Vila Rica, “entre o Passa-Dez e Padre Faria, 538 casas, ou seja, 4.304 habitantes, à razão de oito por moradia”.⁷⁰ Esclareço que estes dados se referem à população livre, proprietária dos imóveis recenseados, já que o documento não menciona os escravos.

As dimensões dos lotes variariam também em função da riqueza ou da pobreza. Enquanto “nas encostas mineráveis”, em que as casas assentavam-se em terrenos de conformação irregular e “raramente configuradas em quadras, muitos dos quais cercados de muros de pedra seca” os lotes tinham tamanhos muito variados, nas “zonas de maior valorização, ao contrário”, os lotes teriam dimensões mínimas, com testadas que raramente ultrapassariam os 10 metros”.⁷¹ Este quadro que Sylvio de Vasconcelos desenha para as duas primeiras décadas do século XVIII.

Os registros dos tombos de 1809 parecem corroborar a avaliação feita por Sylvio de Vasconcelos. As casas têm tamanhos variáveis, mas seus terrenos ficam compreendidos entre 1 a 3 braças (cada braça equivalendo a 2,2 metros), o que confirma que as testadas raramente ultrapassariam os 10 metros, mesmo em zonas de maior valor. Assim, exatamente por conta dos reduzidos espaços disponíveis, as residências da área urbana tangenciavam as ruas, e quase sempre também as laterais, ficando assim geminadas às casas vizinhas, “compondo conjuntos compactos que cordeiam as vias públicas.”⁷²

Com o correr do tempo, os arraiais mineradores cresceram e a distância que os separa diminuiu. Os arraiais de Antônio Dias e Ouro Preto se uniram no morro de Santa Quitéria, onde hoje está a Praça Tiradentes. A rua principal tomou sentido longitudinal, ligando as três colinas que viriam a formar a futura cidade de Ouro

⁶⁹ VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento, residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 84.

⁷⁰ ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO/Tombos Foreiros, 1809-1812. Livro 12, Volume 152.

⁷¹ VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento, residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 101/106.

⁷² VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento, residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 108.

Preto: Cabeças, Praça Tiradentes e Santa Efigênia e, mais abaixo, o Padre Faria. O arraial de Ouro Preto forma com o de Antônio Dias o núcleo de Vila Rica, que impôs seu nome

A história deste processo, representada numa série de croquis, foi retomada mais recentemente por Maria Aparecida de Menezes Borrego. Contudo, um avanço notável é devido a Marina Salgado, que investiga “a evolução das novas formas urbanas originadas pela acelerada expansão das cidades, assim como das formas tradicionais do centro histórico da cidade de Ouro Preto”, por meio de metodologias desenvolvidas pelas escolas de Morfologia Urbana.⁷³ O objeto da pesquisa é propriamente o “dilema entre a tradição e a modernidade” nas cidades coloniais mineiras, expresso no fato de que, de um lado estas cidades dispõem de um núcleo histórico a ser preservado e, de outro lado as propostas de expansão que “devem levar em consideração a manutenção da qualidade da paisagem do centro histórico, respeitando seus edifícios, seus tecidos urbanos”. No entanto, o capítulo segundo (“a evolução urbana da cidade de Ouro Preto”) passa em revista de modo extremamente detalhado os elementos relativos às regulamentações urbanas, as tipologias residenciais e especializadas e a paisagem da vila ao longo dos séculos XVIII e XIX. Trata-se, sem dúvida, do mais completo estudo a respeito.

No capítulo seguinte mostraremos a distribuição dos lotes urbanos de acordo com o livro dos tombos de 1809.

⁷³ BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. *Códigos e práticas: o processo de constituição urbana em Vila Rica colonial (1702-1748)*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2004, p.65-67. SALGADO, Marina. *Ouro Preto: paisagem em transformação*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2010 (Dissertação (mestrado) - Escola de Arquitetura). Esta dissertação foi publicada em 2013 sob o mesmo título pela editora CRV, de Curitiba.

3 - Capítulo 2 - A distribuição do espaço em Vila Rica no princípio do século XIX

Neste capítulo será apresentada uma síntese os dados sistematizados das duas fontes fundamentais deste estudo – o livro de tombos e o recenseamento da década de 1800.

Em primeiro lugar, deve-se recordar que, no caso do livro de tombos, a ênfase da análise recai fundamentalmente sobre as características dos imóveis, já que os nomes aos quais cada um deles está associado pode em muitos casos não corresponder ao do efetivo morador, como se viu anteriormente (tabela 1). Contudo, podem ao menos ser identificados alguns atributos apostos aos nomes dos foreiros, como sua condição (no caso dos libertos) e sua ocupação (no caso principalmente dos eclesiásticos e dos militares). O estado civil só mereceu atenção no caso das viúvas, certamente porque seus maridos eram os foreiros originais. Mesmo assim, não há qualquer informação adicional sobre o foreiro para 308 imóveis, num total de 1.007.

Seja como for, os dados mostram números interessantes no que respeita aos duas grandes categorias mais comuns – militares e eclesiásticos (estes últimos correspondendo ao total de 60 padres). Nos tombos aparecem também imóveis aforados por seis irmandades

Os dados mostram um notável predomínio da patente de capitão, com quase 70 indivíduos. A concentração deste grupo em Vila Rica pode sugerir que parte dos imóveis estivesse reservada a militares que desempenhassem suas funções em distritos afastados, mantendo casas na vila para os momentos em que sua presença fosse requerida (gráfico 4).

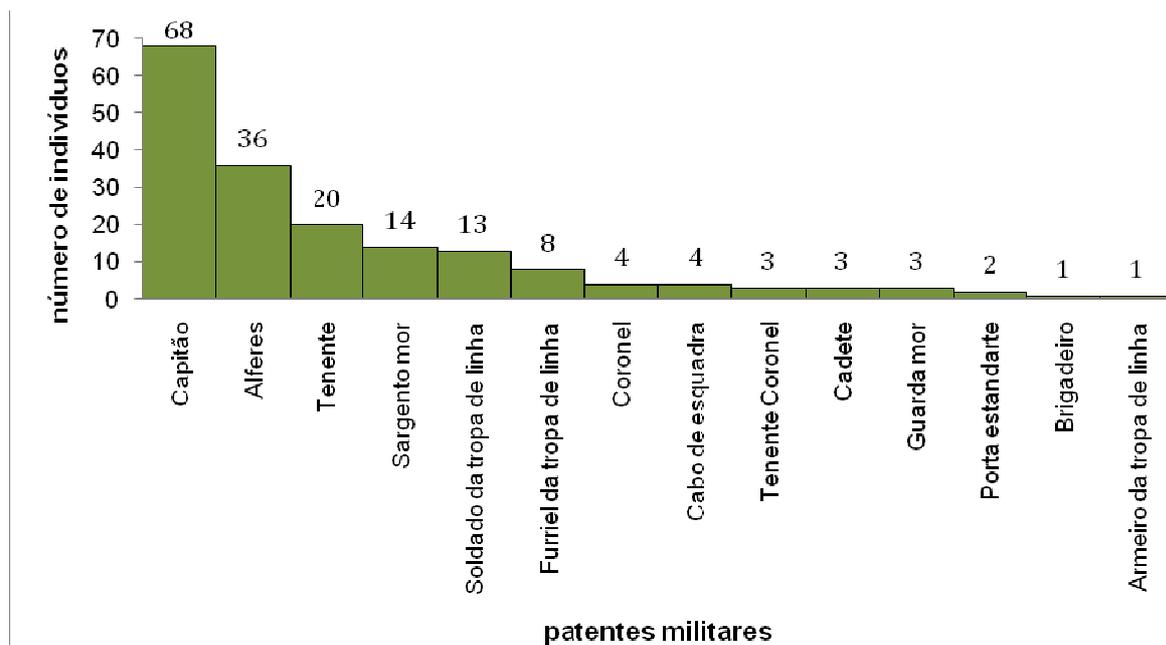


Gráfico 4: número de indivíduos com patentes militares que figuram como foreiros no livro dos tombos de Vila Rica em 1809

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO/TOMBOS FOREIROS, 1809-1812. Livro 12, Volume 152.

Quanto à condição da população, os tombos registram 287 ex-escravos, se forem considerados libertos os registrados como pretos/as mina ou angola (gráfico 5). Trata-se sem dúvida de um número expressivo (quase 30%) do total de foreiros.

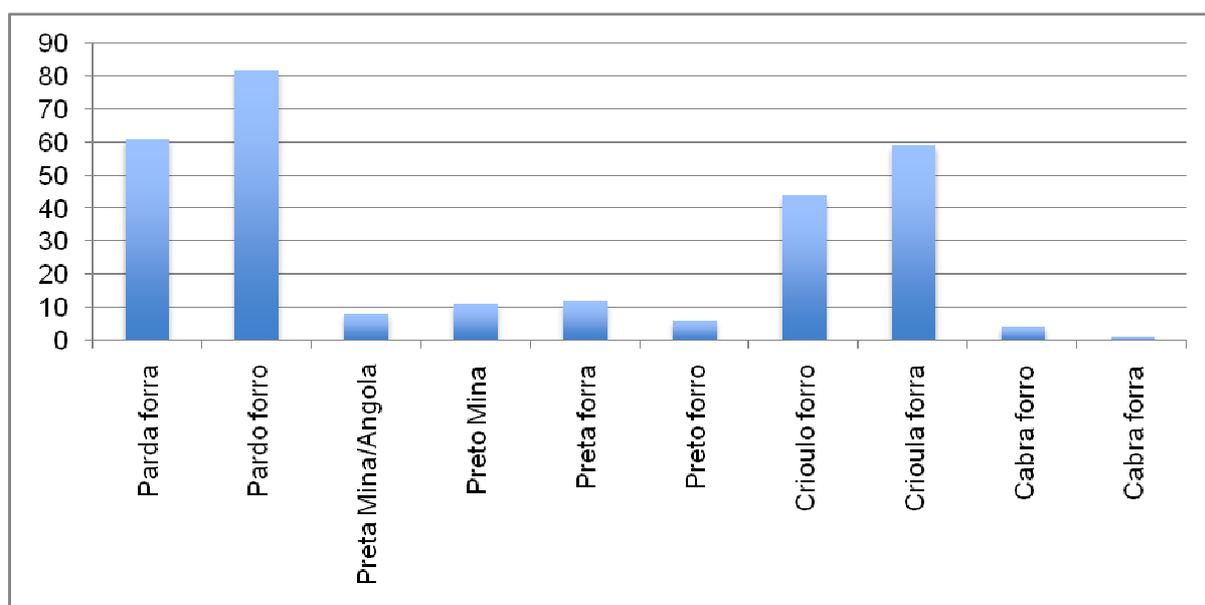


Gráfico 5: número de ex-escravos que figuram como foreiros no livro dos tombos de Vila Rica em 1809.

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO/TOMBOS FOREIROS, 1809-1812. Livro 12, Volume 152.

No entanto, deve-se advertir para a possibilidade de que as categorias “preto/preta Mina/Angola” sejam de fato escravos, dadas as condições específicas de uma sociedade em que a mineração é uma atividade tão importante como em Vila Rica. Há casos em que escravos tivessem seus nomes inscritos nas contas correntes de lojas no século XVIII, isto é, que tinham acesso a vendas a crédito. Mais do que isto, há casos em que escravos eram os próprios donos das vendas.⁷⁴ Esta informação seria fundamental para uma análise das relações sociais estabelecidas entre a Câmara e os foreiros. O fato de que um terço dos foreiros em 1809 serem ex-escravos é um indicador importante com respeito a estas relações.

Já para os imóveis propriamente ditos que as informações são mais completas. A grande maioria das propriedades correspondia a casas (915 no total). Os tombos mencionam 15 terrenos sem maiores esclarecimentos. No entanto, registra, 26 terrenos sem edificação, três terrenos murados, três terrenos místicos, dois terrenos cercados, além de um terreno com casas demolidas. Constatam ainda uma vila de casas, um sítio e uma edificação em construção, além de 32 chácaras e uma estalagem. É curioso que na capital da capitania só um estabelecimento destinado à hospedagem de viajantes tenha sido registrado. No mapa dos fins do século XVIII (anexo 1) foi anotada uma estalagem, mas no caminho para São Bartolomeu. A estalagem registrada nos tombos de 1809 encontrava-se na rua antiga rua Nova do Sacramento, que seguia por trás da capela do Rosário até a ponte de São José, e que corresponde hoje a uma parte da rua Getúlio Vargas, passava pelo Largo da Alegria e seguia até a rua São José.

Com relação ao valor do foro, observa-se uma concentração nas casas dos 300 e dos 600 réis (gráfico 6).

⁷⁴Sobre a presença de escravos nas listas de fregueses que compravam a crédito cf. PEREIRA, Alexandra Maria. *Um mercador de Vila Rica; atividade mercantil na sociedade do ouro (1737-1738)*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008 (dissertação de Mestrado/Programa de Pós-Graduação em História), p. 100. Cf. também CARRARA, Angelo Alves. *Fontes quantitativas para a história de Minas Gerais no Setecentos*. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2008.

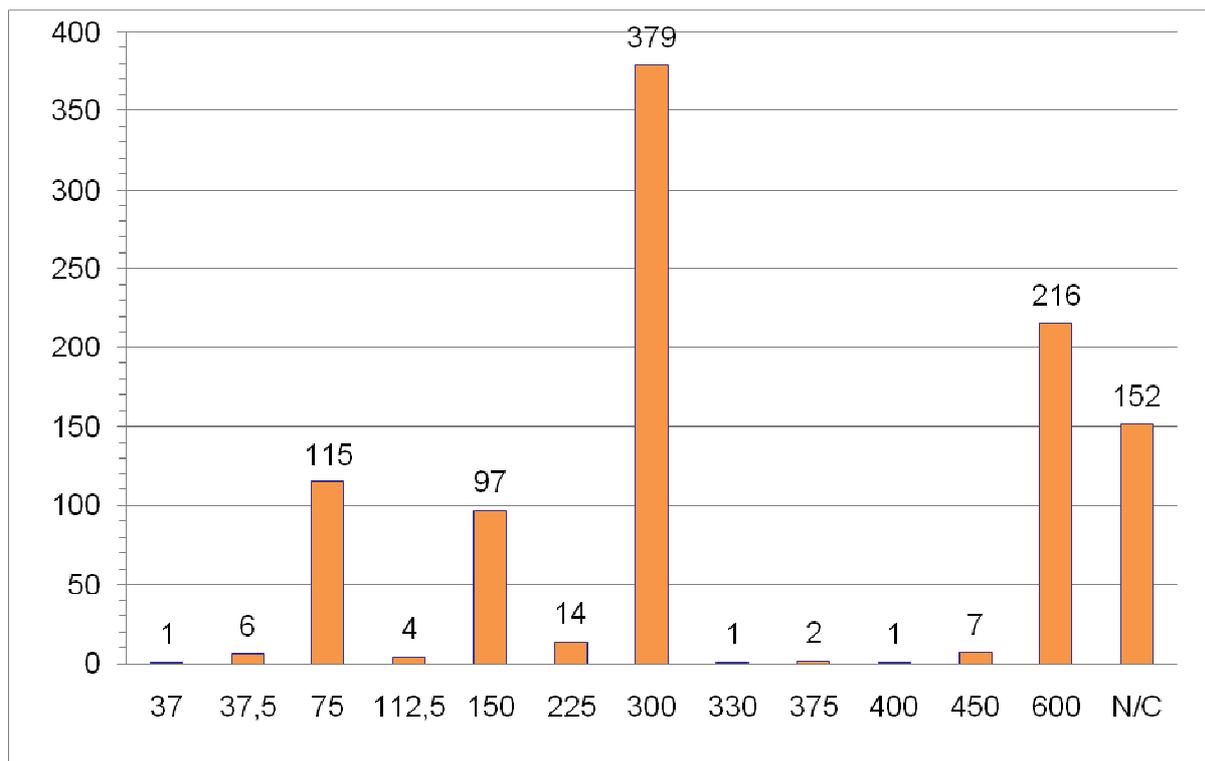


Gráfico 6: valor do foro pago pelos imóveis registrados no livro dos tombos de Vila Rica em 1809.

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO/TOMBOS FOREIROS, 1809-1812. Livro 12, Volume 152.

Mas qual a relação disto com a localização dos imóveis e o tamanho em braças? Para os 819 imóveis para os quais há informações precisas sobre o valor do foro (tabelas 3-A e 3-B), nota-se uma clara concentração dos valores mais altos dos foros – a partir dos 300 réis – em algumas ruas em especial.

Valor do foro	Rua	Número de imóveis
600	3	9
600	6	6
600	7	12
600	8	66
600	10	1
600	11	6
600	12	6
600	14	22
600	15	14
600	16	14
600	21	8
600	23	5
600	24	24
600	25	1
600	27	1

600	28	19
525	21	2
450	6	2
450	11	1
450	12	1
450	21	1
450	22	1
450	25	1
375	8	1
375	16	1
330	19	1
300	1	27
300	3	9
300	4	61
300	5	5
300	6	18
300	7	3
300	8	4
300	9	23
300	11	1
300	12	3
300	14	15
300	16	14
300	17	6
300	18	5
300	19	12
300	20	10
300	21	19
300	23	9
300	24	20
300	25	10
300	26	4
300	27	8
300	28	70
300	29	14
225	5	1
225	6	1
225	15	1
225	17	1
225	22	9
225	25	1
200	28	1
150	1	8
150	2	1
150	3	6
150	4	6
150	5	7
150	6	9

150	7	1
150	8	1
150	9	1
150	13	1
150	14	1
150	15	2
150	16	3
150	17	3
150	18	2
150	19	3
150	20	7
150	24	1
150	25	1
150	26	3
150	27	9
150	28	5
150	29	7
112,5	5	2
75	1	2
75	2	50
75	4	7
75	5	1
75	5	1
75	6	3
75	6	3
75	8	1
75	11	2
75	12	3
75	13	1
75	14	1
75	16	3
75	17	9
75	19	6
75	20	6
75	21	1
75	24	3
75	27	9
75	28	3
37,5	2	3
37,5	6	1
37,5	20	2
37,5	27	4

Tabela 3-A: número de imóveis por rua e por valor do foro em Vila Rica, 1809.

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO/TOMBOS FOREIROS, 1809-1812.
Livro 12, Volume 152.

Abreviaturas das ruas: cf. capítulo 3.

Valor do foro	Rua	Número de imóveis
300	1	27
300	4	61
300	6	18
600	7	12
600	8	66
300	9	23
600	10	1
300	14	15
600	14	22
600	15	14
300	16	14
600	16	14
300	19	12
300	21	19
300	24	20
600	24	24
300	28	70
600	28	19
300	29	14

Tabela 3-B: imóveis registrados com foros entre 300 a 600 réis em Vila Rica, 1809.

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO/TOMBOS FOREIROS, 1809-1812. Livro 12, Volume 152.

Abreviaturas das ruas: cf. capítulo 3.

O maior número de imóveis concentrava-se na referida antiga rua Nova do Sacramento, com 61 imóveis que pagavam 300 réis de foro; na antiga rua Direita, da ponte do Ouro Preto até a Praça, correspondente ao trecho que vai da rua do Pilar, passando pela rua Paraná à rua Conde de Bobadela, com 66 imóveis com foro de 600 réis; e a antiga “ladeira que principiava no Alto da Cruz e seguia pela Água Limpa até o Taquaral”, isto é, o atual trecho da rua Quintiliano Maciel, pelo asfalto, em direção a Mariana, passando pelo chafariz da “Água Limpa” ou Águas Férreas, com 70 imóveis lançados 300 réis e 19 a 600.

À primeira vista, a concentração dos imóveis com os valores mais altos nas ruas do centro da vila parece ter a ver com sua posição geográfica propriamente dita, de um lado, e com a condição social dos moradores, de outro lado (anexo 3-B), mas há outros elementos que devem ser levados em conta no momento de avaliar a relação entre a localização e o valor do foro: o acesso a determinados equipamentos urbanos. De imediato pode-se pensar nas igrejas mais imponentes, como a do Carmo, São Francisco e Pilar, localizadas no eixo da antiga rua Direita, da ponte do Ouro Preto até a Praça. Contudo, como avaliar o caso das ruas nas quais viviam

basicamente a porção mais humilde da vila? É possível que isto se relacione ao uso do solo no Padre Faria e no Taquaral, onde predominavam roças, isto é, propriedades nas quais o solo era usado para a produção agrícola destinada ao abastecimento da vila (anexo 3-4)?

Mas há outro equipamento fundamental para a vida urbana em Vila Rica: os chafarizes. Como o acesso à água era feito exclusivamente por meio destas construções, a proximidade de uma habitação era fundamental.⁷⁵ De fato, a localização dos chafarizes de Vila Rica no período demonstra se não uma relação entre o valor dos foros e a proximidade das edificações às fontes de água corrente, pelo menos sinalizam para o traçado das ruas. Os chafarizes são os seguintes:

1. Chafariz do Alto da Cruz
2. Chafariz Caminho das Lajes
3. Chafariz da Barra
4. Chafariz da Coluna
5. Chafariz da Glória
6. Chafariz da Rua Alvarenga
7. Chafariz da Rua Barão de Ouro Branco
8. Chafariz de Ferro do Marambaia
9. Chafariz da Rua Dr. Cláudio de Lima
10. Chafariz de Ferro do Morro de São Sebastião
11. Chafariz do Adro da Igreja Bom Jesus de Matosinhos
12. Chafariz do Beco da Canastra
13. Chafariz do Largo Frei Vicente Botelho
14. Chafariz do Largo Marília de Dirceu
15. Chafariz do Museu da Inconfidência
16. Chafariz do Passo de Antônio Dias
17. Chafariz do Pilar
18. Chafariz do Quartel (ou dos Cavalos)
19. Chafariz do Rosário
20. Chafariz do Santuário Nossa Senhora da Conceição
21. Chafariz do Sobrado das Lajes

⁷⁵ Sobre a evolução do acesso à água em Ouro Preto, cf. FONSECA, Alberto de Freitas Castro. *Controle e uso da água na Ouro Preto dos séculos XVIII e XIX*. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2004 (Dissertação de mestrado/Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental).

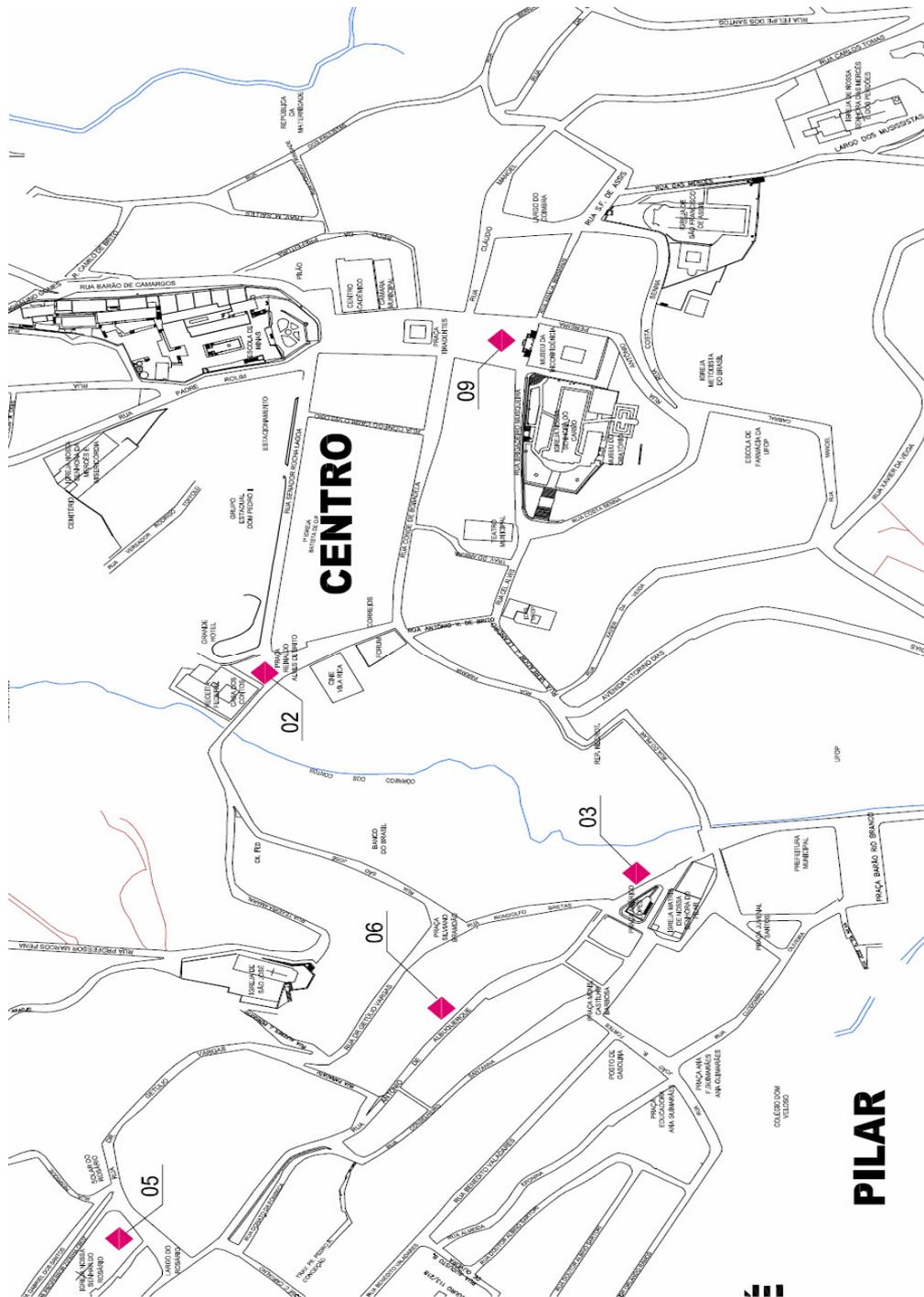
22. Ruínas do Chafariz do Jardim Botânico

A localização de alguns chafarizes encontra-se nas figuras de número 5-A e 5-B e mais adiante suas identificações com nomes e fotografias.⁷⁶

Figura 5-A: Planta de Ouro Preto em AutoCAD-2003.

LEGENDA:

- Chafariz
- Ruas
- Estrada de chão
- Hidrografia
- Linha de trem



⁷⁶ As imagens com as localizações dos chafarizes foram feitas no programa AutoCAD, assim como sua legenda; já as fotos dos chafarizes foram retiradas do site:

<http://ouropreto.org.br/atracoesbusca.php?cat4=Chafariz&button3=Realizar+busca>
Acessado em 14/07/2015.

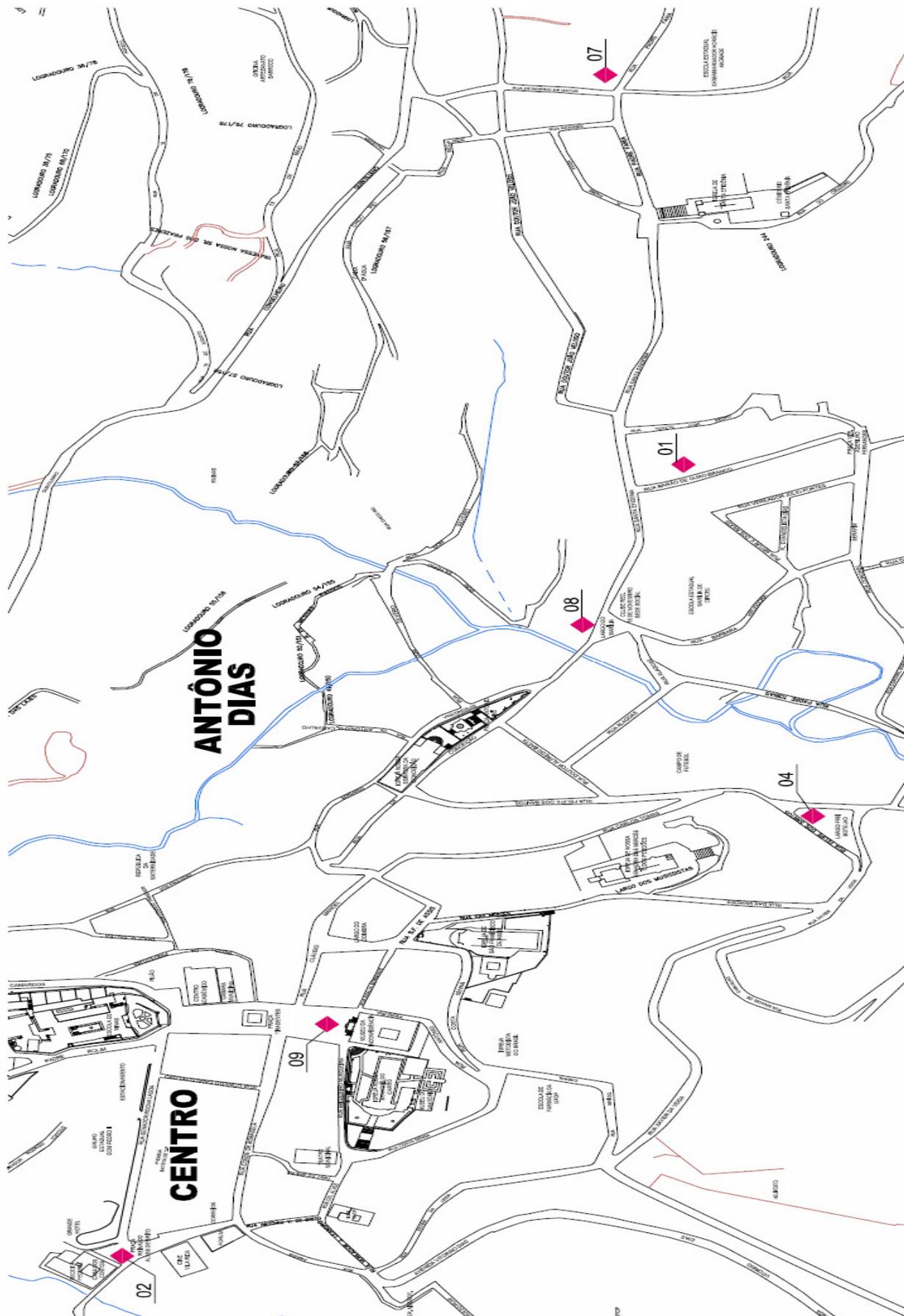


Figura 5-B: Planta de Ouro Preto em AutoCAD-2003.



01 – Chafariz Rua Barão de Ouro Branco (Rua Barão de Ouro Branco, oposto ao oratório de Santa Cruz)



Brito)

02 – Chafariz da Rua da Casa dos Contos (Praça Reinaldo Alves



03 – Chafariz do Pilar (Praça Américo Lopes)



04 – Chafariz do Largo Frei Botelho (Rua Antônio Martins)



05 – Chafariz do Rosário (Rua Professora Zizinha Cruz)



06 – Chafariz da Glória (Rua Antônio de Albuquerque)



próximo

07 – Chafariz Alto da Cruz ou Padre Faria (Rua do Padre Faria, à igreja Santa Efigênia)



08 – Chafariz Marília de Dirceu (Rua Santa Efigênia)



09 – Chafariz do Museu da Inconfidência (Praça Tiradentes)



10 – Chafariz Alto das Cabeças (Rua Alvarenga)

Quanto ao tamanho dos imóveis, o único dado oferecido pela fonte é a medida da frente de cada um, medida em braças, isto é, 2,2 m. Entre os 936 imóveis para os quais esta informação é precisa, observa-se um claro predomínio das faixas de 2 a 4 braças (gráfico 7). As duas maiores propriedades, medindo, respectivamente 312 e 320 braças, correspondiam a chácaras. A primeira destas chácaras era a residência do tenente Domingos Fernandes Rebelo, localizada no córrego da Olaria, na estrada de Vila Rica ao Tripuí. A segunda, ocupada pelo capitão Jerônimo Fernandes da Silva Macedo, na parte de cima do córrego do Passa Dez. Em razão de sua localização, é possível que estas chácaras também desempenhassem a função de estalagens, de alguma venda, ou mesmo para outros fins.⁷⁷

O capitão Jerônimo Macedo era sobrinho do contratador João Rodrigues de Macedo. Tendo em vista as atividades deste último, pode-se inferir que a chacara em questão pudesse ser utilizada para alguma atividade correlata às o contratador. Pelo menos é o que se depreende da carta que o comandante da vila da Campanha da Princesa José da Silva Brandão oficiou o falecimento de João Rodrigues de Macedo.⁷⁸

Por fim, não parece haver uma relação direta entre a dimensão dos imóveis e o valor do foro. Como se pode ver no gráfico 8, há uma elevada concentração de imóveis com até 5 braças que pagavam foros variando de 75 a 600 réis. Apesar de não ser aqui possível aprofundar a análise deste quadro, pode-se afirmar que outros elementos devem ser levados em consideração, como a localização e o tempo em que foi contratado com a Câmara o uso do imóvel, por exemplo (gráficos 7 e 8).

⁷⁷Sobre a chacara na Olaria, cf. CAMPOS. Kátia Maria Nunes. Vestígios da mineração de ouro na Serra do Veloso: uma contribuição à geo-história de Ouro Preto-MG. *Revista Espinhaço*, 2014, 3 (2): 15-27, p. 15. Há um documento que sinaliza nesta direção: ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO/Câmara Municipal de Ouro Preto/ação de condenação contra Domingos Fernandes Rebelo, devido à falta das medidas usadas para a venda do sal em seu comércio; Vila Rica, 3 de março de 1792; CMOP CX. 65 DOC. 05.

⁷⁸FONSECA, Paulo Miguel. O contratador João Rodrigues de Macedo: ações e transações através da prática epistolar no século XVIII. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 125, 200, pp. 29-55, p. 44-45. Cf. também ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO/CASA DOS CONTOS/Recibo passado por Rita Joaquina a Jerônimo Fernandes da Silva Macedo referente ao pagamento pelo aluguel de escravos a João Rodrigues de Macedo; Vila Rica, 15 de janeiro de 1798 [Cx. 99, doc. 20442].

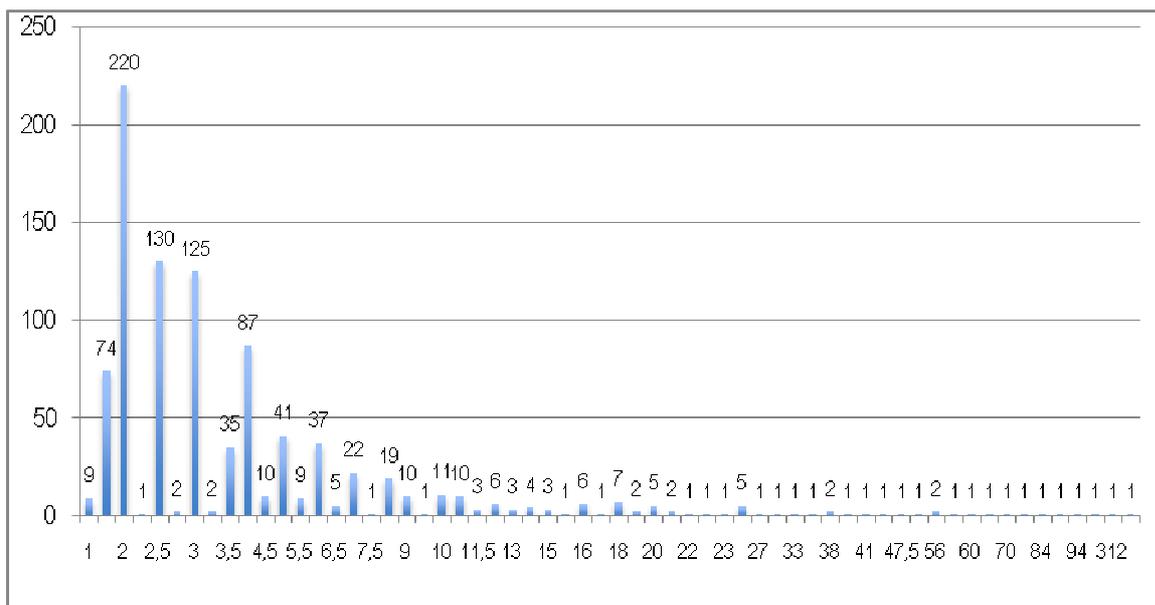


Gráfico 7: medida em braças da frente dos imóveis registrados no livro dos tombos de Vila Rica em 1809.

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO/TOMBOS FOREIROS, 1809-1812. Livro 12, Volume 152.

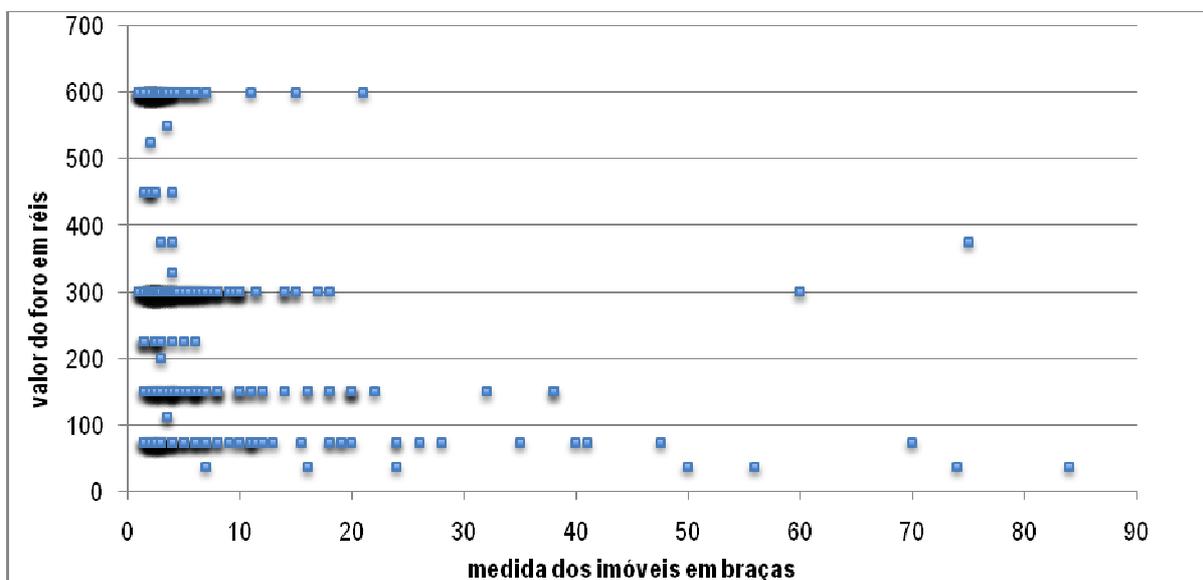


Gráfico 8: relação entre o valor do foro e o tamanho dos imóveis registrados no livro dos tombos de Vila Rica em 1809.

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO/TOMBOS FOREIROS, 1809-1812. Livro 12, Volume 152.

Os dados coletados no recenseamento de 1804 permitem estabelecer outro conjunto de variáveis, que permitem identificar com relativa precisão os moradores de Vila Rica. Como se assinalou na introdução desta dissertação, serão analisados os dados demográficos de dois conjuntos de ruas correspondentes aos bairros de

Antônio Dias e o conjunto formado pelos distritos de Padre Faria, Água Limpa e Taquaral. As casas situadas no trecho que ia do alto da Praça, seguindo pela rua Direita até a ponte, atualmente rua Bernardo de Vasconcelos, e a “rua detrás de Antônio Dias, denominada da “Cadeia Velha”, atualmente rua do Aleijadinho formavam o conjunto recenseado pelo capitão do distrito de Antônio Dias. Já o conjunto recenseado no Padre Faria, Água Limpa e Taquaral era formado pelas atuais ruas Quintiliano Maciel (“rua das Lajes, que principia por cima da rua dos Paulistas pelo caminho das Lajes até a Água Limpa”); pelo trecho da rua Quintiliano Maciel, pelo asfalto, em direção a Mariana, passando pelo chafariz da “Água Limpa” ou Águas Férreas (“ladeira que principia no Alto da Cruz e segue por Água Limpa até o Taquaral”); e pela antiga “rua do Taquaral”, atualmente trecho demolido na abertura da estrada asfaltada para Mariana, que passava em frente à capela do Taquaral.

Para esta última área o recenseamento registrou informações para um total de 610 pessoas, dos quais foram identificados 130 foreiros, 28 esposas ou maridos, 132 filhos, 153 agregados e 167 escravos. Em Antônio Dias, por sua vez, viviam 1.688 em 267 residências. Nestas moravam 91 pessoas casadas, 40 viúvos ou viúvas e 136 pessoas solteiras. Foram recenseados 374 filhos, 328 agregados e 628 escravos.

Abaixo duas tabelas com as profissões encontradas em Antônio Dia, Padre Faria, Água Limpa e Taquaral.

Quadro de Profissões: Antônio Dias	
Ouvidor geral	1
Reverendo vigário	3
Tabelião	3
Coronel	1
Escrivão	3
Ferrador da tropa paga	1
Sapateiro	2
Capitão	3
Enfermeira	1
Tenente	3
Meirinho	2
Carcereiro	1
alfaiate	6
Marceneiro e Coronheiro	1
alferes	3

advogado	1
soldado	7
latoeiro	1
cirurgião	1
costureira	20
cerieiro	1
lavadeira	2
capineiro	1
padeira	1
fiscador	3
mineiro	1
furriel do regimento	1
ferreiro	1
xupeteiro	1
boticário	1
cadete	1
sacristão	1
músico	1
porta estandarte	1
ciringueiro	1
cabo	1
ajudante de milícia	1
tesoureiro geral	1

Quadro de Profissões: Padre Faria, Agoa Limpa e Tacoaral	
Coronel	1
tenente coronel	1
caldeiro	1
Sapateiro	7
alfaiate	1
alferes	1
cirurgião	1
costureira	8
fiscador	10
mineiro	12
ferreiro	2
carapina	5
barbeiro	1
mestre de meninos	1
pedreiro	1
venda	3
cobranças	2
agencia	13

Se compararmos as duas regiões percebemos que há uma maior variação de profissões em Antônio Dias. Entretanto, na região de Padre Faria, Agoa Limpa e

Taquaral observamos a maior concentração de fiscoadores e mineiros, o que não acontece em Antônio Dias, mas que por sua vez apresenta o maior número de costureiras na região. Essas profissões citadas acima são os números mais expressivos de trabalhadores encontrados nestas regiões.

No próximo capítulo será apresentada a distribuição espacial da população destas duas áreas.

4 - Capítulo 3 - Vila Rica no princípio do século XIX: os distritos de Padre Faria, Agoa Limpa, Taquaral e Antônio Dias

Como se afirmou no início desta dissertação, para fins desta pesquisa optamos por trabalhar somente algumas ruas de Ouro Preto que nos permitissem estabelecer uma comparação entre áreas do centro da cidade e da periferia. Por conta disto, foram escolhidas as ruas que compunham o distrito de Antônio Dias e do Padre Faria, Ágoa Limpa e Taquaral.

As ruas cadastradas no livro dos tombos de 1809, e sua correspondência com a nomenclatura atual foram as seguintes (anexo):

1. rua do Passadez até o alto do Passadez: rua do Passa Dez
2. Morro do Ramos até a praia do córrego do Caquende: rua Prof. Antônio de Paula Ribas)
3. rua que principia na ponte do Caquende até o chafariz defronte à capela do Rosário: rua Benedito Valadares
4. rua Nova do Sacramento, que principia detrás da capela do Rosário até a ponte de São José: sequência: rua Getúlio Vargas – Largo da Alegria – rua São José
5. ladeira de São José: rua Teixeira Amaral
6. rua que segue da Ponte Seca até a ponte do Ouro Preto: sequência: rua Donato da Fonseca – rua Antônio de Albuquerque
7. ladeira denominada Simão da Rocha: rua Randolpho Bretas
8. rua Direita, que principia na ponte do Ouro Preto até a Praça: sequência: rua do Pilar – rua Paraná – rua Conde de Bobadela
9. rua de Santa Quitéria: rua Coronel Alves
10. Praça, pelo poente:
11. rua Nova, pela parte do poente: rua Henri Gorceix
12. rua Nova, pela parte do nascente: rua Henri Gorceix
13. caminho que segue da rua Nova para o morro das Lajes por detrás do Palácio: rua Salvador Trópia
14. alto da Praça, seguindo pela rua Direita de Antônio Dias até a ponte: rua Bernardo de Vasconcelos
15. rua detrás de Antônio Dias, denominada da “Cadeia Velha”: rua do Aleijadinho
16. rua dos Paulistas, que principia por detrás dos quintais do palácio e segue para Antônio Dias: rua dos Paulistas

17. rua da Barra, que principia dos fundos dos quintais do quartel mestre José de Deus Lopes e segue para a mesma Barra: rua Padre Tobias até encontrar com a rua Antônio Martins
18. ladeira da capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões: rua das Mercês
19. segue a mesma rua da Barra: rua das Mercês
20. continua a rua da Barra da parte do Pinheiro e de cima da ponte até a Casa de Pedra: sequência da rua Antônio Martins seguindo pela rua Pandiá Calógeras;
21. rua que principia na ponte de Antônio Dias até o Alto da Cruz: rua Santa Efigênia
22. travessa do Trapiche: rua do Barão do Ouro Branco
23. continua a rua do Vira Saia até o Alto da Cruz: trecho englobado pela atual rua Santa Efigênia
24. travessa do Areão e caminho que segue para a capela da Senhora das Dores: rua Artur Versiani dos Anjos até encontrar a Coronel Serafim, na entrada da capela
25. rua denominada do "Salé": rua Padre Viegas (trecho muito modificado e traçado alterado no século XX) e beco do Marques (rua Resende)
26. caminho novo a sair à rua das Lajes: rua Dr. João Veloso até encontrar a rua Quintiliano Maciel
27. rua das Lajes, que principia por cima da rua dos Paulistas pelo caminho das Lajes até a Água Limpa: rua Quintiliano Maciel;
28. ladeira que principia no Alto da Cruz e segue por Água Limpa até o Taquaral: trecho da rua Quintiliano Maciel, pelo asfalto, em direção a Mariana, passando pelo chafariz da "Água Limpa" ou Águas Férreas
29. rua do Taquaral: trecho demolido na abertura da estrada asfaltada para Mariana, que passava em frente à capela do Taquaral.

Para tratar as informações cadastrais, o primeiro passo foi fazer uma "limpeza" no mapa atual, georrreferenciado, retirando todas as propriedades nele presentes, bem como os demais dados, deixando somente as ruas e demarcando em vermelho qual a área trabalhada para uma maior clareza ao leitor (figura 1c).

Em seguida, de posse dos dados já sistematizados em excel, começamos a fazer uma distribuição da população nas ruas selecionadas. Optamos por criar as seguintes categorias para uma melhor visualização: militares, eclesiásticos, forros e escravos. Como resultado, foram produzidos os mapas apresentados neste capítulo.

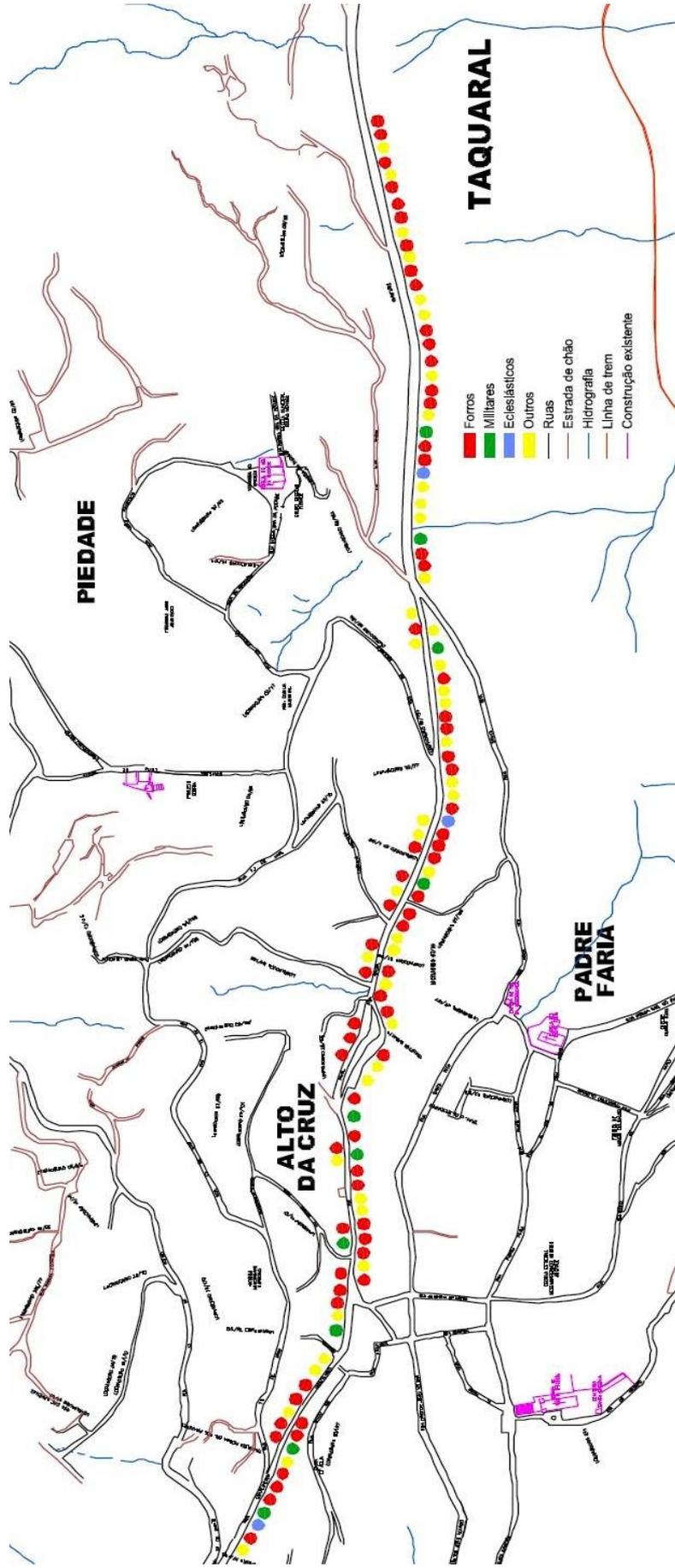
4.1. A distribuição dos proprietários/locatários nos bairros de Antônio Dias, Agoa Limpa, Padre Faria e Taquaral

De acordo com as figuras 7 e 8 a seguir e com base na listagem dos tombos pode-se observar que nesta área há principalmente uma maior concentração de militares, e em segundo lugar aparecem os forros. Os tombos também revelam um grande número de profissionais livres nesta região, que estão incluídos na categoria “outros”, são eles advogados, médicos, ferreiros, costureiras, etc.

Já em na região do Padre Faria temos outro quadro: identificamos que a maioria dos proprietários/ locatários são forros, e que estão em maior número do que na região de Antônio Dias. Outra diferença encontrada nesta região vai ser o registro de dois proprietários escravos e um número bem menor de militares e profissionais que se enquadram na categoria “outros”. Aqui também teremos um número reduzido de eclesiásticos, sendo 3 contra 5 encontrados na região de Antônio Dias.

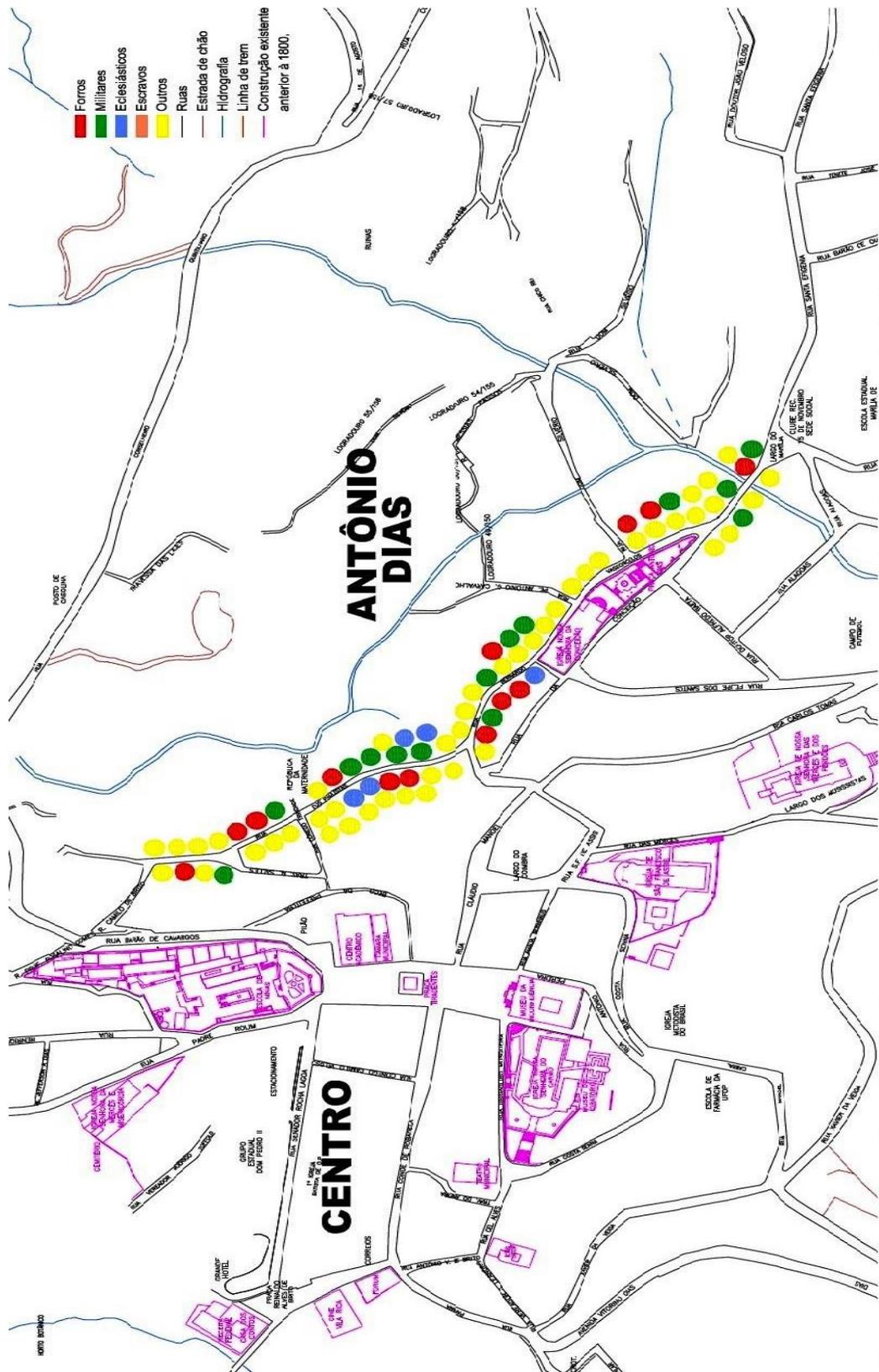
Pesquisas futuras deverão esclarecer a maior concentração de militares, profissionais liberais e eclesiásticos na região de Antonio Dias. Seria porque as casas são melhores? Ou porque a região é mais plana? Ou porque o abastecimento de água na região de Antonio Dias é melhor?

Figura 7: Distribuição dos proprietários/ locatários da região do Padre Faria



Ruas 28 e 29 – Livro dos Tombos – anexo 2 (28. ladeira que principia no Alto da Cruz e segue por Água Limpa até o Taquaral (Trecho da rua Quintiliano Maciel, pelo asfalto, em direção a Mariana, passando pelo chafariz da ?Água Limpa? ou Águas Férreas); 29. rua do Taquaral (Trecho demolido na abertura da estrada asfaltada para Mariana, que passava em frente à capela do Taquaral).

Figura 8: Distribuição dos proprietários/ locatários da região de Antônio Dias.



Ruas 14, 15, e 16 – Livro dos Tombos – anexo 2 – 11. alto da Praça, seguindo pela rua Direita de Antônio Dias até a ponte (Rua Bernardo cc Vasconcelos); 15. rua de trás de Antônio Dias, denominada da 'Cadeia Velha' (Rua do Aicijacinho); 16. rua dos Paulistas, que principia por detrás dos quintais do palácio e segue para Antônio Dias (Rua dos PaulistasS)

4.2. Duzentos anos depois

Que transformações teriam ocorrido com esta distribuição dos imóveis de acordo com os registros de 1809? Não nos é possível discutir os aspectos arquitetônicos da maior parte das casas cadastradas, como as cores e outros aspectos decorativos. Mas um em particular pode ser ao menos parcialmente recuperado: a dimensão da fachada. Para isto, fizemos o levantamento da planta de implantação pelo menos dos imóveis tombados pelo IPHAN nas áreas aqui estudadas para se extrair algumas conclusões.

O primeiro exemplo foi tomado na rua do Aleijadinho (figura 9). Como se pode observar, a frente das residências são estreitas e conseqüentemente o corpo da edificação se torna mais alongado. Alguns terrenos vão apresentar um vasto quintal, em sua maioria alongados (forma retangular).

Figura 9: planta de implantação de imóveis na rua do Aleijadinho em Ouro Preto

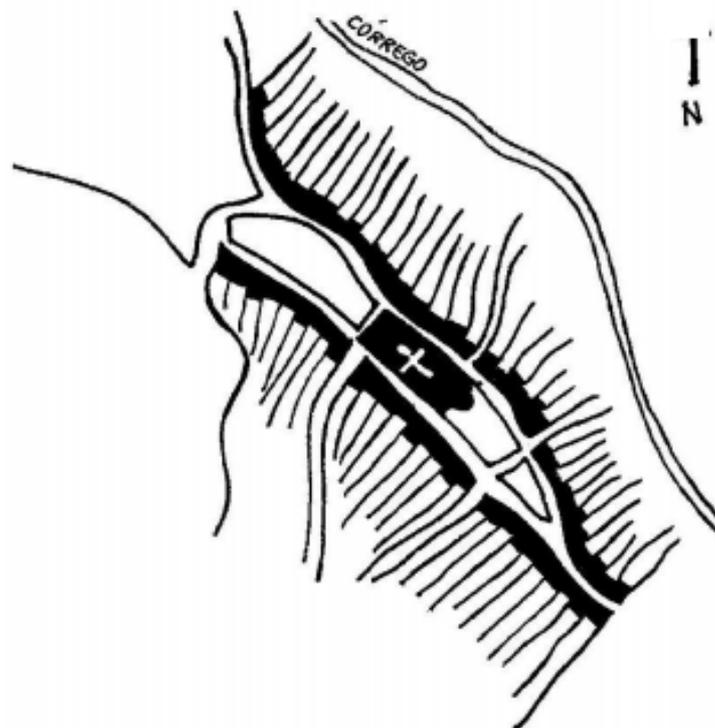




Figura 10: planta de implantação de imóveis na rua do Padre Faria em Ouro Preto

Já a rua do Padre Faria, que se trata de uma rua extensa - se comparada a rua do Aleijadinho - encontramos também em sua grande maioria terrenos retangulares, mas suas edificações são de tamanhos variados o que vai contra a forma das edificações mais alongadas encontradas na rua do aleijadinho. Os quintais também são vastos e em alguns terrenos encontramos mais de uma edificação outro ponto que deixa claro a diferença entre as duas regiões. Essas observações ficam mais claras se compararmos as figuras 9 e 10.

Situado em terreno extremamente montanhoso e acidentado, somente a febre aurífera escolheria este recanto como palco para o desenvolvimento de uma cidade. A relação ocupação humana versus relevo e geografia, proporcionou a Ouro Preto algumas especificidades como a ocupação gradual de determinadas áreas, segundo o relevo, e a formação de caminhos-eixo que condicionariam a feição atual da cidade – um alinhamento em fileira ao longo do caminho tronco, ou seja, sem afastamento lateral, verdadeiras “fitas” ou “cordões” de massas edificadas na testada do lote.⁷⁹



Croqui representando o parcelamento do solo no bairro de Antonio Dias.

Fonte: Flávia Guerra Soares, 2009.

⁷⁹De acordo com Vasconcellos (1977, p. 101), “nas encostas mineráveis, as casas localizam-se em terrenos de conformação irregular, raramente configuradas em quadra, muitos dos quais cercados de muros de pedra seca, que também estabelecem a separação de várias áreas internas.”

Com uma topografia bem acidentada, Ouro Preto vai apresentar um traçado urbano bem irregular, onde os arraiais foram sendo construídos as margens de rios e montanhas. O traçado vai acompanhar as sinuosidades dos terrenos; o desenho urbano vai apresentar grandes quadras sendo a maioria irregular.



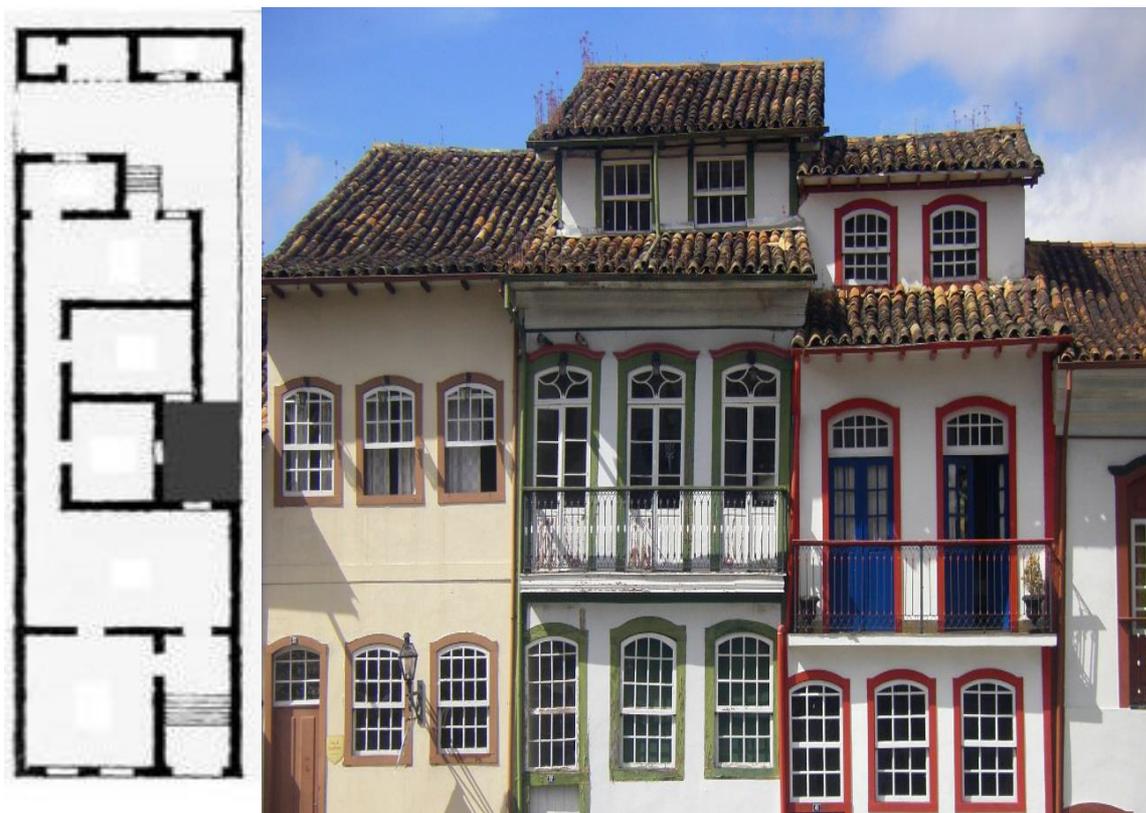
Cidade de Ouro Preto – MG. Fonte: Google Earth.

Os lotes, quase sempre, ficam sem recuo frontal e lateral, e a maioria tem formato retangular. Estes lotes são de dimensões variadas devido ao acompanhamento do curso da topografia. Mas há também terrenos com configurações de formatos “estranhos” devido à anexação de outras áreas.



Cidade de Ouro Preto – MG. Fonte: Google Earth.

Isso pode ser explicado pelo fato de com a decadência do ouro e a mudança da capital muitas casas foram abandonadas, alguns moradores avançaram com suas casas sobre os terrenos desocupados formando os grandes quintais (figura). Podemos observar também que as residências eram em grande maioria construções de forma retangular, pois as testadas não ultrapassam de 3 a 4 braças (valor da braça 2,20 metros), tornando as fachadas pequenas e desenvolvimento interno das residências construções compridas.



Planta Arquitetônica⁸⁰.

Cidade de Ouro Preto – MG. Fonte: Google Earth .

⁸⁰ REIS FILHO, Nestor Goulart. 2006. Quadro da arquitetura no Brasil. 11. ed. São Paulo: Perspectiva.

5 - Conclusão

A partir das amostragens finais de dados podemos fazer algumas análises a respeito da distribuição da população em Vila Rica nos anos iniciais do século XIX.

Uma outra observação que pode ser feita, diz respeito ao grande número de moradores sem atribuição étnica. De acordo com o gráfico 03, 308 moradores de Vila Rica não tem esse tipo de informação registrado, o que nos faz questionar se esses moradores seriam da cor branca, já que as demais etnias são listadas, como por exemplo, Crioula forra, Pardo forro, Preta Mina, etc. No gráfico 05, podemos encontrar todos os registros feitos nos tombos de 1809 de acordo com a etnia e profissão de cada sujeito listado.

A situação dos eclesiásticos também é bastante relevante, já que aparecem em grande número. No recenseamento de 1804 eram um total de 44, enquanto que nos tombos de 1809 eles somam 60. Outro fator curioso, pois não há nos registros das fontes pesquisadas um porquê deste aumento. Com relação aos militares, também é curioso que no intervalo de poucos anos o número de militares tenha quase dobrado. Em 1804 o número de militares era de 99 e de acordo com os tombos de 1809, eles somam 180, distribuídos entre as distintas patentes

Neste momento, ressalto que não é intenção desta pesquisa aprofundar sobre essas diferenças e sim somente demonstrar esses dados colhidos no tomo de 1806 e representá-los utilizando técnicas de Sistemas de Informação Geográfica, como já feito na amostragem de dados do capítulo 3 dessa dissertação.

Sabemos que a continuação deste trabalho é importante para completar as lacunas encontradas nesta pesquisa. Para tanto, deixo em aberto todos esses questionamentos que deverão ser melhor investigados e aprofundados num futuro próximo.

6 - Fontes

ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO/ MAPOTECA

- Planta de Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar. Autor: P. D. Almeida, colorido, nanquim, tinta colorida, aquarela, com legenda, com seta norte, escala em braças, papel canson telado, bom estado, medindo 83 cm x 29 cm; localização: 5.051.113. Há no Arquivo Público Mineiro uma cópia no Fundo Coleção de Documentos Cartográficos (APM 079), ao qual é atribuída a data provável de 1800 (topográfico MAP 4/9 – ENV. 2).

ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO/COLEÇÃO CASA DOS CONTOS DE OURO PRETO

- Tombos Foreiros 1809-1812. Livro 12, Volume 152. Arquivo Público Municipal de Ouro Preto, Ouro Preto.

- Décima predial de Ouro Preto; 1809; volume 3540; rolo 215/fotograma 1130.

- Lista nominativa de Ouro Preto; 1806 [distritos: Morro, Antônio Dias, Alto da Cruz, Cachoeira do Campo, Padre Faria, Água Limpa, Taquaral, Cabeças]; rolo 620/fotogramas 0119.

- Mapa da região de Ouro Preto de 2006 em AutoCad cedido pela prefeitura – INBSU: Inventário Nacional de Sítios Urbanos Tombados.

7 - Bibliografia

ALMEIDA, Carla M. Carvalho de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. (orgs). *Nomes e números: alternativas metodológicas para a história econômica e social*. Juiz de Fora: Ed.UFJF, 2006.

BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*: Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.

BASTOS, Rodrigo de Almeida. A arte do urbanismo conveniente: o decoro na implantação de novas povoações em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

BASTOS, Rodrigo de Almeida. Regularidade e ordem nas povoações mineiras no século XVIII. *Revista do IEB*. N.44, fev. 2007. p.27-54.

BARROS, José D'assunção. A história serial e história quantitativa no movimento dos Annales. *História Revista: Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia*, v. 17, n. 1, p.203-222, 2012.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário Português e latino*. Lisboa, Coimbra: Colégio da Companhia de Jesus, 1728.

BODENHAMER, David J; CORRIGAN, John; HARRIS, Trevor M. (Ed.). *The spatial humanities: GIS and the future of humanites scholarship*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes . *Códigos e práticas: o processo de constituição urbana em Vila Rica colonial (1702-1748)*. 1. ed. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2004. v. 1. 190p.

CARRARA, Angelo Alves. *A Real Fazenda de Minas Gerais*; guia de pesquisa da Coleção Casa dos Contos de Ouro Preto. Ouro Preto: Editora da UFOP, 2003, p. 34-37/69-86 (Instrumentos de Pesquisa, vol. 1).

CARRARA, Angelo Alves. Espaços urbanos de uma sociedade rural: Minas Gerais, 1808-1835. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 25, p. 144-164, 2001.

CARRARA, Angelo Alves. *Minas e currais*; produção rural e mercado interno de Minas Gerais, 1674-1807. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2007.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectiva. In: HEINZ, Flavio M. (org). Para uma outra história das elites. Rio de Janeiro, FGV, 2006. Parte I.

COSTA, Iraci del Nero da. *Vila Rica*: população (1719-1826). São Paulo: IPE/USP, 1979.

CUNHA, Alexandre Mendes. Espaço, paisagem e população: dinâmicas espaciais e movimentos da população na leitura das vilas do ouro em Minas Gerais ao começo do século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 123-128 - 2007

DELSON, Roberta Marx. *Novas vilas para o Brasil-colônia*: planejamento espacial e social no século XVIII. Brasília: ALVA-CIORD, 1997.

DINIZ FILHO, Luis Lopes. *Fundamentos epistemológicos da geografia*. Curitiba: IBPEX, 2009.

EDNEY, Matthew H. A história da publicação do *Mapa da América do Norte* de John Mitchell de 1755. *Varia Historia* Belo Horizonte, v. 23, n. 37, p. 31-52, jan./jun.

FERLA, Luis. Implementação de GIS Histórico no Campus de Humanidades da UNIFESP e projeto-piloto sobre a urbanização de São Paulo (1870-1940).

Comunicação apresentada no *Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos* (San Francisco/Califórnia, 23- 26 de maio de 2012).

FERREIRA. Cristiane B. R.; NASCIMENTO. Hugo A.D. do. *Visualização de Informações – Uma Abordagem Prática*. XXV Congresso da Sociedade Brasileira de Computação. UNISINOS – São Leopoldo – Rio Grande do Sul. 2005.

FONSECA, Claudia Damasceno. Urbs e civitas: a formação dos espaços e territórios urbanos nas minas setecentistas. *An. mus. paul.* [online]. 2012, vol.20, n.1, pp. 77-108. ISSN 0101-4714.

FONSECA, Cláudia D. Agentes e contextos das intervenções urbanísticas nas Minas Gerais do século XVIII. *Revista Oceanos*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, n.41 ("A Construção do Brasil Urbano"), jan.-mar., 2000, p.88.

FURTADO. Júnia Ferreira. Homes de negócio: a interiorização da metrópole e do comércio nas Minas Setecentistas. São Paulo: Hucitec, 199, p. 257.

FURTADO, Junia Ferreira. Mapa das Minas. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 46, p. 24 e 25, 2010.

FURTADO, Junia Ferreira. Um cartógrafo nas Minas. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 46, p. 152 a 161, 2010.

FRANK, Zephyr; JOHNSON, Lyman. "Cites and Wealth in the South Atlantic: Buenos Aires and Rio de Janeiro before 1860, *Comparative Studies in Society and History*, v. 48. n. 3, 2006.

GAUTHIEZ, Bernard Gauthiez. Lyon en 1824-32: un plan de la ville sous forme vecteur d'après le cadastre ancien. *Géocarrefour*, v. 83, p. 57-68, 2008.

GERREIRO, Maria Rosália. A lógica territorial na gênese e formação das cidades brasileiras: O caso de Ouro Preto. Comunicação apresentada no Colóquio “ A construção do Brasil Urbano”, Convento de Arrábida – Lisboa, 2000.

GREGORY, Ian; ELL, Paul. *Historical GIS: technologies, methodologies and scholarship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

HARVEY, C.; PRESS, J.. *Databases in historical research: theory, methods and applications*. London: PalgraveMacmillan, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KNOWLES, Anne (ed.). *Placing history: how maps, spatial data, and GIS are changing historical scholarship*. Redlands: Esri Press, 2008.

LANGRAN, G. *Time in Geographical Information Systems*. London: Taylor & Francis, 1992.

MUMFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NATAL, CaionMeneguello. Imagens de Ouro Preto: a construção de uma cidade histórica, 1891-1933. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005

OTT, Thomas; SWIACZNY, Frank. *Time-integrative geographic information systems: management and analysis of spatio-temporal data*. Berlin: Springer-Verlag, 2001.

OLIVEIRA, Patrícia Porto de. Vila Rica: Dados urbanos através dos assentos de Batismo de escravos adultos século XVIII. In: II Seminário de História

Quantitativa e Serial, 2001, Belo Horizonte. Revista de História Quantitativa e Serial. Belo Horizonte: PUC/MG, 2001.

REBELATTO, Martha; FREITAS, Frederico. “Desafios e possibilidades ao uso de Sistemas de Informação Geográfica na História”. In: *5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, de 11 a 13 de maio de 2012, UFRGS, Porto Alegre.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *A urbanização e o urbanismo na região das minas*. São Paulo: FAU/USP, 1999.

ROCHA, Heliana Faria Mettig. *Visualização Urbana Digital: Sistemas de Informações Geográficas e Históricas para o Bairro do Comércio – Salvador*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SANTOS, Paulo Ferreira. *Formação de cidades no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

SCHMIDT, Marcio Augusto ; DELAZARI, L. S. INTEGRAÇÃO DE CARTOGRAFIA, VISC E SIG ATRAVÉS DE CONCEITOS COMUNS: PERSPECTIVAS FUTURAS.. RBC. Revista Brasileira de Cartografia (Online), v. 61, p. 129-135, 2009.

SIEBERT, Loren. “Using GIS to document, visualize, and interpret Tokyo's Spatial History”. *Social Science History*, v. 24, n. 3, 2000, pp. 537-574.

SILVA. Fabiano Gomes da. *Pedra e Cal: Os construtores de Vila Rica no século XVIII (1730-1800)*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2007.(dissertação de mestrado)

TENÓRIO, G. S. *Modelos tridimensionais digitais para o desenho urbano*. 1999. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano). Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB.

TOWNSEND Sean; CHAPPELL, Cressida; STRUIJVÉ, Oscar. *Digitising History: a Guide to Creating Digital Resources from Historical Documents*. Oxford: Oxford Books, 1999.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura, arte e cidade: textos reunidos*. BH: Ed. BDMG Cultural, 2004.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento – residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

VELOSO, Tércio Voltani. *A Dimensão dos Lugares: fluidez, dinâmica social e ocupação do espaço urbano em Mariana nos Livros do Tombo de 1752*. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013 (dissertação de mestrado).

YANO, Keiji. *Towards Building Social Consensus Using GIS. Virtual Time-Space of Kyoto*. GIMInternacional, Lemmer, The Netherlands, v.20, n.4, abr. 2006.

8 – Anexos

Tombos Foreiros 1809-1812. Livro 12, Volume 152

A: rua; #: número do imóvel no livro de Tombos; B: tipo do imóvel; C: número de braças; D: valor em réis por braça

A	#	foreiro	descrição	B	C	D
1	1	Domingos Fernandes Rebelo	tenente	chácara	312	N/C
1	2	Domingos de Castro Novais	N/C	chácara	24	N/C
1	3	João da Silva Machado	N/C	chácara	3	N/C
1	4	Domingos da Cunha Vaz	N/C	casa	3	N/C
1	5	alferes João Gonçalves Dias de	N/C	casa	16	N/C
1	6	Antônia Joaquina de Jesus	N/C	Terreno sem edifício	7	N/C
1	7	Sebastião Veloso de Amorim	crioulo forro	casa	2	N/C
1	8	Manuel José de Magalhães	alferes	casa	2	N/C
1	9	Manuel José de Magalhães	alferes	casa	2	N/C
1	10	Violante Maria do Céu	N/C	casa	2	N/C
1	11	Manuel Inácio Xavier	pardo forro	casa	2	N/C
1	12	João Gonçalves Dias	alferes	N/C	2	N/C
1	13	Teresa Maria de Jesus	crioula forra	terreno	5	N/C
1	14	José Pereira da Fonseca	N/C	N/C	6	N/C
1	15	Antônio José Gonçalves	N/C	N/C	33	N/C
1	16	Antônio José Gonçalves nos fundos supra	N/C	N/C	56	N/C
1	17	Manuel da Silveira Gato	padre	Terreno sem edifício	12	N/C
1	18	Manuel da Silveira Gato	padre	N/C	13	75
1	19	Manuel da Silveira Gato	padre	casa	20	N/C
1	20	Manuel da Silveira Gato	padre	N/C	8	150
1	21	Manuel da Silveira Gato	padre	N/C	94	150
1	22	Jerônimo Fernandes da Silva Macedo a	capitão	chácara	320	N/C
1	23	João Gonçalves Dias	alferes	casa	6	N/C
1	24	João Gonçalves Dias	alferes	N/C	24	N/C
1	25	Faustina Joana Pereira	N/C	N/C	4,5	150
1	26	João Gonçalves Dias	alferes	N/C	6	150
1	27	Joaquim Gomes da Cruz	N/C	N/C	4	150
1	28	Sebastião Ferreira Coelho	N/C	N/C	3	300
1	29	João Gonçalves Dias	alferes	casa	8	300
1	30	Sebastião Vieira Soares	N/C	casa	2	N/C
1	31	Tomás Rodrigues Braga	tenente	casa	10	300
1	32	Tomás Rodrigues Braga		N/C	5,5	300
1	33	Tomás Rodrigues Braga		N/C	6	150
1	34	Tomás Rodrigues Braga		N/C	15,5	75
1	35	Tomás Rodrigues Braga		N/C	8	300
1	36	Bonifácio José Teixeira, testamenteiro do capitão Antônio Rodrigues Braga (casas do seu testador)	ajudante	casa	3	300
1	37	Antônia Maria da Silva	N/C	casa	3,5	300
1	38	Joaquina Teixeira Ramos	N/C	casa	6	300

1	39	Isabel Teixeira crioula forra	N/C	N/C	2,5	300
1	40	Úrsula Leocádia da Silva	parda forra	terreno	5	N/C
1	41	Antônia Maria da Silva	parda forra	casa	2	300
1	42	José Joaquim Cardoso	N/C	N/C	2	N/C
1	43	João Gonçalves Dias e nos fundos em casas foram do capitão Domingos José Pereira e hoje do mesmo foreiro	alferes	N/C	12	N/C
1	44	José Gonçalves de Magalhães	alferes	casa	5	N/C
1	45	Manuel de Alcobias	Licenciado	casa	3	N/C
1	46	Joaquim José Dias	N/C	casa	2	N/C
1	47	Francisco da Costa Oliveira e outros	herdeiros	casa	20	150
1	48	Vitoriano Gomes Mafra	soldado da tropa de linha	N/C	4	300
1	49	Francisco de Faria e Sousa	N/C	casa	2	300
1	50	Manuel da Costa Carneiro	N/C	casa	8	300
1	51	José Veloso Carmo	Coronel	casa	7	300
1	52	Manuel José Lopes	N/C	N/C	4,5	300
1	53	Miguel Moreira Maia	herdeiros	casa	5	300
1	54	Isidora Maria Joaquina	N/C	casa	2,5	300
1	55	Maria Rita	N/C	casa		300
1	56	Ana Maria de Faria	N/C	casa	4	300
1	57	Ana Felicidade da Cruz	N/C	N/C	2	300
1	58	Inácio de Araújo	crioulo forro	casa	1,5	300
1	59	Ana Pereira Pinto	N/C	casa	5	300
1	60	Pantaleão da Silva Ramos	padre	casa	3,5	300
1	61	José Fagundes Serafim	padre	casa	2,5	300
1	62	Domingos Francisco de Carvalho testamenteiro de Manuel Rodrigues Rosa	padre	casa	2	300
1	63	Manuel Barbosa	crioulo forro	casa	2	300
1	64	Feliciana Maria Pereira	crioula forra	casa	2	300
1	65	Maria da Rocha	crioula forra	casa	2	N/C
1	66	Maria Joaquina de Castro	N/C	casa	2	N/C
1	67	Luzia Genoveva Moreira	N/C	casa	2	N/C
1	68	Antônio Pires de Novais	cabo de esquadra	casa	2	N/C
1	69	Pulquéria Maria da Silva	N/C	casa	2	N/C
1	70	Capela das Almas	devotos	casa	3	N/C
1	71	Ana de Sousa viúva de Cláudio de Sousa Lima	N/C	casa	9	N/C
1	72	Miguel Moreira Maia	herdeiros	casa	3	N/C
1	73	João Manuel de Campos	padre	casa	2	N/C
1	74	José Gervásio de Sousa	capitão	casa	2	N/C
1	75	João Xavier Teixeira de Guimarães	capitão	casa	1,5	N/C
1	76	Matias Soares	pardo forro	casa	3,5	N/C
1	77	Severina Francisca	viúva	casa	2,5	N/C
1	78	João Felício	N/C	casa	2	N/C
1	79	Antônio Moreira Tavares casas	N/C	casa	2	N/C
1	80	Manuel Coutinho	N/C	casa	2	N/C
1	81	Severina Francisca de Jesus	viúva	casa	2,5	N/C
1	82	João Ferreira da Silva Tavares	N/C	casa	4	N/C
1	83	Vicência Ferreira Leite	viúva	casa	2,5	N/C
1	84	Silvério Teixeira da Costa e [...] Joaquim [...]	ajudante	casa	10	N/C

1	85	Páscoa Maria das Flores	N/C	casa	3,5	N/C
1	86	Manuel José de Magalhães	alferes	casa	16	N/C
1	87	Manuel Fernandes da Silva	capitão	casa	13	N/C
1	88	Caetano da Costa Neto	N/C	casa	2,5	N/C
1	89	Rufina Simoa	parda forra	casa	2	N/C
1	90	Ana Faustina de Sousa	N/C	casa	2	N/C
1	91	Maria de Crasto Lima	N/C	casa	2	N/C
1	92	Antônio Coelho Neto	N/C	casa	1,5	N/C
1	93	Antônio José de Sousa do Nascimento	N/C	casa	2	N/C
1	94	Silvana Angélica de Sousa	N/C	casa	1,5	N/C
1	95	Manuel Fernandes da Silva	capitão	casa	2,5	N/C
1	96	Páscoa Maria das Flores	N/C	casa	2,5	N/C
1	97	Juliana Teodora da Silva	N/C	casa	1	N/C
1	98	Teodoro Cardoso da Silva	N/C	casa	1,5	N/C
1	99	de Francisco Pimenta	herdeiros	casa	2	N/C
1	100	Maria Antônia	parda forra	casa	2	N/C
1	101	Lourenço Pereira da Silva	N/C	casa	2	N/C
1	102	José Antônio Ribeiro	furriel da tropa de linha	casa	12	N/C
1	103	José Antônio Ribeiro	furriel da tropa de linha	casa		N/C
1	104	José Antônio Ribeiro	furriel da tropa de linha	casa	3	N/C
1	105	José Antônio Ribeiro	furriel da tropa de linha	casa	10	N/C
1	106	Mariana Barbosa	parda forra	casa	2	N/C
1	107	Domiciano Ferreira de Carvalho	alferes	casa	2	N/C
1	108	Teotônio Gonçalves Dias de	N/C	casa	3	N/C
1	109	Teotônio Gonçalves Dias	N/C	casa	3	150
1	110	Teotônio Gonçalves Dias as	N/C	casa	1,5	N/C
1	111	Teotônio Gonçalves da Silva	N/C	casa	2	N/C
1	112	Teotônio Gonçalves Dias	N/C	casa	23	N/C
1	113	Teotônio Gonçalves Dias	N/C	uns chãos sem edifício	4	N/C
1	114	Joaquim José da Silva	N/C	N/C	4	N/C
1	115	Manuel da Conceição já falecido	capitão	N/C	9	N/C
1	116	João da Silva Rosa	cabo de esquadra	N/C	4	N/C
1	117	Feliciano Manuel da Costa	N/C	N/C	2,5	N/C
1	118	Felipe de Santiago Araújo	crioulo forro	casa	2,5	N/C
1	119	João Batista Pereira	capitão	N/C	2,5	N/C
1	120	João Batista Pereira	capitão	N/C	2,5	N/C
1	121	Antônia Gonçalves	preta forra	casa	5	N/C
1	122	Antônio Gomes da Silva	crioulo forro	N/C	3	N/C
1	123	Efigênia Lopes de [Lima]	crioula	casa	1,5	N/C
1	124	Angela Maria de Faria	N/C	N/C	1,5	N/C
1	125	Ana Rodrigues Braga	preta forra	casa	1,5	N/C
1	126	Antônia de Macedo Campos	viúva	casa	1,5	N/C
1	127	Domingos Carvalho	pardo forro	casa	1,5	N/C
1	128	Ana Felicidade da Cruz	N/C	casa	5	N/C
1	129	Caetano José Cardoso	cirurgião mor	casa	3	N/C
1	130	Manuel Luís da Silva	cadete	casa	2	N/C

1	131	João de Avelar	pardo forro	casa	2	N/C
1	132	Irmandade de Santana do Ouro Preto uma morada de casas	oficial de Irmandade	casa	2	N/C
1	133	José Rodrigues Graça	N/C	casa	1,5	N/C
1	134	Matias José de Abreu	padre	N/C	1,5	N/C
1	135	Matias José de Abreu	padre	casa	1,5	N/C
1	136	Maria Joaquina	N/C	N/C	1,5	N/C
1	137	José Fagundes Serafim	padre	casa	1,5	N/C
1	138	José Fagundes Serafim	padre	casa	1,5	N/C
1	139	Teresa de Jesus Maria	N/C	casa	1,5	N/C
1	140	Maria Barbosa Pereira	N/C	N/C	1,5	N/C
1	141	Domingos Francisco Xavier	preto mina	casa	2,5	N/C
1	142	Prudenciana Angélica de Oliveira	N/C	casa	2	N/C
1	143	Genoveva Maria	herdeiros	N/C	2	N/C
1	144	Matias da Costa	oficial de sapateiro	casa	2,25	N/C
1	145	Alexandre Corrêa de Andrade	N/C	N/C	2	N/C
1	146	Maria Corrêa de Andrade	crioula forra	casa	2	N/C
1	147	Josefa Marques	N/C	N/C	2	N/C
1	148	[Lauriana] Rosa Pereira	N/C	N/C		N/C
1	149	Pedro Antônio Gonçalves	preto forro	casa	2	N/C
1	150	Pedro Antônio Gonçalves	preto forro	casa	1,5	N/C
1	151	Suzana Pereira Carneiro	viúva	N/C	3	N/C
1	152	Mariana Alves	viúva	N/C	2	N/C
1	153	José de Siqueira	cabra forro	casa	1,5	N/C
1	154	Violante Maria da Conceição	N/C	casa	2	N/C
1	155	Manuel da Cunha Melo e Rego	N/C	N/C	3,5	N/C
1	156	do capitão João Martins Maia	herdeiros	N/C	4	N/C
1	157	do licenciado Manuel Alcobias	herdeiros	N/C	3,5	N/C
1	158	Domingos Carvalho Ribeiro	pardo forro	casa	4	N/C
1	159	Ordem Terceira da Senhora do Carmo desta Vila uma morada de casas	N/C	N/C	2	N/C
1	160	Francisco da Chaga Rangel	pardo forro	casa	2	N/C
1	161	José Fagundes Serafim	padre	N/C	2,5	N/C
1	162	Joana Gonçalves Fontes	parda forra	casa	3	N/C
1	163	Matias José de Abreu	padre	N/C	1,5	N/C
1	164	Matias José de Abreu	padre	N/C	2	N/C
1	165	Matias José de Abreu	padre	N/C	2	N/C
1	166	Matias José de Abreu	padre	N/C	2	N/C
1	167	Matias José de Abreu	padre	N/C	1,5	N/C
1	168	Matias José de Abreu	padre	N/C	1,5	N/C
1	169	Ana Jacinta do Nascimento	N/C	N/C	1	N/C
1	170	Josefa Maria das Virgens	N/C	N/C	1,5	N/C
1	171	Luís Gomes Pereira já falecido	N/C	N/C	6	N/C
1	172	Antônio Joaquim Cardoso	alferes	N/C	2,5	N/C
1	173	do coronel Manuel José Fernandes de Oliveira	herdeiros	N/C	9	N/C
1	174	Vicente Xavier Gomes cabo[...] da Cunha	N/C	N/C	5	N/C
1	175	do coronel Manuel José Fernandes de Oliveira com casas e terreno	herdeiros	N/C	61,5	N/C
1	176	Manuel de Assunção Caldeira	pardo forro	casa	2	N/C
1	177	Catarina Dias Ramos já falecida	N/C	N/C	4	N/C
1	178	Domingos do Crasto Novais	N/C	N/C	2	N/C
1	179	Manuel Marques Ferreira	capitão	N/C	7 e 5	300

1	180	Inácia Domingues de Andrade	crioula forra	casa	6	150
1	181	Manuel Pinto Lopes	sargento mor	chácara	43	150
2	182	João Rodrigues de Abreu	ajudante	chácara	84	37,5
2	183	João Nepomuceno Simões Borges	capitão	chácara	56	37,5
2	184	João Nepomuceno Simões Borges	capitão	chácara	24	37,5
2	185	José Fernandes	pardo forro	casa	10	75
2	186	Antônia Gonçalves	viúva	casa	5	75
2	187	Maria Pinta	herdeiros	N/C	6	75
2	188	Luís Ramos	crioulo forro	casa	3	75
2	189	Vitória Inácia	N/C	casa	4	75
2	190	Paulo Pereira Campos	alferes	casa	3	75
2	191	João da Silva Lessa	pardo forro	casa	3	75
2	192	João Timóteo	crioulo forro	chácara	19	75
2	193	Josefa Ramos	parda forra	N/C	3	75
2	194	Manuel Rodrigues	pardo forro	casa	3	75
2	195	Eva Pereira	crioula forra	chácara	11	75
2	196	Francisco Ferreira de Novais	crioulo forro	casa	3	75
2	197	José Costa	pardo forro	casa	2	75
2	198	João Ramos	pardo forro	casa	2	75
2	199	Inácio Antônio da Silveira	N/C	chácara	28	75
2	200	Dona Maria Joaquina da Piedade	N/C	chácara	8	150
2	201	Pedro José de Mesquita	preto forro	casa	3	75
2	202	Maria Petronilha	crioula forra	casa	2	75
2	203	Agostinho Pereira	crioulo forro	N/C	5	75
2	204	João Pires	crioulo forro	casa		75
2	205	Teresa Rodrigues	preta angola	casa	2	75
2	206	Manuel José Monteiro de Barros	capitão	chácara	18	75
2	207	Luís Antônio Ferreira a sua	capitão	chácara	47,5	75
2	208	João Correia de Andrade	preta mina	N/C	5	75
2	209	Bernardo Francisco Xavier	N/C	N/C	7	75
2	210	Nicolau Fernandes	crioulo forro	casa	4	75
2	211	Rosa Ribeiro	parda forra	casa	4	75
2	212	Domingos Fernandes de Carvalho	pardo forro	casa	11	75
2	213	Inês Pereira de Castro	crioula forra	N/C	2	75
2	214	Ana Maria do Carmo	parda forra	casa	3	75
2	215	Luzia Maria Alves	parda forra	casa	3	75
2	216	Francisca Pereira da Cunha	crioula forra	N/C	2	75
2	217	Maria Joaquina	preta angola	Terreno sem edifício	3	75
2	218	Maria Correia	cabra forra	casa	3	75
2	219	Clemente Nunes Fonseca	crioulo forro	casa	3	75
2	220	Marcelina de Melo	crioula forra	casa	2	75
2	221	Helena Ramos	crioula forra	N/C	8	75
2	222	José Correia de Magalhães	cabra forro	N/C	4	75
2	223	Ana Maria da Conceição	parda forra	casa	1,5	75
2	224	Francisca Andreza	parda forra	casa	2	75
2	225	Maria Martins Sales	crioula forra	Terreno sem edifício	2	75
2	226	Ana Maria da Luz	N/C	casa	2	75
2	227	Salvador Silva	crioulo forro	casa	3	75
2	228	Antônio Alvares Ferreira no	tenente	chácara	24	75
2	229	José Gomes de Azevedo	oficial de	chácara	7	75

		caldeireiro				
2	230	Pai Manuel	preto mina	casa	3	75
2	231	Maria Joaquina	parda forra	casa	2	75
2	232	Micaela Arcângela Soares	crioula forra	casa	3	75
2	233	Antônio Ribeiro	pardo forro	casa	2	75
		oficial de				
		alfaiate				
2	234	Antônio Vieira Garricha	N/C	N/C	2	75
2	235	Joaquim Ribeiro de Melo	preto mina	casa	11	75
3	236	Antônio Moreira Tavares	pardo forro	terreno	6	150
3	237	Antônio Moreira Tavares	pardo forro	casa	2,5	300
3	238	Maria Constância de Jesus	N/C	N/C	1,5	300
3	239	Luís Antônio de Barros	N/C	casa	2	150
3	240	Romana Teresa de Jesus	parda forra	casa	1,5	150
3	241	Ana Machado Lima	N/C	casa	4	150
3	242	Joaquim José da Silva as	N/C	casa	3	300
3	243	herdeiros de Catarina de	N/C	casa	2	300
		[Sena]				
3	244	Nicolau de Vasconcelos Pereira	pardo forro	casa	3	300
3	245	Felipa Vaz da Silva	crioula forra	casa	2	300
3	246	José Rodrigues Graça	pardo forro	casa	3	150
3	247	Maria Correia de Sá	N/C	casa	2	150
3	248	Joaquim Pereira Magalhães	padre	casa	5	600
3	249	Narciso José Bandeira	N/C	casa	1,5	600
3	250	Ana Machado Lima	N/C	casa	2,5	600
3	251	Pantaleão da Silva Ramos	padre	casa	2,5	600
3	252	Joaquim José Barroso Pereira	N/C	casa	2	600
3	253	Marcos Coelho Neto	pardo forro	casa	2	600
3	254	Irmadade do Santíssimo	oficial de	casa	3	600
		Sacramento da Matriz do Ouro	irmandade			
		Preto				
3	255	Teresa de Jesus	parda forra	casa	3	600
3	256	Raimundo Fernandes Machado	parda forra	casa	1,5	300
3	257	João Pereira Coelho	pardo forro	casa	2	600
3	258	Francisca Romana da Silva	viúva	casa	3	300
		Aguiar				
3	259	João Ferreira de Almeida	furiel da	casa	3	300
		tropa de				
		linha				
3	260	Serafim da Costa Ferreira	N/C	casa	6	600
3	261	Antônio José Dias Coelho	brigadeiro	casa	8	150
4	262	Maria Joana	N/C	terreno		75
4	263	Josefa Pereira da Rocha	N/C	casa	3	300
4	264	Narcisa Maria de Jesus	preta forra	N/C	3,5	300
4	265	Rita Helena de Jesus	parda forra	N/C	2	300
4	266	José Rodrigues Caiado	alferes	casa	2,5	300
4	267	José Fagundes Serafim do	padre	casa	5,5	300
		Sacramento				
4	268	Dona Marcelina	N/C	casa	4	300
4	269	Luís José de Figueiredo	N/C	casa	2	300
4	270	João Rodrigues do Nascimento	N/C	casa	4	300
4	271	Nicolau Pacheco da Cunha	N/C	casa	26.	75
4	272	Joaquim Pereira de Magalhães	padre	casa	2,5	75
4	273	Luís Antônio Ferreira	capitão	casa	2	75
4	274	Antônio José Peixoto s as	capitão	casa	4	300
4	275	do sargento mor Pedro Luís	herdeiros	casa	9	300
		Pacheco da Cunha				
4	276	Joana Francisca de Souza	N/C	terreno	3	300

4	277	Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	oficial de irmandade	casa	2,5	300
4	278	Raimundo Fernandes Machado	N/C	casa	2,5	300
4	279	Francisco Antônio Pimenta	crioulo forro	casa	4	300
4	280	José Antônio de Abreu Lisboa	crioulo forro	casa	3	300
4	281	Mariana Rodrigues	crioula forra	casa	5	300
4	282	Domingos Gonçalves de Barros	crioula forra	N/C	11	300
4	283	Francisco Gonçalo de Carvalho	crioulo forro	casa	2	300
4	284	Joaquina Marcelina	preta mina	casa	2	300
4	285	Ana Inês de Souza	preta forra	N/C	2,5	150
4	286	Joana Ferreira	preta forra	casa	2,5	300
4	287	Marçal José de Araújo	sargento mor	casa	3,5	300
4	288	Manuel Teixeira de Souza	capitão	casa	6,5	300
4	289	Luis Antônio Ferreira	capitão	uns chãos cercados de pedra	6,5	112,5
4	290	Manuel Durães	herdeiros	casa	11,5	300
4	291	Ana Correia da Gama	preta forra	casa	7	300
4	292	José Veloso Carmo	Coronel	uns chãos sem edifício	5,5	300
4	293	Irmandade de São José	procurador	vila de casas	2,5	300
4	294	Felizarda Teresa	viúva	casa	2,5	300
4	295	Joaquim Pinto de Souza	N/C	casa	3,5	300
4	296	Joaquim José Dias	N/C	N/C	8	300
4	297	Manuel Marques Ferreira	capitão	Terreno sem edifício	4	300
4	298	[Brás]Carneiro Leão mulher e filhos	Coronel	casa	10	300
4	299	Jerônimo Fernandes da Silva Macedo	capitão	casa	9	300
4	300	Manuel Moreira Duarte	padre	casa	6	300
4	301	Ana Guedes	N/C	casa	5	300
4	302	Manuel Pinto Lopes	sargento mor	Terreno sem edifício	4	150
4	303	Vicente Batista Rodrigues	capitão	casa	8	150
4	304	João Joaquim da Silva Guimarães	capitão	terreno cercado	11	75
4	305	José Ribeiro de Carvalhais	N/C	N/C	18	150
4	306	Joaquim dos Reis	capitão	N/C	10	300
4	307	João de Deus Magalhães Gomes	capitão	casa	11	150
4	308	Antônio Melo Brandão	N/C	casa	4,5	300
4	309	Joaquim Coelho Pereira	capitão	casa	3	300
4	310	Serafim da Costa Ferreira	N/C	casa	6	300
4	311	Francisco Guilherme de Carvalho	capitão	casa	6	300
4	312	Dona Isabel Correia da Silva	N/C	casa	2,5	300
4	313	Dona Maria de Jesus e Freitas	N/C	casa	2,5	300
4	314	João da Silva Timóteo da Silva Bueno	crioulo forro	casa	2	300
4	315	Bernardo Fernandes Guimarães	padre	N/C	2	150
4	316	Custódia Maria do Sacramento	parda forra	casa	5	300
4	317	Joaquim da Silva Meireles	N/C	casa	2,5	300
4	318	Paulo Pereira Campos	alferes	casa	2,5	300
4	319	Domingas Quintiliana da Silva	crioula forra	casa	11,5	75
4	320	Feliciano Manuel da Costa	pardo forro	casa	4	75

4	321	Francisca Arcângela de Souza	N/C	casa	5	300
4	322	José Marques Guimarães	capitão	casa	8	300
4	323	Rosa Maria Gomes	crioula forra	casa	2,5	300
4	324	João José da Costa Gesteira	alferes	N/C	1,5	300
4	325	herdeiros ...	herdeiros	casa	2,5	300
4	326	Joaquim José dos Santos	capitão		4	300
4	327	Joaquina Pinto	viúva	casa	3	300
4	328	Joana Princesa de Oliveira	N/C	casa	2	300
4	329	Rosa de Araújo da Silva	parda forra	casa	2	300
4	330	Antônio Rodrigues de Barcelos	N/C	casa	2	300
4	331	Serafim José dos Santos	N/C	estalagem	5	300
4	332	Apolônia Júlia de Santa Ana	viúva	casa	3	300
4	333	do alferes Antônio Luís da Cunha	viúva	casa	3	300
4	334	Bernardo Lopes de	capitão	N/C	7	300
4	335	Marcelina Maria de Oliveira	parda forra	N/C	7	300
4	336	Dona Ana Margarida	viúva	casa	2,5	300
4	337	Joana Francisca de Souza	N/C	casa	2	150
4	338	José Pereira Marques	tenente coronel	casa	14	300
4	339	de Teodósio Bernardes da Fonseca	herdeiros	casa	4	300
4	340	Luís Antônio de Barros	N/C	casa	5	300
4	341	Joaquim Veloso de Miranda	doutor	casa	10	300
5	342	Inácio Antônio da Silveira	N/C	casa	6	300
5	343	João Francisco Ferreira	alferes	casa	2	300
5	344	Basílio dos Santos	pardo forro	casa	3	300
5	345	Vicência Moreira de Oliveira	N/C	casa	4,5	300
5	346	Francisco Xavier Pereira e ladeira	padre	N/C	4	150
5	347	do capitão José Gonçalves Reis	herdeiros		4	300
5	348	Irmandade da Senhora das Mercês e ladeira	procurador	casa	4	225
5	349	Luciana Pereira de Jesus	N/C	Terreno sem edifício	4	150
5	350	do capitão José Gonçalves dos Reis na mesma ladeira em um terreno sem edifício	herdeiros	N/C	4	75
5	351	Maria de Macedo	crioula forra	Terreno sem edifício	3,5	112,5
5	352	Felipe Coelho de Macedo	pardo forro	casa	3,5	112,5
5	353	Serafim José dos Santos	N/C	Terreno sem edifício	4	112,5
5	354	Maria Ribeiro do Nascimento	preta forra	Terreno sem edifício	4	N/C
5	355	Vicente Batista Rodrigues	capitão	terreno	10	75
5	356	João Gonçalves Dias na qualidade de zelador da Irmandade de São José	alferes	casa	8	150
5	357	Dona Joaquina Rosa do Sacramento	viúva	chácara	88	600
5	358	Matias José de Abreu	padre	casa	4	150
5	359	João Gonçalves Dias na qualidade de zelador da Ordem Terceira de São Francisco de Paula	alferes	casa	20	150
5	360	Vicente Batista Rodrigues	capitão	chácara	10	150
5	361	Ana Machado Lima	N/C	chácara	24	150

6	362	padre Antônio José Velho Coelho	padre	terreno de casas demolidas	2,5	450
6	363	Luísa Ferreira da Trindade	N/C	casa	2	N/C
6	364	Ana Francisca da Conceição	N/C	casa	2	300
6	365	Francisca dos Santos	preta forra	casa	2	300
6	366	Joaquim de Souza Machado	preto mina	casa	2,5	300
6	367	Francisca Xavier	preta forra	terreno	2	300
6	368	Antônio Caetano de [Pina]	N/C	terreno	10	150
6	369	Caetano José Cardoso	cirurgião mor	N/C	1,5	150
6	370	Marcos Coelho Neto	N/C	casa	2,5	300
6	371	José de Souza Lobo (e Melo)	Coronel	casa	8	300
6	372	Maria Gonçalves de Jesus	viúva	casa		150
6	373	Rodrigo Pereira Soares de Albergaria	capitão	casa	2	300
6	374	João Fernandes Salgado	pardo forro	casa	2	600
6	375	Mateus Machado	crioulo forro	N/C	6	300
6	376	Manuel Pereira de Magalhães	crioulo forro	casa	4	150
6	377	Miguel Alves de Souza	preto mina	Terreno sem edifício	4	150
6	378	Isidoro Pinto de Souza	N/C	casa	2,5	300
6	379	Sebastião Barros	pardo forro	casa	2,5	300
6	380	Pedro Pantaleão da Silva Ramos	padre	Terreno sem edifício	3	600
6	381	Faustino Vieira de Souza	N/C	casa	11	600
6	382	Caetana Gonçalves de Carvalho	crioula forra	casa	2,5	150
6	383	Hipólito Antônio de Freitas	padre	terreno	7	37,5
6	384	José Rodrigues Neves	N/C	casa	2	300
6	385	Joaquina Teixeira de São José	parda forra	casa	2,5	300
6	386	Cipriano da Luz Soares	crioulo forro	casa	2,5	225
6	387	Joaquim Ferreira da Fonseca como zelador da Irmandade de Santa Ana do Ouro Pretocasas desta	capitão	casa	4	450
6	388	Pantaleão da Silva Ramos	padre	casa	1,5	600
6	389	Felisberta Beatriz	viúva	casa	2	600
6	390	do capitão João Martins Maia	herdeiros	casa	1,5	600
6	391	Ana Maria Maximiana Rangel	N/C	casa	4	300
6	392	Francisco de Paula Pinto	N/C	casa	3,5	300
6	393	Dona Josefa Caetana de Castro	viúva	terreno	6	75
6	394	Manuel Fernandes Fraga	pardo forro	casa	4	150
6	395	João de Oliveira Ferreira	alferes	casa	4	150
6	396	Joana Maria Egipcíaca	preta forra	casa	3	300
6	397	Francisca Dionísia	parda forra	casa		150
6	398	José Gonçalves Santiago	capitão	casa	14	300
6	399	Felizarda Pereira da Assunção	viúva	casa	5	300
6	400	Manuel Fernandes da Silva	capitão	casa	6,5	300
6	401	Francisco Dias Ribeiro	capitão	chácara	24	75
6	402	Domingos Carvalho Ribeiro	pardo forro	terreno	18	75
6	403	Antônio Ribeiro de Azevedo	padre	terreno	15	300
6	404	Jerônimo de Souza Lobo	pardo forro	chácara		150
7	405	Antônio Ribeiro de Azevedo	padre	casa	4	150
7	406	Dona Josefa Maria	viúva	N/C	2	600
7	407	José de Freitas Souza na	padre	casa	3,5	300
7	408	Manuel Gomes da Silva	pardo forro	casa	1	600
7	409	Jacinta Luísa de São José	viúva	casa	1,5	600
7	410	José de Freitas Souza	padre	casa	3	300

7	411	Romana Rodrigues de Souza	crioula forra	casa	1,5	600
7	412	Manuel Antônio Moreira de Castilho	capitão	casa	2	600
7	413	Sebastiana Fernandes Souto	parda forra	casa	3,5	600
7	414	Serafim Correia Fortuna	pardo forro	casa	2	600
7	415	José Antônio de Araújo na mesma	padre	casa	2,5	600
7	416	Manuel de Abreu Lobato	padre	casa	2	600
7	417	João da Silva Mourão	advogado	casa	2,5	600
7	418	João Alves de Almeida	pardo forro	casa	2	600
7	419	João José de Araújo	pardo forro	casa	1,5	600
7	420	José Dias Monteiro	alferes	casa	1	300
7	421	Vitorino Martins Machado	padre	casa	3,5	300
8	422	Felizarda Teresa da Assunção	viúva	casa	3	150
8	423	Maria Carolina Monteiro Peixoto	N/C	casa	3	150
8	424	de Eusébio da Costa Ataíde	herdeiros	N/C	4	600
8	425	de Eusébio da Costa Ataíde	herdeiros	casa	2	600
8	426	Catarina da Costa Pinheiro	parda forra	casa	2	600
8	427	Tomé Joaquim Alves	N/C	casa	1	600
8	428	de Eusébio da Costa Ataíde as	herdeiros	casa	4	600
8	429	de Eusébio da Costa Ataíde	herdeiros	casa	1,5	300
8	430	de Eusébio da Costa Ataíde	herdeiros	casa	1,5	300
8	431	Vidal José do Vale	reverendo vigário	casa	15	600
8	432	Pantaleão Alves da Silva	capitão	casa	4	375
8	433	Jerônimo Lopes da Cruz	capitão	casa	2,5	600
8	434	de José Carlos de Siqueira Martins	herdeiros	casa	4	600
8	435	Francisco de Paula Barbosa	tenente	casa	3	600
8	436	Manuel de Abreu Lobato	padre	casa	2	600
8	437	Dona Maria Emerenciana	viúva	casa	3	600
8	438	José Joaquim de Oliveira	ajudante	casa	3,5	600
8	439	José Joaquim de Oliveira	ajudante	casa	11	75
8	440	José Joaquim de Oliveira outras	ajudante	casa	2,5	600
8	441	Manuel José Dias	tenente	casa	4	600
8	442	de Pedro de Oliveira Jaques	herdeiros	casa	3,5	300
8	443	José de Deus Lopes	mestre	terreno	11,5	300
8	444	Eugênia Alves Carneiro	viúva	casa		400
8	445	Antônio Bento de Vasconcelos Parada e Souza	cadete	casa	3	600
8	446	José de Deus Lopes	mestre	casa	3,5	600
8	447	João Mendes Barreto	soldado da tropa	casa	8	N/C
8	448	Francisco Pereira Duarte	alferes	casa	5	N/C
8	449	Ana Maria de Oliveira Rosa	N/C	casa	7	600
8	450	Luísa Pereira de Souza	N/C	casa	2	600
8	451	de Jerônima Rodrigues Aragão	herdeiros	casa	2,5	600
8	452	ajudante José Rodrigues de Souza	ajudante	casa	2	300
8	453	Dona Francisca de Paula de Jesus	N/C	Terreno sem edifício	1	N/C
8	454	Bernardino José Simões	sargento mor	edifício principiado com paredes de pedra	4,5	600
8	455	Francisco Machado da Costa na mesma	padre	casa	2	600
8	456	do Doutor Francisco de	herdeiros	casa	4	600

		Barbosa de Miranda Saldanha				
8	457	do capitão Manuel Ribeiro dos Santos	herdeiros	casa	2	600
8	458	Antônio Ribeiro dos Santos digo Ribeiro da Costa	capitão	casa	6	600
8	459	Bernardo dos Reis	ajudante	casa	1,5	600
8	460	Dona Ana Maria deirós	viúva	casa	1,5	600
8	461	Manuel de Abreu Lobato	padre	casa	2	600
8	462	Joaquim Ferreira da Fonseca	capitão	casa	5,5	600
8	463	Manuel Castro Pereira na mesma	ajudante	casa	3	600
8	464	Dona Joaquina Rosa do Sacramento	viúva	casa	2	600
8	465	Marçal José de Araújo	sargento mor	casa	2	600
8	466	Teodoro de Araújo Correia	pardo forro	casa	1,5	600
8	467	do padre Jerônimo Fernandes de Lana	herdeiros	N/C	1,5	600
8	468	herdeiros acima	herdeiros	casa	3,5	600
8	469	José do Espírito Santo	soldado da tropa de linha	casa	1,5	600
8	470	Manuel de Abreu Lobato	padre	casa	1,5	600
8	471	Dona Angélica Alves de Miranda	N/C	casa	3	600
8	472	Dona Angélica Alves de Miranda	N/C	casa	2,5	600
8	473	Antônia Maria de Oliveira	viúva	casa	2,5	600
8	474	Albina Rodrigues da Silva	parda forra	casa	1,5	600
8	475	Antônio Velho Brandão	N/C	casa	2	600
8	476	Domingos Francisco de Carvalho	padre	casa	2	600
8	477	Fernando Luís Machado de Magalhães	capitão	casa	2,5	600
8	478	Manuel José Monteiro de Barros	capitão	casa	2,5	600
8	479	do padre Jerônimo Fernandes de Lana	herdeiros	casa	2,5	600
8	480	Nicolau Soares do Couto	capitão	casa	5	600
8	481	Manuel José Monteiro de Barros	capitão	casa	1,5	600
8	482	Ana Joaquina Felícia	N/C	casa	1,5	600
8	483	Dona Francisca Custódia do Pilar	N/C	casa	1,5	600
8	484	Antônio da Cruz Machado	capitão	casa	2	600
8	485	Manuel Pinto Lopes	sargento mor	casa	2	600
8	486	Manuel Moreira Ribeiro	tenente	casa	2	600
8	487	Mariana Gomes	preta mina	casa	2	600
8	488	do capitão Luís Gomes da Fonseca	herdeiros	casa	2,5	600
8	489	Antônio José Vieira de Carvalho	cirurgião mor	casa	2,5	600
8	490	Agostinho Duarte da Silveira	tenente	casa	2	600
8	491	Manuel Marques Duarte	alferes	casa	2	600
8	492	de Domingos Tomé da Costa	herdeiros	casa	2	600
8	493	Bernardo José dos Reis	ajudante	casa	2	600
8	494	Dona Antônia Luísa	viúva	casa	2	600
8	495	Antônio José Ribeiro	mestre	casa	2	600

8	496	Domingos Álvares de Oliveira Maciel	guarda mor	casa	2	600
8	497	Manuel Correia de Souza	N/C	casa	6	600
8	498	guarda mor Domingos Álvares de Oliveira Maciel	guarda mor	casa	5	600
8	499	João Ribeiro Guedes	N/C	casa	2,5	600
8	500	José Ferreira da Silva	porta estandarte	casa	7	600
9	501	Francisco de Melo Rodrigues	pardo forro	casa	3	300
9	502	Marçal José de Araújo	sargento mor	casa	5,5	300
9	503	do capitão Manuel Ribeiro dos Santos	herdeiros	casa	2,5	300
9	504	Antônio Ferreira de Araújo	padre	casa	6,5	300
9	505	Joaquim Pinto de Souza	N/C	casa	3	300
9	506	José Pires	cabo de esquadra	casa	1,5	300
9	507	Ana Micaela Arcângela	parda forra	casa	3,5	300
9	508	Antônio Freire dos Santos	N/C	casa	5,5	300
9	509	Antônio Freire dos Santos	N/C	casa	3	300
9	510	Inácia Maria de Jesus	N/C	casa	3	150
9	511	Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo desta Vila	N/C	terreno místico	70	75
9	512	Joaquim Manuel da Silva	cadete	casa	6	300
9	513	José Neves de Gusmão	N/C	casa	1,5	300
9	514	Dona Francisca Pulquéria Teodora	viúva	casa	7	300
9	515	Luciano Pinto de Souza	alferes	casa	3	300
9	516	do capitão Manuel Fernandes Pinto	herdeiros	casa	6	300
9	517	Casa da Ópera	N/C	N/C	6	300
9	518	Dona Francisca Xavier de Souza	N/C	casa	2	300
9	519	do capitão Florêncio Guedes Pinto de Carvalho	herdeiros	casa	7,5	300
9	520	Francisco José Pereira Velasco	sargento mor	Terreno sem edifício	3	300
9	521	de Eusébio da Costa Ataíde	herdeiros	casa	3,5	300
9	522	de José Caetano Ferreira	herdeiros	casa	1,5	300
9	523	Francisco Pereira Duarte	alferes	casa	2,5	300
9	524	Domingos Gonçalves da Cruz	capitão	casa	4,5	300
9	525	Dona Isabel Feliciano de Seixas	viúva	casa	6	300
10	526	Santa Casa de Misericórdia	N/C	N/C	21	600
11	527	Irmandade de Nossa Senhora das Mercês	N/C	terreno místico	8	300
11	528	do capitão João da Silva Coura	herdeiros	casa		150
11	529	Dona Maria Inácia de Lorena	N/C	casa	40	75
11	530	Francisco Xavier Machado	sargento mor	casa		N/C
11	531	de Manuel da Silva Guimarães	herdeiros	terreno místico	4	75
11	532	Marcelina de Freitas	crioula forra	casa	1,5	600
11	533	José Valentim de Oliveira	pardo forro	casa	4	600
11	534	Dona Antônia Maria Felizarda	N/C	casa	3	600
11	535	Genoveva Maria Angélica de Jesus	N/C	casa	2	600
11	536	João da Silva Figueiredo	furriel da tropa de	casa	1,5	600

			linha				
11	537	Domingos Álvares de Oliveira Maciel	guarda mor	casa	2	600	
11	538	Manuel de Faria Salgado	N/C	casa	2	450	
12	539	João Luís Nunes	pardo forro	casa	5	75	
12	540	Vitoriano Fernandes	crioulo forro	casa	2,5	75	
12	541	Ana Rodrigues	parda forra	casa	2	600	
12	542	Joana Rosa de Jesus	N/C	casa	2	600	
12	543	Ana Maria dos Anjos	N/C	casa	2	600	
12	544	José Álvares de Lima	N/C	casa	2	450	
12	545	Mariana Rodrigues	crioula forra	casa	2	600	
12	546	do tenente Francisco José de Lima	herdeiros	casa	2	300	
12	547	Manuel de Faria Salgado	N/C	casa	1,5	600	
12	548	Maria de Jesus	crioula forra	casa	1,5	600	
12	549	José da Costa Ferreira	N/C	casa	13	300	
12	550	Josefa Fernandes da Conceição	N/C	casa	2	300	
12	551	Antônio José Vieira de Carvalho	cirurgião mor	terreno murado	15	300	
12	552	Feliciano José Rebelo	N/C	Terreno sem edifício	9	75	
13	553	Dona Ana Joaquina Barbosa	N/C	casa	22	150	
13	554	Manuel de Faria Salgado	N/C	chácara	11	75	
13	555	Dona Rita Joaquina Barbosa	N/C	casa	20	75	
13	556	Manuel de Lima	pardo forro	casa	9	N/C	
14	557	do coronel Carlos José da Silva	herdeiros	casa	3	600	
14	558	Dona Ana da Silva Teixeira Meneses	N/C	casa	2	600	
14	559	Manuel João Pereira	N/C	casa	3,5	300	
14	560	Vitoriano Caetano Ferreira já falecido	capitão	casa	2,75	300	
14	561	Dona Iria Vitorina de Ávila Silva	N/C	casa	2	300	
14	562	Santa Casa de Misericórdia	N/C	casa	2,5	600	
14	563	Feliciano José Rebelo	N/C	casa	2	300	
14	564		N/C	N/C	2,5	600	
14	565	João Ribeiro Guedes	N/C	casa	6	150	
14	566	Manuel da Rocha Monteiro	N/C	casa	4	300	
14	567	Isabel Feliciano de Abreu	N/C	casa	4	300	
14	568	do Doutor João Gualberto Monteiro de Barros	herdeiros	casa	3,5	300	
14	569	José Veríssimo da Fonseca	N/C	casa	4	300	
14	570	Doutor Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos	N/C	casa	3		
14	571	Pedro de Lemos Magalhães	N/C	casa	3,5	600	
14	572	Francisco Xavier de Andrade já falecido	N/C	casa	1,5	600	
14	573	Dona Caetana Eufrásia de Figueiredo	viúva	casa	1,5	600	
14	574	José Sotero de Jesus	alferes	casa	2	600	
14	575	Hilária Cardoso de Mendonça	parda forra	casa	2	600	
14	576	João Pinto da Rocha	tenente	casa	2,5	600	
14	577	Jacinto Álvares de Meireles	N/C	casa	2	600	
14	578	Manuel Álvares de Meireles	ajudante	casa	2	600	
14	579	Manuel Fernandes Sobreira	capitão	casa	3,5	600	
14	580	Antônia Moreira	viúva	casa	3	600	
14	581	Maria Pereira Vilanova	viúva	casa	2	600	
14	582	Manuel Fernandes Sobreira	capitão	casa	3,5	600	

14	583	Genoveva Ribeiro de Melo	parda forra	casa	2	600
14	584	do alferes Antônio Pereira Malta	herdeiros	casa	2	600
14	585	Antônio Velho Brandão	N/C	casa	3	600
14	586	Juliana de Souza Lobo	parda forra	casa	2	600
14	587	Custódio José Coelho	tenente	casa	2,5	300
14	588	de Nossa Senhora da Boa Morte de Antônio Dias	oficial de irmandade	N/C	1,5	300
14	589	Manuel Lopes da Cruz	pardo forro	casa	3	N/C
14	590	Inácio da Costa Pereira	pardo forro	casa	4	600
14	591	Antônia Martins Viana digo Ana Martins Viana	preta forra	casa	4	300
14	592	Antônia Lopes de Oliveira	N/C	casa	6	75
14	593	Antônia Moreira da Silva	viúva	casa	6	300
14	594	Maria Ferreira dos Santos	N/C	casa	2,5	300
14	595	José Dias Monteiro	alferes	casa	2	300
14	596	Mariana Vaz de Carvalho	parda forra	casa	3	600
14	597	Mariano Ferreira da Silva	porta estandarte	casa	4	300
15	598	João de Deus Magalhães Gomes	capitão	casa	2,5	150
15	599	Francisco Teobaldo Sanches Brandão	tenente	casa	5	225
15	600	Francisco Xavier Lopes	soldado da tropa de linha	casa	2	600
15	601	Paulina de Sousa Guerra	N/C	casa	2	600
15	602	Francisco Correia da Silva	N/C	casa	2	600
15	603	Custódio Pinto de Oliveira	ajudante	casa	2	600
15	604	Joana Maria da Cruz	parda forra	casa	2,5	600
15	605	Vicência Maria de Jesus	parda forra	casa	2	600
15	606	José de Almeida Braga	meirinho geral desta Vila	casa	3	600
15	607	Joaquim da Costa Avelida	N/C	casa	2	600
15	608	Dona Maria Felícia	viúva	casa	2	600
15	609	Manuel Francisco Campos detrás as	padre	casa	2	600
15	610	Basílio Pereira da Silva	pardo forro	casa	3	600
15	611	Antônio Pereira dos Santos	soldado da tropa de linha	casa	3	600
15	612	Maria Antônia dos Prazeres	N/C	casa	1,5	600
15	613	Inácio Francisco	andador da Ordem Terceira de São Francisco	casa	2,5	600
15	614	Manuel José Lemos	furriel da tropa de linha	casa	12	150
16	615	Valério Antônio Salgado	cabo de esquadra	casa	2	300
16	616	Antônio Felipe Pereira	capitão	casa	2	300
16	617	Manuel José Pinto	capitão	casa	4	300
16	618	José da Silva Brandão	capitão	casa	5	150
16	619	Joana Maria Barros	crioula forra	casa	3	75
16	620	Domingos Gomes	soldado da tropa de linha	casa	2	75

16	621	Apolinário Martins	cabra forro	casa	1,5	75
16	622	Martinho Pereira Barroso	pardo forro	casa	2,5	300
16	623	Estêvão Rodrigues Barbosa	N/C	casa	2	
16	624	Estêvão Rodrigues Barbosa	N/C	casa	2	600
16	625	Martinho Pereira Barroso	N/C	casa	1,5	600
16	626	do sargento mor José Joaquim da Silva Brum Ataíde de Vasconcelos	herdeiros	terreno murado	5,5	150
16	627	João de Oliveira Silva na mesma	ajudante	casa	7	150
16	628	Marcelina[21]	parda forra	casa	2	300
16	629	Joaquim Nobre dos Santos dos Paulistas	N/C	casa	3	600
16	630	João Ferreira da Silva Tavares	N/C	casa	2	600
16	631	Caetana Maria de Souza	N/C	casa	1,5	600
16	632	Catarina Maria da Guarda	N/C	casa	1,5	600
16	633	Raimundo de Carvalho	N/C	casa	1,5	600
16	634	de Ângelo Correia	herdeiros	casa	4	600
16	635	João Maciel de Araújo	padre	casa	4	300
16	636	João Maciel de Araújo	padre	casa	9	300
16	637	Maria Joaquina	N/C	casa	4	300
16	638	Antônio José Veloso	N/C	casa	3	375
16	639	Rita Gracia	preta forra	casa	6	300
16	640	Gabriel de Crasto Lobo	pardo forro	casa	3	600
16	641	Gabriel de Crasto Lobo	N/C	casa	17	300
16	642	Marcelina Rodrigues	N/C	casa	4	300
16	643	Joana Gonçalves	N/C	casa	3	600
16	644	Francisca Angélica Rodrigues	N/C	casa	2,5	600
16	645	Clara Joaquina de São José	N/C	casa	3,5	600
16	646	Antônio Ferreira de Araújo acima	padre	casa	6	300
16	647	Antônio Ferreira de Araújo	padre	casa	2	300
16	648	Francisco da Silva	N/C	casa	1,5	600
16	649	Joaquim José de Sant'Ana	N/C	casa	2	600
16	650	Marcos José Alvarenga	tenente	casa	4,5	300
17	651	Luciano Pinto de Souza	alferes	Terreno sem edifício	4	150
17	652	Manuel Pio	pardo forro	casa	5	75
17	653	José Joaquim de Oliveira	ajudante	Terreno sem edifício	3	75
17	654	Ana Ferreira da Costa	N/C	casa	3	75
17	655	João Pinto de Souza	N/C	casa	2	75
17	656	Sebastiana Nunes de Jesus	N/C	casa	2	75
17	657	Ana Pereira	N/C	casa	1,5	75
17	658	Bernardo do Reis	ajudante	Terreno sem edifício	6	75
17	659	Margarida Francisca Ferreira	parda forra	casa	2,5	75
17	660	Luciana Maria	N/C	casa	3	75
17	661	Antônio da Mata Ferreira	preto mina	Terreno sem edifício	6	225
17	662	João Pinto de Souza	N/C	N/C	60	300
17	663	Manuel Gomes Ferreira Simões	sargento mor	chácara	57	
17	664	Manuel da Rocha Monteiro	pardo forro	casa	14	300
17	665	Bernarda Soares de Pinho	parda forra	casa	10	300
17	666	Manuel Joaquim Vasco	capitão	casa	4	300
17	667	Maria Gomes dos Santos	N/C	casa	7	300
17	668	Antônia Gomes dos Santos	N/C	casa	2,5	300

17	669	Feliciano Nunes dos Santos	viúva	casa	18	150
17	670	Manuel Ferreira da Silva Cintra	capitão	chácara	16	150
18	671	Januário Álvares da Costa	arameiro da Tropa de Linha		22,5	
18	672	Venerável Ordem Terceira de São Francisco desta Vila	N/C	casa	7	300
18	673	Januário Álvares da Costa da capela dos Perdões	N/C	casa	10	300
18	674	Manuel da Rocha Monteiro	pardo forro	casa	3	300
18	675	Ana Maria da Purificação	N/C	casa	3	300
18	676	de Joaquim José Madeira	herdeiros	casa	5	300
18	677	de Francisco Moreira Neto	herdeiros	casa	27	
18	678	Justa Rufina da Porciúncula	parda forra	casa	4	150
18	679	Brígida Maria de Sá Ferreira	crioula forra	casa	4	150
18	680	Irmandade de Nossa Senhora das Mercês e capela do Nosso Senhor Bom Jesus dos Perdões	N/C	N/C	16	150
19	681	Maria Dorotéia	crioula forra	casa	2	300
19	682	José Antônio de Carvalho	tenente	casa	4	330
19	683	do alferes Antônio Pereira Malta	herdeiros	casa	2	300
19	684	do alferes Antônio Pereira Malta	herdeiros	casa	4	300
19	685	do alferes Antônio Pereira Malta	herdeiros	casa	16	150
19	686	do alferes José Gonçalves de Magalhães	herdeiros	casa	2	300
19	687	do capitão Manuel Luís de Oliveira	herdeiros	casa	14	150
19	688	Manuel José da Costa dos Prazeres	alferes	casa	18	300
19	689	Jacinto Coelho da Silva	N/C	casa	8	300
19	690	de Maria Soares Braga	herdeiros	casa	18	
19	691	Félix Antônio Lisboa	padre	terreno	2	150
19	692	Manuel da Silva Guimarães	N/C	casa	6	300
19	693	herdeiros do tenente Bento da Silva Pereira	herdeiros	casa	3	300
19	694	Jacinto Coelho da Silva	N/C	casa	2	300
19	695	do tenente Bento da Silva Pereira	herdeiros	casa	5	300
19	696	do tenente Bento da Silva Pereira	herdeiros	casa	2,5	300
19	697	Francisco	preto mina	casa	8	300
19	698	Maria Egípcíaca	viúva	casa	21	75
19	699	Joaquina	preta mina	casa	3	75
19	700	Constantino Neto de Souza	preto mina	casa	2	75
19	701	José Sotero de Jesus	capitão	Terreno sem edifício	3	75
19	702	Inês Maria ou seus herdeiros	N/C	casa	1,5	75
19	703	José Sotero de Jesus	capitão	casa	4	75
19	704	Geraldo Fernandes Santiago	cirurgião mor	casa	2,5	75
20	705	Joaquim José da Silva	capitão	chácara	35	75
20	706	Francisco Dias de Paula Bicalho	tenente	chácara	143	150
20	707	Eufrásia Leite Esquerdo	viúva	chácara	38	150
20	708	José Guedes	N/C	Terreno sem edifício	2	150
20	709	Florência Leite	crioula forra	casa	6	150
20	710	Manuel Pio	pardo forro	Terreno sem	12	150

				edifício		
20	711	Antônio Ribeiro de Carvalho	pardo forro	Terreno sem	20	150
				edifício		
20	712	José Maria de Brito	tenente	chácara	50	37,5
			coronel			
20	713	José dos Santos	preto mina	casa	2	75
20	714	Joana Maria da Silva	N/C		2	75
20	715	José Adão	crioulo forro	casa	6	75
20	716	José Ferreira Santiago	capitão	sítio	8	75
20	717	Francisco Félix de Moura	pardo forro	N/C	41	75
20	718	do capitão João Silva Coura	herdeiros	Terreno sem	74	37,5
				edifício		
20	719	Antônio Vieira da Cruz	sargento	casa	6	150
			mor			
20	720	Joaquim da Fonseca	preto mina	casa	6	300
20	721	João de Moura Pinto	padre	casa	4	300
20	722	João de Moura Pinto	padre	casa	7	300
20	723	Francisca de Gouveia	preta angola	casa	5	150
			forra			
20	724	Rita da Silva	crioula forra	casa		300
20	725	Francisco Alvares de Meireles	preto forro	casa	2,5	300
20	726	José Valentim de Oliveira	doutor	casa	2,5	300
20	727	Maria Lopes	preta mina	casa	1,5	300
20	728	de Dona Ana Jacinta de	herdeiros	casa	2	300
		Carvalho				
20	729	Alexandre Teixeira de Carvalho	capitão	casa	2	300
20	730	Joaquim Teixeira de Carvalho	pardo forro	casa	2	300
21	731	José Ferreira da Silva	tenente	casa	7	75
21	732	Manuel Fernandes Sobreira	capitão	casa	2	600
21	733	Francisca Moreira Ribeiro	parda forra	casa	2	600
21	734	Dona Ana Maria de São Gabriel	N/C	casa	2	600
21	735	Rosa Maria Lopes	parda forra	casa	2	600
21	736	Francisca Xavier de Abreu	N/C	casa	2	600
21	737	Manuel de Abreu digo dos	padre	casa	2	600
		Santos Abreu				
21	738	Isabel Gonçalves dos Santos	N/C	casa	2,5	300
21	739	Domingos Caetano Ferreira	crioulo forro	casa	1	300
21	740	Joaquim José Pereira	padre	casa	1	300
21	741	Paulo Gomes	crioulo forro	casa	2,5	300
21	742	Luiz de Souza Freitas	morador em	casa	2	300
			ltaverava			
21	743	Vicente Batista Rodrigues	capitão	casa	4	300
21	744	Josefa Vaz de Carvalho	N/C	casa	5	300
21	745	Maria Jacinta Constância de	N/C	casa	2	300
		Jesus				
21	746	Joana Brandoa	crioula forra	casa	3,5	550
21	747	José Joaquim	N/C	casa	2,5	300
21	748	Domingos Gomes	soldado da	casa	2,5	300
			tropa de			
			linha			
21	749	Paula Maria da Assunção	parda forra	casa	4,5	300
21	750	Joana Vaz	crioula forra	casa	2,5	300
21	751	Carlos Francisco	soldado da	casa	2	450
			tropa de			
			linha			
21	752	Lucas José de Araújo	furriel da	casa	2	525
			tropa de			
			linha			

21	753	Agostinho Duarte da Silveira	tenente	casa	3	300
21	754	Antônio Francisco Campos	pardo forro	casa	2	300
21	755	Paula de Crasto Lobo	N/C	casa	2	300
21	756	Maria Angélica dos Santos	N/C	casa	2	600
21	757	Leonor Maria Martins	N/C	casa	3	600
21	758	José Felizardo	alferes	casa	3,5	300
21	759	Dona Ana Pires de Oliveira	viúva	casa	6,5	
21	760	de Bento Pereira da Rocha acima	herdeiros	casa	5,5	300
21	761	Antônio Gomes Gonzaga	pardo forro	casa	2	300
21	762	Luís Ferreira da Costa	N/C	casa	2	300
22	763	Ana Ferreira dos Santos	N/C	casa	2	450
22	764	Joana dos Reis Souza	viúva	N/C	2,5	225
22	765	José do Espírito Santo	soldado da tropa de linha	N/C	2,5	225
22	766	Inês Martins Fragosa	parda forra	N/C	2,5	225
22	767	Ana Gomes na mesma	N/C	casa	1,5	225
22	768	Jacinta Maria de Jesus	N/C	casa	1,5	225
22	769	Antônio Rodrigues de Souza	N/C	casa	1,5	225
22	770	Antônio Rodrigues de Souza	N/C	casa	1,5	225
22	771	Manuel Alvares de Meireles	ajudante	casa	2,5	225
22	772	Custódio Pinheiro de Faria	alferes	casa	3	225
23	773	Manuel de Magalhães Gomes	N/C	casa	9,5	300
23	774	João Carvalho	crioulo forro	casa	5	300
23	775	Francisco de Almeida Pinto	padre	casa	2,5	300
23	776	Miguel Dionísio Vale	ajudante	casa	2,5	300
23	777	Luciana Maria da Silva	N/C	casa	2,5	300
23	778	João Coelho de Almeida	soldado da tropa de linha	casa	2,5	300
23	779	Gabriel de Castro Lobo	N/C	casa	2	300
23	780	Jerônimo Pereira da Fonseca	N/C	casa	2,5	300
23	781	capitão Antônio Francisco Rodrigues	N/C	casa	2,5	600
23	782	Ana Joaquina	N/C	casa	2,5	600
23	783	Floriano Fernandes	crioulo forro	casa	2,5	600
23	784	Manuel Lopes da Silva	N/C	casa	2,5	600
23	785	da capela de Nossa Senhora da Lapa de Antônio Pereira	zelador	casa	2	600
23	786	Rosaura Maria	N/C	casa	3	300
24	787	Manuel dos Reis	pardo forro	casa		75
24	788	Maria Ramos	parda forra	casa	3	75
24	789	Elena Gonçalves da Trindade	viúva	casa	3	75
24	790	Inácio Antônio Mendes e outros	herdeiros	casa	3	600
24	791	Ana Fernandes Neves e sua irmã Francisca de Paula	crioula	casa	2,5	600
24	792	Francisco Inácio e Venâncio José de Souza	N/C	casa	3	600
24	793	Manuel de Oliveira	padre	N/C	3	600
24	794	de Francisco de Andrade	herdeiros	casa	3	600
24	795	Manuel José Barbosa	alferes	casa	2,5	600
24	796	Maria Cecília do Vale	N/C	casa	2,5	600
24	797	Dionísio Rodrigues de Souza	crioulo forro	terreno	2,5	600
24	798	Ana do Espírito Santo	crioula forra	casa	2,5	300
24	799	Manuel Teixeira de Assunção	crioulo forro	casa	2,5	300
24	800	Geraldo Lopes da Cruz	pardo forro	casa	2,5	300
24	801	João Rodrigues Braga	preto forro	casa	2,5	300

24	802	Inácio Antônio Mendes e outros	herdeiros	casa	2,5	300
24	803	Luís Pinheiro de Aguiar	pardo forro	casa	2,5	300
24	804	Luís Vicente Correia	pardo forro	casa	2,5	300
24	805	Manuel Madeira	preto mina	N/C	2,5	300
24	806	Vitoriana Rodrigues de Souza	crioula forra	casa	2,5	600
24	807	Maria da Silva	crioula forra	casa	2,5	600
24	808	Dona Silvéria Tomásia	N/C	casa	2,5	300
24	809	Feliciano José de Paiva	soldado da tropa de linha	casa	2,5	300
24	810	José Marcelino Correia	N/C	N/C	5	N/C
24	811	Mariana Ferreira da Silva	N/C	casa	2,5	300
24	812	herdeiros de Maria	preta	casa	2,5	300
24	813	Francisco Gonçalves Reis	soldado da tropa de linha	casa	2,5	300
24	814	Antônio das Neves Pinto	crioulo forro	casa	2	300
24	815	Maria Gonçalves da Costa	crioula forra	casa	2	300
24	816	Felicidade dos Santos	N/C	casa	2,5	300
24	817	Sebastiana Madeira	crioula forra	casa	3	300
24	818	Manuel de Santarém	N/C	N/C	3	300
24	819	Maria da Costa Oliveira	parda forra	casa	2,5	300
24	820	Ana [Rodrigues] do Vale	N/C	casa	3	300
24	821	Maria José Rodrigues	N/C	casa	7	
24	822	Maria Alves dos Anjos	N/C	N/C	1 e 1 pedaço	600
24	823	Alexandre Rodrigues de Oliveira	N/C	casa	1 braça e 1 pedaço	600
24	824	Ana Gonçalves das Neves	N/C	casa	2,75	600
24	825	Antônio de Avelar Moreira	tenente	casa	2,5	600
24	826	Matias Ferreira da Silva acima	alferes	casa	2,5	600
24	827	Feliciano da Rocha	crioula forra	casa	2,5	150
24	828	Cláudio de Barros Barbosa	soldado da tropa de linha	casa	2,5	600
24	829	Duarte da Silva Costa	alferes	casa	2,5	600
24	830	Tomásia Pereira da Silva	N/C	casa	2,75	600
24	831	Duarte da Silva Couto testamenteiro do capitão Manuel Teixeira Souto na	alferes	N/C	2,5	600
24	832	João Luís	N/C	casa	2	600
24	833	Joaquim Pereira	N/C	casa	2,5	600
24	834	Paulo Gonçalves Lima e outro	crioulo forro	casa	2	600
24	835	do capitão Manuel Ribeiro dos Santos na	herdeiros	casa	2	600
24	836	João Batista de Freitas	N/C	N/C	3	600
25	837	Feliciano Rodrigues do Pilar	preta mina	casa	3	300
25	838	Joaquim Ferreira Rocha e outros	crioulo forro	casa		300
25	839	Antônia Ferreira Alexandrina	preta angola	casa	3,5	300
25	840	Gabriel de Crasto Lobo e outros herdeiros de Manuel de Crasto Lobo	herdeiros	casa	3	300
25	841	João Correia Alvarenga	N/C	casa	3	225
25	842	Marçal Ribeiro de Carvalho	crioulo forro	casa	2	300

25	843	Ana Patrícia	crioula forra	casa	2	600
25	844	Joaquim Nobre dos Santos como testamenteiro de Vitória Teixeira da Costa	N/C	casa	2	300
25	845	Duarte José da Cunha	pardo forro	casa	2	300
25	846	Antônio de Barros Barbosa	N/C	casa	1,5	450
25	847	Paulo Vieira Reis	N/C	casa	2	300
25	848	Francisco da Silva Braga	pardo forro	casa	3,5	150
25	849	Rita Lourença	crioula forra	casa	4	300
25	850	Antônia Maria de Oliveira	N/C	N/C	4	300
26	851	Antônio de Barros Barbosa	N/C	casa	7	300
26	852	Joaquim Gonçalves Chaves	N/C	casa	5	300
26	853	Maria Nobre dos Santos	N/C	casa	4	300
26	854	José Ferreira da Silva	N/C	casa	9	
26	855	Manuel de Barros Barbosa	alferes	casa	3	150
26	856	Ricardo José Carneiro	pardo forro	casa	5	300
26	857	Simão Rodrigues dos Reis	N/C	casa	7	150
26	858	Antônia da Silva Ribeiro	crioula forra	casa	2	150
27	859	José Joaquim da Silva	pardo forro	casa	6	150
27	860	Martinho Pereira Barroso	N/C	casa	4	75
27	861	de Francisco Leite Esquerdo	herdeiros	casa	11	150
27	862	José Ferreira Santiago	capitão	casa	32	150
27	863	José da Silva Amorim	capitão	casa	38	150
27	864	João Bernardo Moreira	N/C	N/C	16	37
27	865	Jerônimo Coelho de Almeida	pardo	casa	7	75
27	866	Matias Peixoto de Sá	pardo forro	casa	3	75
27	867	Duarte José da Cunha	pardo forro	casa	6	75
27	868	José de Faria Lima como testamenteiro do Padre João Rodrigues do Passo na mesma	N/C	N/C	4	75
27	869	Antônio Ribeiro de Carvalho	pardo forro	Terreno sem edifício	4	600
27	870	Joaquim Ferreira Veloso	pardo forro	casa	7	75
27	871	João Damasceno de Souza Forte	cabra forro	casa	2	300
27	872	Margarida da Silva	crioula forra	casa	2	300
27	873	herdeiros de Ana Gomes	crioula forra	casa	3	300
27	874	Inês Martins Fragosa	parda forra	casa		300
27	875	João Batista de Freitas	N/C	casa	12	75
27	876	João Lopes da Cruz	pardo forro	N/C	8	75
27	877	Maria Ferreira de Andrade	viúva	casa	3,5	300
27	878	Ana Maria de Jesus	N/C	casa	4	300
27	879	José Pinheiro Alves	N/C	casa	6,5	150
27	880	Manuel Machado de Amorim	pardo forro	casa	5	150
27	881	Jerônimo Alves Pereira	N/C	casa	6	150
27	882	Francisca Lopes da Cruz	parda forra	casa	5	75
27	883	Francisco da Silva Ferreira	pardo forro	casa	8	150
27	884	Manuel Carneiro da Cruz	N/C	terreno com princípio de edifício	10	150
27	885	Ana Maria das Neves	viúva	casa	3,5	300
27	886	Manuel Antônio	N/C	casa	5	300
28	887	da Irmandade da Senhora do Rosário do Alto da Cruz	os irmãos de irmandade	casa	6	600
28	888	Maria da Costa Rebelo	crioula forra	casa	3	600
28	889	Manuel Rodrigues Chaves	N/C	casa	2	300
28	890	Manuel Moreira de Araújo	preto forro	casa	2	600
28	891	Isabel Ferreira de Melo	preta angola	casa	3	600

28	892	padre José de Faria Pereira	N/C	casa	1,5	600
28	893	Teodósio Simões Prata	pardo forro	casa	2	600
28	894	Francisco Simões Prata	pardo forro	casa	3	300
28	895	Maria Leite de Jesus	crioula forra	casa	3	300
28	896	Crispim Dias	crioulo forro	casa	2	300
28	897	Rosa Maria Lopes	parda forra	casa	3	200
28	898	Francisco de Souza Braga	tenente	casa	2	600
28	899	Teresa Quintiliana	N/C	casa	2,5	600
28	900	Manuel Rodrigues Braga	pardo forro	casa	4,5	150
28	901	José de Faria Pereira	padre	casa	5	300
28	902	Duarte José da Cunha	pardo forro	casa		N/C
28	903	Maria Soares	N/C	casa	2,5	300
28	904	Bernarda Ferreira de Andrade	N/C	casa	2	600
28	905	Félix Rodrigues Chaves	pardo forro	casa	3,25	300
28	906	Ana Francisca	parda forra	casa	4	300
28	907	Francisco da Silva Viana	N/C	casa	4	300
28	908	Francisco Gonçalves e outros	crioulo forro	casa	2	300
28	909	Bernarda Gonçalves	parda forra	casa	2	300
28	910	João Coelho da Mata	N/C	casa	2	300
28	911	Domingos Francisco Vieira	N/C	casa	2,5	300
28	912	Antônia Alves Braga	parda forra	casa	3,5	300
28	913	do Doutor Manuel de Souza de Oliveira	herdeiros	chácara	6	150
28	914	Luís José Teixeira Murta	capitão	casa	19	75
28	915	José Ferreira Santiago	capitão	chácara	20	150
28	916	Manuel José Ferreira Carneiro	N/C	N/C	2,5	300
28	917	João Varela	crioulo forro	casa	2,25	300
28	918	Ana de Souza	crioula forra	casa	2	300
28	919	Antônio Luís	N/C	casa	2,5	300
28	920	Micaela Fernandes Vilarinho	N/C	casa	3,5	300
28	921	José Francisco Duarte	N/C	casa	2	300
28	922	Inácio de Carvalho	crioulo forro	casa	2,75	600
28	923	José de Faria Pereira	padre	terreno	3	600
28	924	Inácio de Carvalho	crioulo forro	casa	2,5	300
28	925	Francisco Coelho de Almeida	soldado da tropa de linha	N/C	2,5	300
28	926	Manuel Pereira Carneiro	pardo forro	casa	2	600
28	927	Eusébio Silva Ribeiro	pardo forro	casa	2	600
28	928	Vitória de Sene	crioula forra	casa	1	600
28	929	José Soares Ferreira de Souza	N/C	casa	3,5	600
28	930	João da Silva Freitas	pardo forro	N/C	5,5	300
28	931	Manuel Ramos	crioulo forro	casa	4,25	300
28	932	Paula da Silva Torres	crioula forra	casa	3,75	300
28	933	Ana Mendes	parda forra	casa	3,25	300
28	934	Ana Varela	crioula forra	casa	4	300
28	935	Maurício Ribeiro de Carvalho	N/C	casa	3	300
28	936	Ana Mendes de Vasconcelos	parda forra	casa	3	300
28	937	de Luís Lopes	herdeiros	casa	2	600
28	938	Teresa Francisca Mendes	parda forra	casa	2,75	300
28	939	Serafim de Souza Coelho	N/C	casa	3,25	300
28	940	José Ferreira Santiago	capitão	casa	3,75	300
28	941	Domingos José Ribeiro	mascate de rosários e bentinhos	casa	2	300
28	942	José de Souza Coelho	N/C	casa	5,5	300
28	943	Gonçalo Alves	crioulo forro	casa	3,25	600
28	944	José de Souza Coelho	N/C	casa	3,25	300

28	945	José de Souza Coelho	crioulo forro	casa	2,5	300
28	946	Manuel de Lemos	pardo forro	casa	2,5	300
28	947	herdeiros de Ana Gonçalves	crioula forra	casa	5,25	600
28	948	Hilário Vaz	crioulo forro	casa	4	300
28	949	Páscoa Lopes	crioula forra	casa	3,25	300
28	950	dos religiosos do Hospício desta Vila	síndico	casa	1,75	300
28	951	do padre Luís Mendes na	herdeiros	casa	3	300
28	952	Antônia Nunes da Silva	parda forra	casa	3,5	300
28	953	de Antônia Varela	herdeiros	casa	3	300
28	954	Florência Martins	crioula forra	casa	3	300
28	955	Maria de Carvalho	crioula forra	casa	3	300
28	956	Antônia dos Santos	preta mina	casa	2,5	300
28	957	Antônia de Carvalho de Oliveira	parda forra	casa	2,25	300
28	958	Antônio <Alves Valente> Peixoto de Vasconcelos	N/C	casa	5	300
28	959	Antônia Nunes da Silva	parda forra	casa	3	300
28	960	Antônia Nunes da Silva	parda forra	casa	2,25	300
28	961	Alexandre Baltar	crioulo forro	casa	3	300
28	962	João de Souza Pereira	N/C	casa	3,75	300
28	963	Maria Alves Antunes	N/C	casa	2,5	
28	964	Francisco Rodrigues	pardo forro	casa	2,5	300
28	965	Ana Moreira de Oliveira	N/C	casa	3	300
28	966	João Pires	crioulo forro	casa	2	300
28	967	Luís Vicente	pardo forro	casa	2	300
28	968	Manuel Gonçalves Chaves	pardo forro	casa	7	300
28	969	Manuel Gonçalves Chaves e seu irmão Damião Gonçalves Chaves	N/C	casa	5	300
28	970	Antônio Vieira da Cruz	sargento mor	casa	4	300
28	971	Ana Teodora de Oliveira	parda forra	casa	2	600
28	972	Maria Alves da Purificação	parda forra	casa	3	300
28	973	Ricardo José Carneiro	N/C	casa	4	300
28	974	Bento Luís Tambor	N/C	casa	1,5	300
28	975	Leandro Gonçalves Moreira Lima	N/C	casa	4	75
28	976	Caetana Pereira	N/C	casa	3	150
28	977	Antônio Vieira da Cruz	sargento mor	casa	9	300
28	978	Antônio Vieira da Cruz	sargento mor	casa	7	300
28	979	Antônio da Silva Torres	pardo forro	casa	3	150
28	980	Rosa Maria Antunes	parda forra	casa	5,5	300
28	981	Francisco Pereira Vilanova	N/C	casa	4	75
28	982	Manuel da Rocha Ferreira	pardo forro	casa	4,5	300
28	983	Ângela Maria de Jesus	viúva	N/C	2,5	300
28	984	Maria Fernandes Coelho	parda forra	casa	3	300
28	985	Maria da Rocha preta forra	N/C	casa	4	300
28	986	Francisca da Silva Torres	parda forra	casa	3,5	300
29	987	Dona Maria Pires de Oliveira	viúva	casa	4	300
29	988	de Cecília Fernandes	herdeiros	N/C	3	300
29	989	Francisca de Sales da Silva	viúva	casa	4	300
29	990	Luzia de Araújo Braga	N/C	N/C	2,5	300
29	991	Quitéria da Rocha	crioula forra	casa	3,25	300
29	992	Antônia da Silva	crioula forra	casa	2,75	300
29	993	Manuel da Silva Torres	pardo forro	casa	4	300
29	994	Eugênia Borges	crioula forra	casa	5	150

29	995	Pedro de Souza Machado	crioulo forro	terreno murado	6	300
29	996	Manuel Fernandes Botelho	N/C	casa	3,5	300
29	997	Antônio Dias Fidalgo	crioulo forro	casa	7	300
29	998	Jacinto José Coelho	pardo forro	casa	3	150
29	999	Eugênia Maria Ribeiro	crioula forra	casa	5,5	300
29	1000	Antônio Martins Coelho	N/C	casa	6	300
29	1001	Luís Ferreira Borges	N/C	casa	2	300
29	1002	José Ferreira Santiago	capitão	casa	2	300
29	1003	Romana da Silva	crioula	casa	4	150
29	1004	Luisa Gonçalves	parda forra	casa	3	150
29	1005	Florência Ribeiro	crioula forra	casa	3	150
29	1006	Maximiano de Oliveira Leite	tenente coronel	chácara	18	N/C
29	1007	Teresa de Souza	crioula forra	casa	2	150
29	1008	Maria Borges	crioula forra	chácara	4	150

Lista nominativa do distrito de Padre Faria, Água Limpa e Taquaral em 1804

Abreviaturas:

#: número do fogo; A: nome do chefe de fogo; B: número de imóveis em nome do chefe de fogo; C: cargo ou ocupação; D: situação conjugal; E: número de filhos; F: número de agregados ou criados; G: número de escravos

#	A	etnia	B	C	D	E	F	G
1	Duarte José da Cunha		2	ferreiro	c	4		2
2	Antônio de Souza Barbosa		1	pobre				
3	Susana de Souza	crioula	1	pobre		2	3	
4	Manuel Ferreira de Carvalho		1	carapina				
5	Esperança	mina	1					2
6	Narcisa da Costa	crioula	1	pobre				
7	Antônio Francisco	mina		pobre	c			
8	Bonifácio	pardo	2	carapina	c	2		2
9	Maria do Rosário Lima			pobre	v			2
10	Vicência	crioula		roça e mineração		4		
11	Bernarda	parda	2	roça e mineração		2	3	
12	João Coelho da Mata	branco						2
13	Tomásia Francisca	crioula					1	
14	João Marcelino Correia			sapateiro	c	1		
15	Ana Maria	crioula					4	
16	José de Crasto			sapateiro	c	3	3	
17	Luís José de Araújo	branco		pobre				1
18	Paulo Gonçalves	crioulo		sapateiro				
19	Antônio Alves Braga					4		12
20	Antônio			fiscadores	c			
21	Inácio de Paiva			carapina	c	3		3
22	Joana Perpétua Felícia				v	3		8
23	M[anuel] Fernandes Santiago			cirurgião	c	4	2	
24	M[anuel] de Silva Maciel			cobranças	c	3		9
25	Francisco José	branco			v	2		2
26	Joana Rodrigues da Silva				v		3	
27	Inácia			costureira	s		3	3
28	Afonso Dias Pereira			coronel				4
29	Antônio Mendes			carapina				
30	José Pinto Madureira			tenente coronel				4
31	Francisca	parda		pobre				
32	Antônio Lopes	pardo		fiscadores			1	
33	Tomás	mina		barbeiro				
34	Severiana Pereira da Silva				v	2	5	
35	Mariana Martins	crioula				2		
36	José Francisco Duarte	pardo			c	1		1
37	Gonçalo	crioulo		mineiro			1	
38	Joaquim	angola		mineiro			1	
39	João Moura	mina		mineiro			5	
40	Eusébio da Silva Ribeiro			sapateiro	c	1	1	
41	Romana	parda		pobre			1	
42	Teresa Francisca Mendes			costureira				
43	M[anuel] Martins	mina						
44	Apolinaria Gomes Tavares						2	
45	João da Silva Freitas			alfaiate	c		2	3
46	Luísa	parda		roça				
47	Antonia de Souza	crioula		roça		1	1	
48	Manuel Ramos			carapina		1		
49	Antônio Dias Monteiro			mestre de meninos	c	2		

50	Ana Mendes			roça				1
51	Maria Varela	crioula		roça		3		2
52	Ana Maria Mendes	parda		roça		5		
53	Ana Rosa			costureira			2	1
54	Jacinta			roça			7	
55	José de Sousa	branco		agência				
56	Lourença Mendes	crioula		roça				1
57	Hilário	crioulo		pobre				1
58	Antonia Carvalha			roça			4	
59	Antonia Nunes da Silva			costureira			2	4
60	Feliciana Teixeira	crioula		roça		1	1	
61	João de Souza Moura	branco		pedreiro	c	2		
62	Francisco Rodrigues			sapateiro	c			
63	Luísa Josefa			costureira				
64	M[anuel] Joaquim			agência	c		1	
65	João Pires	crioulo forro		sem negócio				
66	M[anuel] Gonçalves Chaves			cobranças	c	1		1
67	Teresa Gonçalves Chaves	mina		roça				2
68	Damião Gonçalves Chaves			agência				
69	Feliciana da Praga	crioula		roça			5	
70	Marcelina Constância			venda			2	
71	Teresa Vieira	parda		costureira			2	3
72	Maria Inácia	crioula					1	
73	Leandro Gonçalves Moreira Lima	branco		venda				1
74	Antônio Vieira da Cruz			sargento-mor			1	17
75	Francisca de Silva Torres			venda		1	2	7
76	Rosa Antunes de Oliveira			costureira		1	2	7
77	Manuel da Rocha Ferreira			ferreiro			1	
78	Maria Beatriz de Jesus			costureira		2	1	1
79	Maria	parda		roça			1	
80	João	mina		forro			1	
81	Ângela Maria					1	1	
82	Ana Gonçalves	crioula forra	2	roça		1	2	
83	Páscoa Neta Correia	crioula		forra agência				
84	Ana Machada	parda		roça		1	2	
85	Aleomija de Souza			roça			1	
86	Caetano Simões de Paiva	crioulo		sapateiro	c	5		
87	João Pereira dos Passos	crioulo		mineiro	c	2		
88	Antonia Varela			faiscadores		5	1	1
89	Inácia Varela	crioula	2	roça		1		
90	Narciso J. Bandeira						6	5
91	Manuel Varela						6	9
92	Micaela	crioula				2	2	
93	Francisco Gonçalves Vilar Neves	pardo		mineiro	c	1	1	
94	Joana Ferreira de Matos	parda		agência				3
95	M[anuel] da Rocha	crioulo			c			
96	Cecília Fernandes	parda		agência		1		
97	Maria Inácia Pires de Oliveira							5
98	Bento de Melo			padre			2	11
99	Antônio Martins	branco		faiscadores	c	2		1
100	Antônia da Silva	crioula		roça		2		
101	M[anuel] Caetano	pardo		agência			1	
102	Maria da Silva			faiscadores		4		
103	Eugênia Borges	crioula		roça		6	3	
104	Manuel Botelho			faiscadores		1		
105	Simão José Duarte			agência	c	5		
106	Ana Machada	crioula				1	3	
107	Ana das Flores	crioula		roça		1	2	

108	Joaquim Varela	preto		roça	c			
109	Luís Ferreira Borges	pardo		agência	c	1	3	1
110	Quitéria da Rocha	preta				2	2	
111	Miguel Gonçalves			caldeireiro			1	
112	Antônio Gonçalves (chácara)	branco		alferes	c	3	1	11
113	Quitéria da Rocha	crioula	2	roça		3	2	
114	Luísa das Flores	crioula			v	6	2	1
115	Florência Fernandes	crioula		agência			1	
116	Antonia Gonçalves da Silva	crioula		agência		3	1	
117	Luís da Silva	crioulo		faiscadores	c			4
118	Florência Ribeira (sem casa)			mineiro		1	1	
119	Antônio Dias Fidalgo	crioulo		sapateiro	c			
120	Teresa de Souza	crioula		faiscadores		1	3	
121	Maria Gonçalves	crioula	2	roça		2		
122	Maria Borges	crioula		mineiro	v			3
123	Micaela	crioula		mineiro		1	1	
124	Manuel da Silva	preto					3	
125	Maria Alves	crioula		mineiro	v	4	4	
126	Mariana Gonçalves	parda		agência		3		2
127	Isabel da Silva	crioula		agência		1	5	
128	Ana de Souza	parda		pobre	v			
129	Joana Pereira Vilas Novas			faiscadores			2	
130	Joana Maria			mineiro			3	
131	M[anuel] Ribeiro	branco		mineiro			2	3
132	Jacinto Coelho	pardo		mineiro				3

Lista nominativa do distrito de Antônio Dias em 1804

Abreviaturas:

#: número do fogo;

A: nome do chefe de fogo;

B: cargo ou ocupação;

C: etnia

a: angola;

b: branco/a;

bg: benguela;

c: crioulo/a;

cb: cabra;

cg: congo/a

m: mina;

p: pardo/a;

pt: preto/a;

D: situação conjugal

c: casado/a;

v: viúvo/a);

E: número de filhos;

F: número de agregados ou criados;

G: número de escravos

Observações:

(1) chácara; (2) roça; (*) tem mais escravos em outras freguesias.

#	A	B	C	D	E	F	G
1	Lucas Antônio Monteiro de Barros	ouvidor geral		c	4	1	8*
2	João Antônio Pinto	padre				2	5
3	Antônio José Rodrigues de Azevedo	tabelião	b	s			3
4	Manuel Francisco Sobreira	Negócio de fazenda seca	b	s		2	1
5	Carlos José da Silva	Coronel; escrivão e deputado da Junta da Real Fazenda		c	5	3	17
6	Pedro da Costa Fonseca	escrivão		c	3	1	9
7	João Ferreira Couto	Ferrador da tropa paga				1	1
8	José Joaquim Viegas	padre					*
9	Pulquéria	forra	pt		1		
10	Matias Pereira da Silva	Sapateiro	b				
11	Miguel José de Araújo	Vive de campanha de misericórdia	b				
12	Micaela	enfermeira	c				
13	José de Gusmão	Almofariz da fundição	b				
14	Joaquim José de Santana	Carcereiro	b	c		3	
15	Manuel Pinto Cardoso	Estalagem, roça e lavra		c			11
16	Manuel João	Armeiro	p	c		5	9
17	Marcelino da Costa	Tenente, vive de sua venda na estalagem	b			1	
18	Lourenço Correia de Melo	Meirinho	b	c	2	1	1
19	Inácia Maria Pires de Oliveira		b	V	4	2	13

20	Vitoriano Caetano Ferreiro	capitão	c	c		1	4
21	Manuel da Gama	forro, "vive de viajar para ajuste ou aluguel da sua pessoa"		s			
22	Marcos José Rebelo	Capitão, escrivão	b				8*
23	Joaquina Antônia		p	V	2	2	10
24	José Gonçalves	Venda de açúcar	p	s			
25	Joaquim José de Santana	Anspeçada do Regimento de Linha					2*
26	Tereza Vaz de Carvalho		p	v	2	2	
27	Ventura da Costa Rangel	Ensaizador da Real Intendência	p	v	1	3	7*
28	Josefa Pereira de Assumpção		p	v	2	5	
29	Josefa Honorata			s		3	5
30	Bernardo Teixeira Alves	sargento-mor		c	2		8
31	Manuel Ferreira da Silva Sintra	tenente, tabelião		c	4	1	3
32	Maria Joaquina Claudina do Rosário		b	s		4	4
33	Ana Rosa	Vive de venda	p	s			
34	Manuel José as Silva	Vive de negócios de couro	b	c	1		1
35	Silverio de S. ^a Fonseca	Marcineiro e Coronheiro	p	v		1	2
36	Maria Joaquina do Monte Porciana			s	3	5	
37	D. Paschoa Josefa Joaquina da Ressurreição		b	s		3	
38	José Francisco Lustosa	Capitão e alfaiate	b	s			
39	Lariano Antônio	Oficial da contadoria, alferes	b	c	2		1
40	José Verissimo da Fonseca	tabelião	b	c	3		11
41	Julião da Silva Tavares	Escrivão					
42	Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos	Inspetor do papel selado e advogado	b	c	9	3	14
43	José da Silva	soldado	b	v		5	
44	Claudina Inácia Baracho Enserrabodes		b	c	6	2	
45	Eusébio Gomes dos Santos	Escrivão	b	c	5		1
46	Francisco Antônio Pereira	latoeiro	b	c			3
47	Antônio Pereira so Lago	Meirinho	p	s			1
48	Florencio Pereira Campos	alfaiate	p	c			
49	Clara Joaquina de S. José	costureira	p	s		2	1
50	Geraldo Frz. S. tiago	cirurgião	p	c	1		1
51	Antônio Velho Br.am	cerieiro	b	v		1	3
52	Juliana	costureira	p	v	4	1	
53	Juliana dos Anjos da Conceição	costureira	c	v	2	1	
54	Joaquim de Souza Benavides	Vive de ensinar meninos	b	c	2	7	
55	Joaquim José Gularte	Vive de vender toucinhos	b	s		1	1
56	Jacinto Az. ^o de Meireles	Sem oficio algum	b			3	
57	Manuel Az. ^o de Meireles	Vive de vender couro	b	s	2	5	4
58	D. clara Maria de Jesus	Vive do jornal de seus escravos	b	v			3
59	Ana Vieira Rodrigues	Lavadeira	cb	s	1	7	1
60	Paulo José de Miranda	Ajudante da contadoria	b	c	1		4
61	Antônia Maxado	costureira	p	v	3	4	3

62	José Ferreira Santiago	Vive de carregar pedras, capitão	b	c		1	9
63	Leonor Maria	costureira	p	s		1	
64	Pedro ferreira da crús	capineiro	cg	c		4	1
65	Jose Inacio Pereira	soldado	b				1
66	Antônia Maria dp Sacramento	forra	c	s	1		4
67	Manuel José de Mesquita	Sargento-mor, vive de cobranças	b	s			5
68	Francisco Marcelino Almeida	Alferes, vive de negócios de fazenda seca	b	s		2	1
69	Luiz José dos Reys	Vive de venda	b	c	2		
70	Manuel Pimenta da Costa	soldado		s		1	3
71	Maria Glz. De Sr. ^a Portugal	costureira	c	v	1		
72	timotea Maria Guedes	costureira	p	s		8	1
73	Francisco Lopes de Oliveira	Alferes, vive de negócios de molhados	b	c			2
74	Antônio Francisco Rodrigues	Tenente, vive de negócios de fazenda seca	p	c			1
75	Manuel de Assunção Cruz	Capitão, músico	p	c	3		6
76	Patricia Josefa Pereira Tavares	costureira	p	s	1	2	1
77	Romana tereza Gomes	padeira	p	c	1	4	15
78	Justa Rufina da Persiuncula	costureira	p	v	1	1	
79	Francisca dos Santos	Vive de venda	p	s	1		
80	Maria de Souza	lavadeira	p	s			
81	Antônio Soares	Vive de reguerante	cb	s			
82	Francisco dos Santos	Vive de venda	cb	s			
83	Francisco de Paula	sapateiro	p	c	5		
84	Genoveva Ribeiro de Melo	costureira	p	s	5	1	3
85	Caetana Bernarda de Araújo	costureira	p	v		1	6
86	Ana Miz	fiscador	m	s			
87	Feliciano Teixeira	costureira	p	s		2	5
88	Ana Rodrigues Bandeira	costureira	c	v	4		
89	José teodoro de Toledo Piza	Escrivão da Contadoria	b	c		1	
90	Estevão Dourado	Alfaiate	p	s			
91	Roque Gos	Fiscador	a	s			
92	Francisco G s. Baltar	Fiscador		v			2
93	Manuel Alves de Carvalho Torres	Sargento-mor, Escriturário da Contadoria	b	s			2
94	Félix Caetano Ferreira, sargento-mor	Venda	c	v			1
95	Domingos Mar. ^o da Silva	Venda	b	s			
96	Florencia Alz. Da Crús	venda	p	s			1
97	Joaquim José de Sr. ^a Glz.	soldado		c			1
98	Joaquim José de Freitas	furriel do regimento		c			2
99	Manuel Pinheiro	soldado		s	5		5
100	Antônio Peixoto	soldado		s			1
101	Maria Antônia de Faria	costureira	p	v	1		1
102	Inés de Castro	Vive de esmolas	c	v			
103	Silveira Fernandes	Vive de fiar algodão	c	s			
104	Jose Vaz de Carvalho	Capitão, mineiro	p	v		2	3
105	Antônio Jozé de Freitas	Vive de regr.te	b	s		2	

	Guimarães						
106	Faustino dos Santos Portugal	alfaiate	p	c	4	1	2
107	Ricardo José Carneiro	Vive de venda	p	c	4		2
108	Manuel dos Santos Abreu	Reverendo vigário					1
109	José Ferreira da Silva	Tenente, cobrador da bula		c	1		3
110	Manuel de Magalhães Gomes Junior	boticario	b	s			
111	José Januario	cadete		s		5	2
112	José da Silva Brandão	capitão		c	8		7
113	Francisco Xavier	soldado		c			
114	Joaquim da Silva Guerra	ferreiro	p	c	2	3	
115	Francisco Correia da Silva	Alferes, alfaiate	p	c			
116	João da Motta	Tenente, alfaiate	a	c	4	1	
117	Geraldo dos Santos	Vende toucinho	b	c	5		3
118	Antônio Glz. Correia	músico		c	3	1	
119	Vivencia maria de Jezús	costureira	p	s		2	
120	Joana Marinha	costureira	p	s		1	
121	Jacinta Maria	costureira	c	v		3	1
122	Joana Maria da Conceição	costureira	b	s	2	1	3
123	Feliciana Francisca Lopes	costureira	p	s	2		
124	Eugenio Pereira	xupeteiro	c	c		1	
125	Maria	quitandeiro	cg				
126	Luíza Domingas da Conceição	costureira	p	s	1		
127	D. Angelica Maria de Jézus		b	s		1	5
128	Custodia Maria dos Anjos		p	v	1		
129	Joana Francisca dos Santos			c	2		
130	Josefa Maxada	Vive de pedir esmolas	m	s			
131	R.do Inacio Xavier da Silva Ferrão			c		1	2
132	Serafim Correia Fortuna	Ciringueiro, músico	p	s		1	2
133	Caetano Vás de carvalho	Sapateiro, forro	c	s			
134	Felix Pereira de Almeida	sacristão	b	s			1
135	D. Maria de S. Jozé de Oliveira	vive de Ant.º de frutas Leal	b				
136	Joaquim José de Santana	Sapateiro	p	c	3	3	
137	Antônia Lemos	lavadeira	c	s		2	
138	Maria Glz.dos Reys	costureira	p	s			
139	Silveira maria Francisca	Costureira, forra	p	v			
140	Antônio Ferreira	lenheiro	b	c	1		1
141	Ana Bernarda	Vive de fiar algodão	p	s	3	1	
142	Felix José Velasco	alfaiate	p	c	7		1
143	Inacio da Costa Pereira	alfaiate	p	c	6		1
144	Ana Alz	costureira	p	s		2	3
145	D. Ana Maria de S. Jozé	costureira	b	v	0		
146	Inacia Apolinaria Rois Valasco		p	c	5		2
147	Maria Glz	costureira	c	s			
148	Manuel Feliz Rosa	Vive de seu soldo de trombeta do 2º regimento meliciano	p	c		1	2
149	Luisa	costureira	p	s	1		

150	Ana da Rocha Ferreira	costureira	p	s	3		
151	Manuel de Lima Bacelar	porta estandarte, vive de cobranças	b	s	8		2
152	Maria Antônia	Vive de fiar algodão	p	s	6		
153	Antônia Francisca do Nascimento	costureira	b	s			1
154	D. Izabel Feliciano de Queirós	costureira	b	s			2
155	tomas Ramos	alfaiate	c	s		1	
156	Francisca de Paula	Engeitada, vive do m.mo	b	s		1	
157	Marcela Rodrigues	Vive de fiar algodão	c	s	4		
158	Ana	padeira	m	s			
159	Ana	Quitanteira	a	s		1	1
160	Marcos José de Alvarenga	Vive de suas escritas	p	c		1	1
161	Maria Joaquina	costureira	p	s	1	1	1
162	Ana Maria	lavadeira	c	s			
163	Josefa Carvalho	Vive de fiar algodão	c	s		6	
164	Joana de Couto	Vive de fiar algodão	p	s		1	
165	Ana de Ar. ^o	vive do soldo de seu filho Antônio Lour. ^o	b	c	2		
166	Ana Gomes	Vive de fiar algodão	c	c		1	
167	Francisca Maria da Silva	Vive de fiar algodão	p	s		1	
168	Hilario Ribeiro		c	v	9	2	4
169	Gabriel de Crasto	trombeta do 2º regimento	p	c	3		14
170	Feliciana Maria	costureira	c	s			
171	Caetana Maria de Souza	costureira	cb	v	1	1	1
172	Francisca Luisa	Vive de fiar algodão	p	s			1
173	Francisco de Paula Pinto	Sapateiro	p	c			
174	Marcelina de Souza	Vive de fiar algodão	p	v		2	1
175	joão de oliveira e Souza	ajudante de milicia		c	3		5
176	Josefa Maria do Rozario	vive da proteção de seus filhos	p	s			
177	Clara Maria		c	s			
178	Vicência de Araújo Silva	costureira	p	c	5	1	
179	Roza Felizarda	Costureira, vive de esmolas	p	s	2		
180	Valerio Antônio Salgado	cabo		c	1		2
181	Lourenço Rodrigues de Souza	carpinteiro	p	s		3	
182	Estevão Rodrigues Barbosa	latoeiro			1	1	11
183	Julião Caetano Ferreira	Ajudante, seleiro	c	v		4	
184	Francisco Rodrigues Barcelos	vive da proteção de seus filhos	b	c	1		1
185	Elesbão Lopes Duro		b	c	2		6
186	Agostinho Duarte da Silva	Ajudante de ensaiador	b	c	2	4	1
187	Francisco de Paula Rodrigues	furriel do regimento		s		2	
188	Antônio Ferreira Veloso, capitão	Sapateiro	c	s			
189	Tomé João Tavares do Amaral	Vive de venda	p	c		1	
190	Francisco Leite Esquerdo	trombeta do regimento	p	c	7		7
191	Ana	Lavadeira, forra				1	
192	tomas Vaz de Carvalho	Faiscador, forro	c	c			
193	Mariana da Gloria de Jezus			v	4	5	39
194	Mateus Herculano Monteiro da	tesoureiro geral	b	c	1	5	6

	Cunha Matos							
195	Jerônimo Xavier de Souza	Tenente		c	9	4	27	
196	Quiteria Maria de Jesus	Vive de esmolas	p	v	1	4	13	
197	Pedro Jozé d'Avila	cadete		c	2		2	
198	Anastacia Maria Antônia	Vive de esmolas	p	s	2			
199	Joana Baptista Ribeiro		p	c	6	3	2	
200	Hilario da Silva Porto	furriel do regimento		c	3		4	(5)
201	Roza Maria de Jezús	Vive de esmolas	cb	s	3	1		
202	Ana Francisca de Jesus	vive do soldo de seu filho	b	s		2		
203	Ana Rodrigues	lavadeira	p	s	3			
204	Antônio Ferreira Carmo	músico	p	s				
205	Manuel José de Souza	mascate	b	s				
206	Angela Lopes	lavadeira	p	c	2	3	2	
207	Joana de Lemos	costureira	p	s		2		
208	Florencia Dias de Souza		p		4			
209	Figueredo					6	6	
210	Maria da Costa Souza	Vive de esmolas	b	v	2			
211	Ana Maria	vive da proteção de seu filho Manuel de Faria, Sachristão da Capela do Carmo	p	v		2		
212	Eugenia Maria	costureira	p	s				
213	D. tereza Jacinta do Nascimento		b	c			4	
214	Constantino Neto de Souza	Sapateiro	p	c	2		1	
215	tomaz Jozé Velasco	carpinteiro	p	s				
216	Maria Sisiaca	vive de seu trabalho	p	v		5		
217	Luís Antônio Ribeiro, sargento- mor	Sargento-mor, agência	b	c	1	0	2	
218	Bento da Silva Pereira	Alferes, vive de venda	pt	c	1		1	
219	Francisco de Lemos	faiscador	c	c	1			
220	Vicente de Jesus	alfaiate	c	s		1		
221	Francisco Jozé Moreira Paulista	vive de seu trabalho braçal		c				
222	Carlos Jose Pereira	soldado		s			1	
223	Félix Antônio Lisboa, padre					7	7	
224	Bernarda Gomes	Vive de venda	c	s				
225	Joana Lopes	Vive de fiar algodão	p	s	2			
226	Joana Maria de Oliveira	Vive de esmola	b		1	1		
227	Matias Moreira Dante	Vive de suas porçoes	b	c	3			
228	Antônio de Ar.º Cortes	Vive de venda	p	s				
229	Patricio Pereira da Costa	vive de solicitador de causas- maior		s				4
230	Francisco da Silva Santos	Alferes, vive de sua estalagem	b	s		1	1	
231	Manuel José da Costa dos Prazeres	vive de seus negocios coarctado pelo R.do Antônio Gomes	b	c	4	3	3	
232	Joaquim Montr.º de Souza		pt					
233	Ana Rodrigues Brandão	vive de venda	m					4
234	Joaquina Pereira		p	s	1	3		
235	Adão Francisco	tambor do regimento dos ps	p	s		2		

236	Joana Maria da Conceição	faiscador	b g s	3	1	
237	Jozé dos Santos Correia	fugateiro	pt c			
238	Maria Gomes	faiscador	a s	9	3	
239	José Antônio de Carvalho	latoeiro	b c	1		2
240	teresa Glz.	Vive de esmolas	b g s	1		
241	Manuel Rodrigues de Almeida	escrevente	b	4	1	2
242	Feliciana Nunes dos Santos	costureira	b v	2	1	1
243	Antônia Gomes	Vive de fiar algodão	b v	3	2	2
244	Maria Gomes	costureira	s		2	8
245	Bernarda Soares	costureira	p c	1	1	2
246	Francisco felix de Moura	músico	c	4		
247	Luisa		c		1	
248	Manuel Az. De Azd. ^o	Vive de carrear	p c	2		2
249	Joaquim Higino de Carvalho	Alferes, solicitador	p c	4	5	4
250	L. ^a Inacio Correia Diniz	cabo	s	5	1	
251	José Antônio de Meira	vive de vender madr.as	b c	4		2
252	Joaquim José Madr. ^a	oficial de justiça	b c	4	2	4
253	Ana Bandeira Angelica	forra, vive de esmolas (escravos pertencente ao filho Manuel da Rocha Montr. ^o)	m		2	5
254	Bento	paulista, vive de se alugar para viagem quanto tem ocasião				
255	Manuel Jose Barbosa Pimenta e Sol	vive do offico de tingir chapéu	b s			
256	Manuel da Costa Ataide	Alferes, vive de arte e pintura	b s			4
257	Jose Glz. De Figueredo	capitão	b c			5
258	Florencia Leite	Vive de venda	c s	1	1	
259	Eufrazia Leite (1)	Vive de sua chácara	p v	7	1	4
260	Izabel Maria (1)		p s	1	1	7
261	Jacinto Coelho da Silva	lenheiro	b c	9	1	10
262	João da Silva Vieira		b c	1	2	1
263	Martinho Fernandes	oficial de Cantr. ^o	b			1
264	Antônia Maria de Abreu		v		5	
265	João José	caldeireiro	b c	6		
266	Maria Soares Braga (2)	vive de carregar telha e madr. ^a lavrada da rossa e olaria	p v	3	2	29
267	Antônio José Vieira de Carvalho (1)	Cirurgião; Saramenha			2	12
268	Clara Maria de Castro	Vargem	b v		1 7	1 17